

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Diana Nogueira Grilo

Lisboa, setembro 2012



Parecer do(a) Orientador(a)

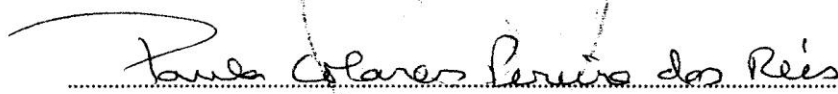
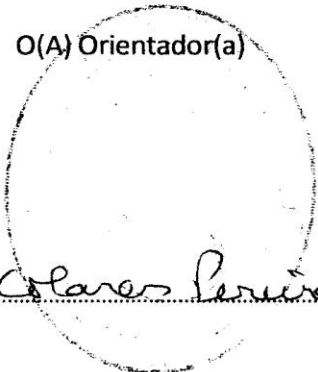
Nome do(a) orientador(a) ... PAULA COLARES PEREIRA DOS REIS ,
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)
licenciado(a) ... DIANA NOGUEIRA GUILLO

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) MESTRADO EM EDUCAÇÃO,
PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO considero que se trata
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo
Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 6 de SETEMBRO de 2012

O(A) Orientador(a)


.....


Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Diana Nogueira Grilo

Relatório apresentado para obtenção do grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a
orientação da Professora Doutora Paula Colares Pereira dos Reis

Lisboa, setembro 2012

Agradecimentos

Foi com muito esforço, dedicação e carinho, mas estou finalmente perto do fim desta grande etapa.

Por isso, gostaria de referir alguns nomes a quem devo agradecer e que nesta grande e difícil fase da minha vida, foram os meus pilares de força.

À minha família, em especial, aos meus queridos pais, por me terem dado a oportunidade de realizar este grande sonho, e também, por terem estado sempre a meu lado nos momentos bons e nos menos bons que passei ao longo deste curso.

Em especial, também ao meu irmão e à minha cunhada, que ao longo deste tempo foram pessoas sempre atentas e disponíveis para as minhas dúvidas e dificuldades.

Ao meu namorado que esteve sempre a meu lado e deu-me muita força em todos os momentos.

A todos os professores com quem pude contar ao longo destes anos, em especial à Professora Doutora Paula Colares Pereira dos Reis porque sempre que precisei, esteve disponível para me receber, explicar e ensinar tudo aquilo que lhe perguntava, nunca me deixando assim sem resposta, e à Professora Doutora Filomena Caldeira por me ter ensinado muita coisa, quer a nível profissional quer pessoal, deixando assim um forte agradecimento a duas pessoas muito especiais.

A todos os Jardins-Escolas, e a todas as educadoras e professoras com quem pude estar e que me ensinaram o quanto sabiam.

Por último, a todos os meus colegas, em especial à minha colega Vera, porque de colega passou a amiga, conselheira e cúmplice.

Obrigada a todos aqueles que aqui referi, por me terem dado toda a coragem de que necessitava.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS	XVI
ÍNDICE DE QUADROS	XVIII
INTRODUÇÃO.....	1
1. Identificação do local de estágio.....	1
2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional	2
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional	3
4. Identificação do grupo de estágio	3
5. Metodologia utilizada	4
6. Pertinência do estágio	6
7. Cronograma	7
CAPÍTULO 1 – RELATOS DIÁRIOS	9
1.ª Secção - Estágio no Bibe Azul	9
1.1. Caracterização da turma.....	9
1.2 Caracterização do espaço.....	9
1.3 Horário do Bibe Azul.....	10
1.4 Rotinas	11
1.5 Relatos Bibe Azul.....	15
1.5.1 Enquadramento Teórico.....	15
1.5.2 Relatos Diários.....	20
2ª Secção - Estágio no Bibe Amarelo	34
2.1 Caracterização da turma.....	34
2.2 Caracterização do espaço.....	34
2.3 Horário do Bibe Amarelo	35
2.4 Rotinas	36
2.5 Enquadramento teórico	38
2.6 Relatos do Bibe Amarelo.....	40
3.ª Secção - Estágio no Bibe Encarnado.....	57

3.1	Caracterização da turma.....	57
3.2	Caracterização do espaço.....	57
3.3	Horário do Bibe Encarnado	57
3.4	Rotinas	58
3.5	Relatos do Bibe Encarnado.....	61
4. ^a	Secção - Estágio Intensivo.....	75
4.1	Identificação do local de estágio.....	75
4.2	Caracterização do espaço.....	75
4.3	Caracterização da turma.....	76
4.4	Rotinas	76
4.5	Horário.....	76
4.6	Relatos diários	76
5. ^a	Secção - Estágio no 1.ºAno A.....	78
5.1	Identificação do Local de estágio	78
5.2	Caracterização da turma – 1.º Ano	79
5.3	Caracterização do espaço.....	79
5.4	Horário do 1.º Ano.....	80
5.5	Rotinas	81
5.6	Relatos do 1.º Ano – Bibe Castanho.....	83
6. ^a	Secção - Estágio no 2.º Ano	97
6.1	Caracterização da turma.....	97
6.2	Horário do 2.º Ano.....	98
6.3	Rotinas	98
6.4	Relatos do 2.º Ano	100
7. ^a	Secção - Estágio no 4.º Ano	110
7.1	Caracterização da turma.....	110
7.2	Horário do 4.º Ano.....	111

7.3 Rotinas	111
7.4 Relatos do 4.º Ano	111
8.ª Secção - Estágio no 2.º Ano	120
8.1 Caracterização da turma.....	120
8.2 Horário do 2.º Ano.....	121
8.3 Rotinas	121
8.4 Relatos do 2.º Ano	122
Inferências.....	125
CAPÍTULO 2 – PLANIFICAÇÕES	133
2.1 Descrição do capítulo	133
2.2 Fundamentação teórica	134
2.3 Planificações	137
2.3.1 1.ª Secção - Planificações do Pré-escolar	137
2.3.1.1 Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	137
2.3.1.2 Conhecimento do Mundo	139
2.3.1.3 Iniciação à Matemática	142
2.3.2 2.ª Secção - Planificações do 1.º Ciclo do Ensino Básico	145
2.3.2.1 Matemática	145
2.3.2.2 Língua Portuguesa	147
2.3.2.3 Estudo do Meio.....	149
2.3.3 3.ª Secção - Planificações da Prova Prática de Capacidade Profissional	151
2.3.3.1 Língua Portuguesa	152
2.3.3.2 Estudo do Meio.....	153
2.3.3.3 Matemática	154
2.3.3.4 Jogo.....	155
CAPÍTULO 3 – DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO.....	157
Descrição do capítulo	157

Fundamentação teórica	157
3.3 Dispositivos de Avaliação do Ensino Pré-Escolar.....	164
1.ª Secção – Dispositivo de avaliação da área de Domínio da Iniciação à Matemática	164
3.3.1 Descrição da escala de avaliação, parâmetros e critérios	165
Grelha de Avaliação	168
Análise da grelha de avaliação	169
Análise do Gráfico	170
2.ª Secção – Dispositivo de avaliação na área de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	170
Critérios de Avaliação	171
Grelha de Avaliação	172
Análise da grelha de avaliação	173
Análise do Gráfico	174
3.ª Secção – Dispositivo de avaliação na área de Domínio do Conhecimento do Mundo.....	174
Critérios de Avaliação	175
Grelha de Avaliação	176
Análise da grelha de avaliação	177
Análise do gráfico	178
2.º Momento referente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	179
4.ª Secção – Dispositivo de avaliação na área da Matemática.....	179
Critérios de Avaliação	181
Grelha de Avaliação	182
Análise da grelha de avaliação	183
Análise do gráfico.....	184
5.ª Secção – Dispositivo de avaliação na área de Língua Portuguesa	184
Critérios de Avaliação	186

Grelha de Avaliação	187
Análise da grelha de Avaliação	188
Análise do gráfico	189
REFLEXÃO FINAL.....	191
Considerações finais	191
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	197

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Entrada da casa de banho do Jardim-Escola</i>	13
Figura 2 - <i>Escorrega do Jardim-Escola</i>	14
Figura 3 - <i>Perspetiva do recreio do Jardim-Escola</i>	14
Figura 4 - <i>Perspetiva da sala do Bibe Azul</i>	15
Figura 5 - <i>Decoração da sala do Bibe Azul</i>	15
Figura 6 - <i>Perspetiva do corredor do Jardim-Escola</i>	20
Figura 7 - <i>Decoração do corredor do Jardim-Escola</i>	20
Figura 8 - <i>Outra perspetiva do corredor</i>	20
Figura 9 - <i>Calculadoras Papi</i>	21
Figura 10 - <i>Cuisenaire (escada por ordem crescente)</i>	23
Figura 11 - <i>Calculadores Multibásicos</i>	24
Figura 12 - <i>Tangram</i>	25
Figura 13 - <i>Decoração da Sala do Bibe Amarelo</i>	40
Figura 14 - <i>Sala do Bibe Amarelo</i>	40
Figura 15 - <i>1.º Dom de Froebel</i>	55
Figura 16 - <i>Decoração da Sala do Bibe Encarnado</i>	61
Figura 17 - <i>Sala do Bibe Encarnado</i>	61
Figura 18 - <i>Sala do 3.º e 4.º Ano</i>	75
Figura 19 - <i>Cantinho da Leitura</i>	75
Figura 20 - <i>Biblioteca</i>	75
Figura 21 - <i>Postal de Carnaval realizado com os alunos</i>	77
Figura 22 - <i>Outra perspetiva do postal de Carnaval</i>	77
Figura 23 - <i>Alunos no desfile Carnavalesco</i>	77
Figura 24 - <i>Desfile Carnavalesco</i>	77
Figura 25 - <i>Eu e a professora cooperante no desfile Carnavalesco</i>	77
Figura 26 - <i>Construção da Camioneta com o 3.º e 4.º Dons de Froebel</i>	91
Figura 27 - <i>Cartões lúdicos para a leitura</i>	91
Figura 28 - <i>Proposta de trabalho na área do Domínio da Iniciação à Matemática</i>	165

Figura 29 - <i>Gráfico de resultados da avaliação da atividade de domínio da matemática</i>	169
Figura 30 - Proposta de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	171
Figura 31- <i>Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Domínio da Linguagem e Abordagem à escrita</i>	173
Figura 32 - Proposta de trabalho na área de Domínio do Conhecimento do Mundo.....	175
Figura 33 - <i>Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Domínio do Conhecimento do Mundo</i>	177
Figura 34 - <i>Proposta de trabalho na área da Matemática 1</i>	179
Figura 35 - <i>Proposta de trabalho na área da Matemática 2</i>	180
Figura 36 - <i>Proposta de trabalho na área da Matemática 3</i>	180
Figura 37 - <i>Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Matemática</i>	183
Figura 38 - <i>Proposta de trabalho na área da Língua Portuguesa</i>	185
Figura 39 - <i>Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Língua Portuguesa</i>	188

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - <i>Cronograma do Estágio Profissional no ensino Pré-Escolar</i>	8
Quadro 2 - <i>Cronograma referente ao Seminário de Contacto com a Realidade Educativa</i>	8
Quadro 3 - <i>Cronograma do Estágio Profissional no 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>	8
Quadro 4 - <i>Horário do Bibe Azul</i>	11
Quadro 5 - <i>Horário do Bibe Amarelo</i>	35
Quadro 6 - <i>Horário do Bibe Encarnado</i>	58
Quadro 7 - <i>Horário do 1.º Ano</i>	80
Quadro 8 - <i>Horário do Bibe Verde, 2.º Ano</i>	98
Quadro 9 - <i>Horário do Bibe Azul Escuro, 4.º Ano</i>	111
Quadro 10 - <i>Horário do Bibe Verde, 2.º Ano</i>	121
Quadro 11 - <i>Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem</i>	133
Quadro 12 - <i>Planificação de Estimulação à Leitura no Pré-Escolar</i>	137
Quadro 13 - <i>Planificação de Conhecimento do Mundo no Pré-Escolar</i>	139
Quadro 14 - <i>Planificação de Iniciação à Matemática no Pré-Escolar</i>	142
Quadro 15 - <i>Planificação de Matemática no 1.ºCiclo do Ensino Básico</i>	145
Quadro 16 - <i>Planificação de Língua Portuguesa no 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>	147
Quadro 17 - <i>Planificação de Estudo do Meio no 1.ºCiclo do Ensino Básico</i> ...	149
Quadro 18 - <i>Planificação de Língua Portuguesa da PPACP</i>	152
Quadro 19 - <i>Planificação de Estudo do Meio da PPACP</i>	153
Quadro 20 - <i>Planificação de Matemática da PPACP</i>	154
Quadro 21 - <i>Planificação do Jogo da PPACP</i>	155
Quadro 22 – <i>Escala de avaliação utilizada</i>	165
Quadro 23 - <i>Critérios de avaliação para a atividade de Domínio da Matemática</i>	167
Quadro 24 - <i>Grelha de avaliação da atividade do Domínio da Matemática</i> ...	168
Quadro 25 - <i>Critérios de avaliação para a atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</i>	171
Quadro 26 - <i>Grelha da avaliação da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</i>	172

Quadro 27- <i>Critérios de avaliação para a atividade de Domínio do Conhecimento do Mundo</i>	175
Quadro 28 - <i>Grelha da avaliação da atividade de Domínio do Conhecimento do Mundo</i>	176
Quadro 29 - <i>Critérios de avaliação para a atividade de Matemática</i>	181
Quadro 30 - <i>Grelha da avaliação da atividade de Matemática</i>	182
Quadro 31 - <i>Critérios de avaliação para a atividade de Língua Portuguesa</i> ..	186
Quadro 32 - <i>Grelha da avaliação da atividade de Língua Portuguesa</i>	187

INTRODUÇÃO

No âmbito das Unidades Curriculares de Estágio Profissional I, II e III foi-nos solicitado a elaboração de um Relatório de Estágio Profissional.

O Estágio Profissional teve início a 11 de outubro de 2010 e terminou a 27 de janeiro de 2012, realizando-se três vezes por semana com a duração de 12 horas semanais.

O Estágio Profissional consistiu na observação e descrição diária das atividades das crianças no Jardim-Escola passando por todos os grupos etários do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Foi-nos pedido que elaborássemos em cada faixa etária, os relatos diários com as respetivas inferências e fundamentação teórica, as planificações das atividades realizadas e os dispositivos de avaliação.

Realizei em dois Jardins Escolas em virtude do primeiro não ter a valência do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1. Identificação do local de estágio

Importa também conhecer e caracterizar a instituição onde foi realizado o estágio profissional. De seguida, encontra-se a descrição do espaço exterior, interior e circundante do Jardim-Escola. Faz-se também referência aos meios humanos que contribuem diariamente para o funcionamento da instituição.

O Jardim-Escola está situado no distrito de Lisboa, no concelho de Sintra, numa área maioritariamente residencial, mas também uma zona de grande expansão comercial e industrial.

Quanto ao espaço exterior fazem parte: dois recreios, um para as crianças do jardim-escola e outro para as atividades de tempos livres (A.T.L.) e uma pequena quinta pedagógica, com horta e animais. Os espaços de recreio são bastante agradáveis e espaçosos e as suas dimensões estão de acordo com o número de crianças. Em ambos os recreios existem espaços de lazer e divertimento para as crianças.

Nestes estabelecimentos de ensino trabalha uma vasta equipa composta por uma Diretora Pedagógica, Educadoras, Auxiliares de Educação e outros colaboradores.

As crianças que frequentam o Jardim-Escola de Albarraque têm idades compreendidas entre os 4 meses e os 5 anos de idade. Estão organizadas conforme a faixa etária em turmas, existindo duas turmas em cada bibe.

A cada idade corresponde uma cor de bibe. As correspondências são as seguintes: Bibe Verde – 1 ano; Bibe Azul-turquesa – 2 anos; Bibe Amarelo – 3 anos; Bibe Encarnado – 4 anos; Bibe Azul – 5 anos. Existe também o Berçário onde estão os Bebés com idades compreendidas entre os 4 meses e os 12 meses. Cada turma tem em média 24 alunos.

No Jardim-Escola as crianças têm atividades extracurriculares: Música, Inglês, Ginástica, Ballet e Karaté, adaptadas a cada faixa etária.

A organização do espaço, a sua disposição, a sua funcionalidade e estética motivam as atividades a realizar e a dinâmica de relação e interação com o grupo de crianças. O espaço é confortável, com materiais atraentes, que estimulam as crianças no processo de exploração.

O Jardim Escola onde realizei o estágio do 1.º Ciclo do Ensino Básico fica em Lisboa. Este tem a valência de Pré-Escolar e 1.º Ciclo.

2.Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional

Este relatório está dividido em Introdução com vários pontos: Identificação do local de estágio; Descrição da estrutura do relatório; Importância do mesmo; Identificação do grupo de estágio; Metodologia utilizada; e o cronograma.

Seguido de três capítulos, o primeiro inclui os Relatos Diários, onde podemos encontrar todas as atividades realizadas com todos os detalhes e respetivas inferências. O capítulo 2 com algumas Planificações que foram elaboradas durante o Estágio Profissional. O capítulo 3 com os Dispositivos de Avaliação que incluem as avaliações de várias atividades realizadas e, a Reflexão Final, que como o nome indica apresenta a minha opinião e considerações sobre o Estágio Profissional.

Termino com as Referências Bibliográficas, onde constam as pesquisas feitas e os seus autores.

3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

Foi-nos solicitado que elaborássemos este relatório de Estágio Profissional com base nas observações que diariamente íamos realizando, com as respetivas fundamentações teóricas e inferências. Observar diferentes profissionais e metodologias permitiu-me enriquecer o meu conhecimento e ajudou-me a ser mais crítica e reflexiva.

O presente relatório representa os últimos momentos de avaliação que dará a habilitação para o exercício da minha profissão e obtenção do grau de Mestrado.

Outro dos motivos de extrema importância foi ter de pesquisar, investigar, estudar conceitos e ideias que são do meu interesse académico e profissional. Pretendo ainda tirar conclusões e refletir sobre as situações vivenciadas, para num futuro próximo saber ultrapassar situações do quotidiano da melhor forma possível.

A acuidade científica é outro motivo muito importante para a realização deste trabalho, uma vez que para a sua produção foi necessário consultar livros, artigos, teses, entre outros, conhecer ideias de diversos autores, que justificassem cientificamente o trabalho da educadora e professora e de alguns comportamentos por parte das crianças.

4. Identificação do grupo de estágio

Nos momentos em que estive no Pré-Escolar fiquei sozinha não tendo grupo de estágio. Quando passei para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, juntei-me a uma colega, e assim formámos o nosso grupo de estágio.

Desta forma pude constatar como é importante o trabalho entre pares, pois temos acompanhado uma à outra e ajudando mutuamente nas diferentes situações quer as boas quer as menos boas.

5. Metodologia utilizada

Importa agora mencionar a metodologia utilizada na recolha de dados. Todos os dados referenciados na elaboração dos relatos diários foram recolhidos segundo a técnica de observação e análise documental, incluindo também a fotografia, onde poderemos analisar certos aspetos ao pormenor.

A técnica de observação foi muito importante, essencial e indispensável pois foi com esta técnica que obtive as informações e pude elaborar os relatos e as inferências.

Quivy e Campenhoudt (1992) sistematizam:

“A observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis. Ao longo desta fase são reunidas numerosas informações. Serão, sistematicamente analisadas numa fase ulterior. A observação é, portanto, uma etapa intermédia entre a construção dos conceitos e das hipóteses, por um lado, e o exame dos dados utilizados para as testar, por outro.” (p.157)

Nisbet (citado por Bell 2010), refere que “a observação, porém, não é um dom «natural», mas uma atividade altamente qualificada para a qual é necessário não só um grande conhecimento e compreensão de fundo, mas também a capacidade de desenvolver raciocínios originais e uma certa argúcia na identificação de acontecimentos significativos.” (p.161)

Para Afonso (2005), “a observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários.” (p.91)

A observação realizada na elaboração deste relatório foi direta. A observação direta, segundo Deshaies (1992), “é realizada quando se toma nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das acções, das realidades físicas (por exemplo, as paisagens), em suma do que se passa ou existe num dado momento numa dada situação.” (p.296)

De acordo com Quivy e Campenhoudt (1992), os métodos de observação direta “constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho.” (p.197)

Para obter informação, é necessário observar as atitudes e comportamentos das crianças face às atividades ou propostas realizadas. De acordo com Deshaies (1992), “a observação constitui a espinha dorsal dos trabalhos de pesquisa.” (p.296)

Deste modo, com esta técnica de observação envolvemo-nos com as crianças, daí haver uma transmissão de sentimentos, uma criação de laços de afinidade, que partilhamos.

Nesse sentido, Bogdan e Biklen (1994), dizem que:

“Os sentimentos do observador podem constituir um importante indicador dos sentimentos do sujeito e, como tal, uma fonte de reflexão. Podem também ajudar o investigador a formular questões que o conduzam às experiências dos sujeitos. Nesse sentido, as reacções emocionais do observador são uma fonte de intuições de investigação. Se cuidadosamente separadas, selectivamente apresentadas e apropriadamente expressas, podem também ser uma maravilhosa via para desenvolver uma relação.” (p.133)

Para resumir e concluir este ponto, Carmo e Ferreira (2008) sustentam que “observar é seleccionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com o recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão.” (p.111)

Como percebemos pela leitura destas citações também é necessário que o investigador saiba separar estes aspetos por forma a ser crítico e rigoroso.

Para além da técnica de observação utilizei também análise documental. Solicitei às educadoras cooperantes que me deixassem consultar os documentos essenciais das suas turmas para responder a alguns pontos. Assim como, também pedi à diretora para consultar alguns documentos sobre o Jardim-Escola e o seu meio envolvente. Carmo e Ferreira (2008), referem que a análise documental, “antes de mais esta visa seleccionar, tratar e interpretar informação bruta existente em suportes estáveis (scripto, audio, video e informo) com vista a dela extrair algum sentido.” (p.73)

A análise documental torna-se rígida e exigente na forma como se retira a informação, esta exige atenção para que seja retirado o conteúdo importante a referir no trabalho. Bell (2010) aponta que “a selecção adequada de documentos é particularmente importante naquilo a que se chama «análise de conteúdos», que já foi definida como «uma técnica de investigação para fazer inferências válidas e repetíveis a partir dos dados e em relação ao seu contexto».” (p.107)

Para finalizar é importante que tenhamos a capacidade de fazer ou refazer uma boa análise documental e conseguir retirar o conteúdo importante.

Por último achei pertinente referir e justificar cientificamente o método fotográfico, porque através deste o leitor pode visualizar alguns aspetos que por vezes se tornam difíceis de relatar ou descrever.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), “as fotografias dão-nos fortes dados descritivos, são muitas vezes utilizadas para compreender o subjectivo e são frequentemente analisadas indutivamente.” (p.183)

Com este trabalho pretendo firmar os meus conhecimentos, tirar conclusões que me ajudem a crescer quer a nível pessoal quer a nível profissional.

Metodologicamente o presente trabalho foi realizado segundo as normas APA (American Psychological Association) e Azevedo (2000) de forma a organizar corretamente o trabalho escrito.

6. Pertinência do estágio

O estágio é um dos momentos imprescindíveis para a construção da identidade profissional do docente, na medida em que possibilita uma incorporação de conhecimentos teóricos e procedimentos, bem como uma necessária aproximação às situações em que decorre o desempenho profissional. Vieira, Moreira, Barbosa, Paiva e Fernandes (2009) sustentam que “o estágio pedagógico pode também ser um período de elevado valor formativo, pela variedade e riqueza das aprendizagens realizadas.” (p. 45)

Conforme referem estes autores:

“As características do estágio pedagógico sustentam alguns dos critérios de qualidade da investigação-acção: 1) o principal foco de atenção dos estagiários é a sala de aula e os processos ensino/aprendizagem, visando a exploração de modos de os melhorar, a curto prazo, o que vem ao encontro da natureza prática e situacional da investigação-acção e da sua orientação para a melhoria da acção educativa. 2) o facto de os estagiários trabalharem em grupo, com apoio supervisivo na escola e na universidade, garante a participação e a colaboração, dado que aqueles assumem um papel activo na construção do seu conhecimento profissional.” (p.49)

É através do estágio que concretizamos atividades diferenciadas, tais como, a observação, a análise e a responsabilização por atividades docentes, importa referir que é uma prática onde se valorizam conhecimentos, capacidades, valores, atitudes que compõem relações interpessoais. Exigem que façamos uma prática reflexiva, para que possamos corrigir tudo aquilo que possamos errar.

Para Korthagen (citado por Flores & Simão 2009):

“Os alunos futuros professores reflectem sobre o seu pensamento, sentimento, desejo e acção, e também sobre os mesmos aspectos nos seus alunos. O objectivo desta reflexão é torná-los mais conscientes sobre a forma como são orientados por alguns sinais durante o seu ensino, incluindo sinais vindos de dentro da pessoa, tais como sentimentos de irritação ou de precipitação. É exactamente isto que, muitas vezes, se revela complicado para os professores principiantes: enquanto ensinam, não estão completamente conscientes dos seus sentimentos e das suas necessidades, nem dos sentimentos e necessidades dos seus alunos.” (p.48)

Para concluir, penso que o estágio, ou seja, a prática pedagógica é muito importante para a minha futura profissão. Como referem Vieira *et al.* (2009), “o estagiário é um ser em formação: Desenvolvimento de uma postura pró-activa e reflexiva do professor em formação, traduzida num envolvimento real e motivado na tarefa da observação.” (p.91)

Pelo facto de podermos preparar e dar aulas e termos uma equipa de profissionais que nos orienta e ajuda, permite-nos refletir em cada momento e desta forma corrigirmos o que não correu tão bem e assim, alterarmos a nossa postura e atitude perante as situações.

7. Cronograma

Nos quadros 1, 2 e 3 apresento o tempo de estágio em cada grupo/faixa etária onde estive, entre 11 de outubro de 2010 a 27 janeiro de 2012, por ordem cronológica do mesmo.

Assim, no Pré-Escolar Bibe Azul (5 anos), Bibe Amarelo (3 anos) e Bibe Encarnado (4 anos). No 1.º Ciclo Bibe Castanho (1.º ano), Bibe Verde (2.º ano), Bibe Azul Escuro (4.º ano) e Bibe Verde (2.º ano).

Quadro 1 - Cronograma do Estágio Profissional no ensino Pré-Escolar

Pré-Escolar		
1.ª Secção	2.ª Secção	3.ª Secção
11 de outubro de 2010 a 17 de novembro de 2010	19 de novembro a 7 de janeiro de 2011	10 de janeiro de 2011 a 21 de fevereiro de 2011
Bibe Azul	Bibe Amarelo	Bibe Encarnado

Quadro 2 - Cronograma referente ao Seminário de Contacto com a Realidade Educativa

Seminário de contacto com a Realidade Educativa
4.ª Secção
28 de fevereiro de 2011 a 4 de março de 2011
3.º e 4.º ano do Ensino Público

Quadro 3 - Cronograma do Estágio Profissional no 1.º Ciclo do Ensino Básico

1.º Ciclo			
5.ª Secção	6.ª Secção	7.ª Secção	8.ª Secção
14 de março de 2011 a 13 de maio de 2011	20 de maio de 2011 a 8 de julho de 2011	27 de setembro de 2011 a 18 de novembro de 2011	21 de novembro 2011 a 27 de janeiro de 2012
Bibe Castanho 1.º Ano	Bibe Verde 2.º Ano	Bibe Azul escuro 4.º Ano	Bibe Verde 2.º Ano

CAPÍTULO 1 – RELATOS DIÁRIOS

Descrição do capítulo

Este capítulo encontra-se dividido em sete secções de acordo com os sete momentos de estágio. Em cada uma delas encontra-se a caracterização de cada grupo de crianças, cedida pelas educadoras cooperantes, o horário semanal do grupo e os relatos diários com as inferências e respetivas fundamentações teóricas.

1.ª Secção - Estágio no Bibe Azul

1.1. Caracterização da turma

A turma do Bibe Azul onde estagiei é composta por 24 crianças, 9 do sexo feminino das quais 3 tem 4 anos e 6 tem 5 anos e 15 crianças do sexo masculino das quais 2 tem 4 anos e 13 tem 5 anos.

As crianças desta turma demonstram motivação e interesse pelas diversas aprendizagens, como também revelam ter uma excelente relação com a educadora da turma.

A grande maioria das crianças evidencia um temperamento equilibrado, extrovertido, expansivo, comunicativo e alegre. Estas crianças gostam de receber e corresponder a trocas afetivas.

1.2 Caracterização do espaço

A sala do Bibe Azul tem duas áreas distintas, a área das mesas, que se encontram organizadas por filas de frente para o quadro, onde as crianças realizam atividades individuais e dirigidas pela educadora cooperante, e a área do chão, um espaço mais amplo onde realizam atividades em conjunto.

De acordo com Zabalza (1998), é muito importante que as salas do Pré-Escolar tenham espaços amplos para a concretização de atividades que proporcionam essa necessidade. “A função do espaço é dar opção à iniciativa da criança. A função do educador é a de providenciar um clima de segurança e reconhecimento que estimule as crianças e lhes combata a inibição.” (p.127)

Nesta sala é possível encontrar vários materiais de apoio às aprendizagens, bem como a Cartilha Maternal que é utilizada diariamente na aprendizagem da leitura e livros para leitura. Nas paredes também há trabalhos expostos elaborados pelas crianças.

Todo o material exposto permite compreender um pouco da rotina deste bibe, bem como o trabalho da educadora. De acordo com o autor atrás referido “quando entramos numa sala e vemos como está organizada, fazemos de imediato uma ideia de como trabalha aquele educador, de como vê e entende o trabalho na escola infantil.” (p.124)

Esta educadora faz questão em manter o espaço bastante atrativo e acolhedor.

1.3 Horário do Bibe Azul

Faz parte do Plano Curricular de Turma a elaboração de um horário semanal que inclua o maior número de atividades distribuídas ao longo da semana, que promovam o desenvolvimento aprazível e estável das crianças, conforme se pode ver no quadro 4, que de seguida apresento. Este horário é flexível e ajustável às diferentes situações que possam surgir no dia-a-dia.

Tendo em conta, o facto de realizar o estágio apenas à segunda, terça e sexta-feira, não foi possível assistir a todas as atividades.

Quadro 4 - Horário do Bibe Azul

Bibe Azul A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
09h00/09h30	Acolhimento no Salão				
09h30/10h00	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Escrita Matemática	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Escrita Matemática
10h00/10h30				Iniciação à Matemática	
10h30/11h00	Atividades de Ar Livre				
11h00/11h30	Iniciação à Matemática	Educação pelo Movimento	Iniciação à Matemática	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática
11h30/12h30	Iniciação à Escrita Matemática	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Escrita Matemática		Iniciação à Escrita Matemática
12h30/13h00	Jogos Livres e Orientados	Biblioteca de Turma	Jogos Livres e Orientados		Jogos Livres e Orientados
13h00/13h30	Almoço				
13h30/14h00	Atividades de Ar Livre				
14h00/14h30	Informática	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Ditado Gráfico
14h30/15h00	Informática/Expressão Plástica		Música		
15h00/15h30	Conhecimento do Mundo	Expressão Plástica		Terminar e Arrumar Trabalhos	
15h30/16h00	Estimulação à Leitura	Estimulação à Leitura	Estimulação à Leitura	Estimulação à Leitura	Inglês
16h00/16h30	Lanche				
16h30/17h00	Jogos Livres e Orientados	Jogos Livres e Orientados	Jogos Livres e Orientados	Jogos Livres e Orientados	Jogos Livres e Orientados

1.4 Rotinas

As rotinas como o nome indica, são algo que é feito todos os dias da mesma forma. São planeadas e ajustadas a imprevistos que possam acontecer.

Podemos ler nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), Ministério da Educação (ME, 2009) “o tempo educativo tem, em geral, uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade.” (p.40)

E ainda podemos ver como definem rotina educativa:

“A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor

modificações. Nem todos os dias são iguais, as propostas do educador ou das crianças podem modificar o quotidiano habitual.”(p.40)

Hohmann e Weikart (2009) dizem que “a rotina diária oferece um enquadramento comum de apoio às crianças à medida que elas perseguem os seus interesses e se envolvem em diversas actividades de resolução de problemas.” (p.224)

Percebemos assim como as rotinas são importantes para um harmonioso desenvolvimento das crianças.

De seguida apresento as seguintes rotinas; acolhimento no salão; higiene; recreio; e almoço.

1.4.1 Acolhimento no Salão

Quando chego ao Jardim-Escola, pelas 9h é realizada uma roda no ginásio onde as crianças cantam com as educadoras e as estagiárias presentes, diariamente.

A roda é constituída no centro pelas crianças mais novas, o Bibe Verde - 2 anos. Por de trás destas e também em roda encontra-se o Bibe Amarelo, de seguida o Bibe Encarnado e por fim, o Bibe Azul.

As crianças cantam de forma natural e livre, isto é, não há um reportório a seguir, normalmente as educadoras ou as crianças mais velhas iniciam uma canção e as outras acompanham. A roda dura aproximadamente 20 minutos. Depois as educadoras formam os comboios ordeiramente e levam as crianças para a sala. Normalmente a ordem de saída do ginásio é das crianças mais velhas para as mais novas.

Na minha opinião esta rotina diária é muito importante pois permite à criança uma familiarização com o Jardim-Escola, a socialização com as outras crianças, e ainda que a criança não veja a escola apenas como um lugar de novas aprendizagens, mas que também veja que esta pode ser um lugar de diversão e entretenimento.

Este acolhimento é bom para todas as crianças e principalmente para as mais tímidas criando nestes momentos laços de afetividade, com as outras crianças e com os adultos presentes.

Outro ponto importante e positivo deste momento é o desenvolvimento e enriquecimento do vocabulário e da linguagem, que oferecem as inúmeras canções cantadas pela manhã.

No que respeita à aprendizagem de novas canções, Cordeiro (2008) afirma que “a aprendizagem de novas canções permite às crianças estimular a memorização,

adquirir mais vocabulário, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e de tempo.”(p.373)

Hohmann e Weikart (2009) afirmam que “através de uma rotina diária comum, focalizada em volta de oportunidades para a aprendizagem activa, as crianças e os adultos constroem o sentido de comunidade.” (p.8)

Este momento do acolhimento também promove um bom ambiente entre as docentes predispondo-as para um novo dia de trabalho com mais alegria.

1.4.2 Higiene

Os momentos de higiene não estão contemplados no horário cedido pela educadora cooperante. No entanto, diariamente, acontecem no início da manhã, depois do recreio e antes e depois das refeições (figura 1). Nestes momentos existe sempre um adulto a supervisionar.

Na minha opinião este momento é fundamental à vida da criança, e também é necessário que um adulto esteja presente para fazer as correções necessárias e acompanhar as crianças nas suas necessidades e dificuldades que possam surgir.

É um hábito que deve ser inculcado na criança desde cedo.

Cordeiro (2008) menciona que a higiene é:

“Momento deveras importante. As barrigas começam a dar horas, e chegou o momento de ir à casa de banho e de lavar as mãos. Variando muito de criança para criança (e de idade para idade), há um elo comum: o desenvolvimento da autonomia (é uma grande vitória conseguir abrir a torneira e usar o sabonete sozinho entre outros). Sente-se o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo.”(p.373)



Figura 1 - Entrada da casa de banho do Jardim-Escola

1.4.3 Recreio

São vários os autores que afirmam, e eu concordo, que o recreio é fundamental à vida da criança, pois existe brincadeira, socialização, cooperação com as outras crianças. Por isso o recreio é um momento de lazer e divertimento é uma “escapatória” para a criança relaxar.

Por vezes, devido ao clima, não é possível realizar o recreio no exterior por isso a educadora propõe atividades acompanhadas ou livres no interior.

Os momentos de recreio no exterior são os melhores, pois a criança tem a oportunidade de se libertar, conhecer-se a si e aos outros e ao mundo que rodeia, à natureza, os ruídos exteriores, entre outras experiências que oferecem à criança momentos de prazer e diversão, como se pode ver nas figuras 2 e 3.

É importante referir também, que estes momentos são sempre acompanhados por educadoras, que estão atentas ao que se passa, e poderem intervir caso seja necessário.

Nesse sentido, Cordeiro (2008) considera:

“Nesta idade, o recreio representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos.” (p. 377)



Figura 2 - Escorrega do Jardim-Escola



Figura 3 - Perspetiva do recreio do Jardim-Escola

1.4.4 Almoço

No que se refere a este momento do dia, Cordeiro (2008) afirma que:

“O almoço (e mais tarde o lanche) servem para alimentar, mas, do ponto de vista de socialização, também para criar uma maior autonomia (estimulada pelos

outros e pelo sentido correcto da competição, o que faz comerem tudo pelo seu punho no jardim-de-infância e em casa terem de ser os pais a dar), passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo, mesmo que com variações pessoais, e noções de alimentação e nutrição (as educadoras e auxiliares explicam porque se deve comer peixe, massa, alface ou qualquer outra coisa).”(p.373)

O almoço das crianças realiza-se na cantina. Neste espaço encontram-se à mesma hora o Bibe Azul A e B e o Bibe Encarnado A e B.

As crianças do Bibe Azul, comem maioritariamente de forma autónoma, exceto algumas que pedem ajuda. Essa ajuda normalmente é negada, pois as crianças têm que criar hábitos e tornarem-se independentes. O maior reparo, é a colocação correta dos talheres, que o adulto presente corrige a criança.

Para o mesmo autor, o uso dos talheres deve ser fomentado mas não forçado.

1.5 Relatos Bibe Azul

Nas figuras 4 e 5 podemos ver alguns aspetos da sala.



Figura 4 - Perspetiva da sala do Bibe Azul



Figura 5 - Decoração da sala do Bibe Azul

1.5.1 Enquadramento Teórico

1.5.1.1 Espaços

Como afirma Zabalza (1998), “uma das variáveis fundamentais da estruturação didáctica da escola infantil é a organização de contextos adequados de aprendizagem, de espaços que promovam alegria, o gostar de estar na escola, e que potenciam o desenvolvimento integrado das crianças que neles vão passar uma parte importante do seu tempo diário.” (p.119)

Uma das preocupações dos Jardins-Escolas, e este não é exceção é que o espaço seja adequado, próprio e esteticamente bonito para que as crianças se sintam bem, seguras e protegidas.

1.5.1.2 Método de Leitura e Escrita – Cartilha Maternal

De acordo com Marques (1986), “aprender a ler é ser capaz de construir as regras da escrita e, nesse sentido, a criança precisa de descobrir activamente o que são as letras e as palavras.” (p.25)

Segundo Sim-Sim (2008), defende que “ ensinar a ler é, acima de tudo, ensinar explicitamente a extrair informação contida num texto escrito, ou seja, dar às crianças as ferramentas de que precisam para estratégica e eficazmente abordarem os textos, compreenderem o que está escrito e assim se tornarem leitores fluentes.” (p.7)

Nos Jardins-Escolas utiliza-se um método de leitura que transmite excelentes resultados. Deus (1997), afirma que:

“O desenvolvimento mental que apresentam as crianças que aprendem, ou aprenderam, pelo Método João de Deus é facilmente comprovado e tem um reflexo muito positivo no seu prosseguimento de estudos. Este é um aspecto muito importante que devemos marcar como resultado positivo.” (p.9)

E ainda refere que, “a Cartilha Maternal, analisada à luz do saber actual, demonstra uma riqueza surpreendente de intuições científicas, confirmadas posteriormente, que só um pensamento e uma sensibilidade excepcionais poderiam conceber.” (p.16)

De acordo com as OCEPE (ME, 2009) podemos perceber o quanto é importante a atitude do educador e a forma como promove a aprendizagem da leitura, “a atitude do educador e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito. Neste sentido, as tentativas de escrita, mesmo que não conseguidas, deverão ser valorizadas e incentivadas.” (p.69)

1.5.1.3 Diálogo e Comunicação

Todos os seres humanos desde que nascem que têm uma enorme necessidade de comunicar. A maior parte das aprendizagens que realizam, processam-se através da comunicação verbal e não verbal.

O papel do educador é muito importante para que a criança aprenda a falar corretamente.

“O ser humano é, por natureza, um comunicador, pelo que comunicar constitui uma experiência central no desenvolvimento da criança.” (Sim-Sim, Silva, e Nunes, 2008, p. 29)

Para Estanqueiro (2010): “ o diálogo na aula é, além de mais, uma oportunidade para o aluno desenvolver duas competências de comunicação oral, necessárias para toda a vida: saber escutar e saber falar. Aprende-se a escutar, escutando. Aprende-se a falar, falando.” (p.40)

Sim-Sim, Silva, e Nunes (2008) defendem que:

“A interação diária com o educador de infância é uma fonte inesgotável de estímulos para a criança. É importante que o educador tenha consciência de que é um modelo, de que há muitas palavras que são ouvidas pela primeira vez ditas pelo educador, que há regras de estrutura e uso da língua que são sedimentadas na sala de jardim-de-infância. Nesse sentido, é importante que a atitude conversacional/adulto criança se pautem por parâmetros que facilitem o processo de desenvolvimento da linguagem. As crianças precisam de oportunidades para conversar, o que requer tempo e espaço por parte do adulto para ouvir e para falar com ela.” (p.27)

Cabe ao educador ajudar a criança a desenvolver a linguagem criando situações onde ela possa dialogar e mostrar o que aprende de novo.

1.5.1.4 Materiais Manipulativos Matemáticos

Outro aspeto interessante que gostaríamos de referir prende-se com o facto da utilização dos materiais estruturados para o ensino da matemática em todos os Jardins Escolas pertencentes à Associação.

Todas as semanas as crianças do Pré-Escolar contactam com os materiais estruturados.

Os mais utilizados são: o Cuisenaire, os Dons de Froebel, os Calculadores Multibásicos, os Blocos Lógicos e as Calculadoras Papi.

Caldeira (2009) afirma que “a utilização dos materiais manipulativos, através de modelos concretos, permite à criança construir, modificar, integrar, interagir com o mundo físico e com os seus pares, a aprender fazendo, desmistificando a conotação negativa que se atribui à matemática.” (p.12)

Desta forma todos os profissionais incluem os materiais na sua prática educativa.

1.5.1.5 Educação Física ou Educação pelo Movimento

Nas OCEPE (ME, 2009), podemos perceber como esta área é fundamental para o desenvolvimento da criança. Também observámos que neste Jardim-Escola existe a preocupação de a promover.

“Tendo em conta o desenvolvimento motor da criança, a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo.” (p.58)

As crianças adoram o dia em que estas ocorrem.

1.5.1.6 Jogos

Dada a importância do jogo para todos os níveis de ensino gostaríamos de referir que este tem um enorme valor permitindo que a criança adquira um desenvolvimento equilibrado e estável quer a nível cognitivo quer a nível emocional.

È pois muito importante que a criança aprenda a competir entre pares e adquirir a resiliência necessária para a vida.

De acordo com as OCEPE (ME, 2009)“Os jogos de movimento com regras progressivamente mais complexas são ocasiões de controlo motor e de socialização, de compreensão e aceitação das regras e de alargamento da linguagem.” (p. 59)

Oliveira e Moreira (2004), apontam que “é consensual entre os especialistas que o jogo tem um valor formativo insubstituível desempenhando funções tanto ao nível da integração como da interacção social.” (p.63)

“Quer Piaget quer Montessori salientam fortemente a importância do jogo no desenvolvimento cognitivo, social e psicomotor da criança.” (Peterson e Felton-Collins, 1998, p. 49)

Estes investigadores reforçam assim a necessidade do educador promover o jogo sempre que possível no seu dia a dia.

1.5.1.7 Estratégias de Ensino que promovam o Interesse e a Motivação

Vários são os autores que defendem que para aprendermos precisamos de estar motivados, envolvidos de experiências diversificadas e estimulantes.

Quando o educador proporciona às crianças momentos de descoberta e de prazer vai contribuir para motivar criança em querer saber mais.

Segundo Estanqueiro (2010), “a participação dos alunos nas aulas aumenta o seu interesse. O diálogo entre o professor e os alunos é uma estratégia motivadora que dá mais significado aos conteúdos. Em contrapartida, o monólogo é cansativo e desmotivador.” (p.39)

Hohmann, Banet, e WeiKart (1984) defendem que “uma criança pequena aprende o que é um objecto, explorando-o – segurando-o, agarrando-o, trepando para cima dele, metendo-se por baixo dele, deixando-o cair, tocando-lhe, vendo-o de ângulos diferentes, cheirando-o, tomando-lhe o gosto, ouvindo-o.” (p.178)

Os mesmos autores afirmam:

“Em nosso entender, o papel do professor mantém-se essencial mas muito difícil de aferir: consiste basicamente em despertar a curiosidade da criança e estimular-lhe o espírito de investigação. Isto é conseguido através do encorajamento da criança para que coloque os seus próprios problemas, e nunca através de imposições de problemas para resolver ou do “impingir” de soluções. Acima de tudo, o adulto deve continuamente encontrar novas formas de estimular a actividade da criança e estar preparado para adaptar a sua abordagem conforme a criança vai colocando novas questões ou imaginando novas soluções.” (p. 32)

O educador nunca pode esquecer que é um modelo para a criança e é ele que está a maior parte do dia com a criança tendo a obrigação de planificar e estruturar atividades que permitam à criança crescer e tornar-se num cidadão completo e ativo.

Resumindo, o espaço, a metodologia com a Cartilha Maternal, os materiais manipulativos, o diálogo a comunicação, a educação física e as estratégias de ensino que promovam o interesse e a motivação vão contribuir para um melhor sucesso escolar.

1.5.2 Relatos Diários

12 de outubro de 2010, terça-feira

Hoje demos início ao estágio profissional. Quando chegámos ao Jardim-Escola (JE) a diretora, organizou-nos um lanche de receção e esteve a falar connosco, oferecendo toda a sua ajuda para o que precisássemos. Foi muito atenciosa e prestável.

A diretora deu-nos a conhecer o espaço onde íamos ficar a estagiar. Tenho a referir que o mesmo é alegre, bem estruturado e bem decorado. Percebe-se logo que existe muita dedicação e bom gosto neste espaço fantástico. Como podemos observar nas figuras 6, 7 e 8.



Figura 7 - *Decoração do corredor do Jardim-Escola*



Figura 6 - *Perspetiva do corredor do Jardim-Escola*



Figura 8 - *Outra perspetiva do corredor*

Seguidamente fomos distribuídas pelas respetivas salas, onde iríamos ficar a estagiar. Como já referi fiquei sozinha, no Bibe Azul.

Reforço a ideia que a decoração da sala de aula, é muito bonita e está decorada com gosto. As crianças gostam muito e expressam que se sentem bem.

Algumas crianças estavam a ter lição de Cartilha Maternal, outras estavam no lugar a realizar trabalhos propostos pela educadora. De seguida, a educadora pediu-lhes para arrumarem os trabalhos nas suas capas.

Solicitou duas crianças para distribuírem as Calculadoras Papi (Figura 9), e com estas fez exercícios de adição.

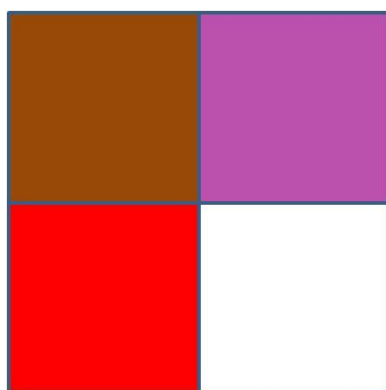


Figura 9 - *Calculadoras Papi*

Fomos ao recreio. Quando voltámos as crianças foram despirm o bibe e calçar as sapatilhas pois tiveram aula de educação pelo movimento.

A educadora de educação pelo movimento fez o aquecimento, e de seguida fez um jogo de movimento com as crianças. No final, voltaram à sala para tirarem as sapatilhas e vestirem o bibe, e depois foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

Quando a educadora pediu às crianças que arrumassem o material, foi de certa forma uma maneira de estimular a sua autonomia.

Nas OCEPE (ME, 2009) podemos ver explicada a importância que a autonomia tem:

“O processo de aprendizagem implica também que as crianças compreendam como o espaço está organizado e como pode ser utilizado e que participem nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. O conhecimento do

espaço, dos materiais e das actividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo.” (p.38)

Quando as crianças gostam do espaço da sala e se sentem bem naturalmente vão aprendendo a estimá-lo como nos confirma Cordeiro (2008):

“A sala de aula é um bom local para a aprendizagem do «saber estar», não apenas em termos de «boa educação», mas também de cumprimentos de regras de gestão do espaço e do relacionamento entre o espaço, as «coisas» e objectos e, claro está, a própria pessoa e o próprio corpo.” (p.365)

O mesmo autor ainda acrescenta que “a sala de aula tem de ser dinâmica, em constante capacidade de mudança, porque tem de atender às necessidades das crianças e às actividades desenvolvidas em cada momento.” (p.365)

Com as Calculadores Papi a educadora promoveu e estimulou as crianças para a aprendizagem da Matemática, tal como nos é sugerido nas OCEPE (ME, 2009) “a tarefa principal que se impõe aos professores é conseguir que as crianças, desde cedo, aprendam a gostar de Matemática.” (p.163)

Gostei muito deste 1.º dia de estágio.

15 de outubro de 2010, sexta-feira

Começámos a manhã com a área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, vulgarmente designada nos JE como Estimulação à leitura. Algumas crianças tinham trabalhos para realizar na capa, enquanto outras crianças iam à Cartilha Maternal aprender a lição.

Em seguida as crianças foram ao recreio, onde brincaram à vontade.

Quando voltámos à sala de aula a educadora pediu a duas crianças para distribuírem o material Cuisenaire e construíram a escada por ordem crescente (Figura 10).

Após o término da aula formaram o comboio e foram para o recreio. Estiveram um pouco no recreio e voltaram a formar o comboio para irem para a cantina almoçar.



Figura 10 - Cuisenaire (escada por ordem crescente)

Inferências e fundamentação teórica

As crianças gostaram muito de manipular, demonstraram interesse e empenho, silêncio e atenção ao responder às questões da educadora.

A educadora ao colocar-lhes questões está a desenvolver a participação e a motivação, caso contrário a aula torna-se cansativa ao ponto que, quem fala é apenas o educador.

O material Cuisenaire é um material manipulativo de Matemática fácil de manipular e muitíssimo atrativo, devido ao seu conjunto de cores.

A cada comprimento e a cada cor está associado um valor. A educadora colocou várias perguntas e chegou a relacionar este material com as Calculadoras Papi. As crianças arrumaram o seu material e os colegas que o distribuíram recolheram-no e arrumaram-no novamente no seu lugar. Aqui para além da autonomia, a educadora também desenvolveu o espírito de iniciativa.

Penso que a educadora conseguiu durante a manhã o que defendem estes autores tal como se pode ver.

Na Organização Curricular e programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico (ME, 2009) considera-se essencial que:

“Na aprendizagem da Escrita e da Leitura, se mobilize situações de diálogo, de cooperação, de confronto de opiniões; se fomente a curiosidade de aprender; se descubra e desenvolva, nas dimensões cultural, lúdica e estética da Língua, o gosto de falar, de ler e de escrever.” (p.136)

Vayer e Trudelle (1999), mencionam que “quando observamos as crianças pequenas vivendo e agindo num contexto no seio do qual se sentem à vontade, percebemos melhor o modo como exprimem os seus desejos e até que ponto são competentes.” (p.15)

Esta manhã pude observar isto mesmo durante a realização das atividades.

18 de outubro de 2010, segunda-feira

Começamos a manhã com a Estimulação à Leitura. Algumas crianças tinham trabalhos para realizar, enquanto outras iam à Cartilha Maternal aprender a lição.

Foram ao recreio.

Quando voltaram a educadora pediu a duas crianças para distribuírem o material Calculadores Multibásicos (Figura 11). Disse que iriam jogar ao jogo da base dos cinco e colocou perguntas às crianças de como o jogariam.



Figura 11 - Calculadores Multibásicos

Elas estavam entusiasmadas e corresponderam a todas as perguntas da educadora. Observei três crianças que apresentavam maiores dificuldades e outras que não escondiam a tentação de olhar para o colega do lado no momento dos exercícios. Arrumaram o material e os colegas que o distribuíram recolheram e arrumaram novamente o material no seu lugar.

Formaram o comboio e foram para o recreio, e voltaram em comboio para a cantina onde almoçaram.

Inferências e fundamentação teórica

Mais uma vez foi através da manipulação e experimentação do material Calculadores Multibásicos que as crianças trabalharam os conceitos matemáticos.

Hohmann, Banet, e WeiKart (1984) defendem que “os adultos têm de estar sensibilizados, não só para os produtos resultantes da manipulação que as crianças fizeram dos materiais, mas também para o processo de descoberta que a criança está a experienciar.” (p.184)

Foi muito gratificante vê-los a concretizar e a descobrir.

19 de outubro de 2010, terça-feira

A manhã, começou da forma habitual com a abordagem à escrita e à leitura.

Hoje foi dia de educação pelo movimento, as crianças estavam muito excitadas, e demonstraram que adoram realizar os jogos.

Quando esta acabou fizeram o comboio e regressaram à sala de aula onde a educadora os esperava. Esta pediu a duas crianças para distribuírem o material Tangram (Figura 12), e treinou o cálculo mental com as crianças. Nos JE da Associação este material apenas apresenta uma cor. Por uma questão de visualização apresento este comercial.

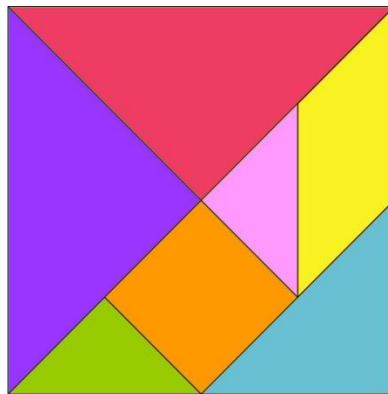


Figura 12 - Tangram

Com este material a educadora trabalhou as formas geométricas, o quadrado, o triângulo, o retângulo e o paralelogramo.

As crianças arrumaram o material, fizeram um comboio e foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

É importante mencionar o diálogo nestes momentos, pois a educadora tem de manter o controlo e o diálogo entre o grupo que têm à sua frente na Cartilha Maternal e o grande grupo deve permanecer respeitando as regras da sala de aula. A Cartilha Maternal baseia-se num método de leitura que respeita e acompanha cada criança de acordo com o seu nível de aprendizagem.

O Tangram é um puzzle formado por 7 peças, 5 triângulos (2 grandes, 1 médio e dois pequenos), um quadrado e um paralelogramo.

Segundo Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira e Rodrigues (2009) defendem que “desde que nascem, as crianças estão em contacto e interagem com objectos e materiais e através da sua manipulação vão constatando algumas das suas propriedades/características.” (p.61)

Fiquei fascinada com o interesse manifestado pelas crianças e a facilidade com que a educadora trabalhou com este material.

22 de outubro de 2010, sexta-feira

Começámos a manhã da mesma forma. A educadora dava a lição dos respetivos grupos que se encontravam em diferentes lições. As restantes crianças encontravam-se nos seus lugares a realizar propostas de língua portuguesa com o objetivo de trabalhar a escrita.

Quando voltaram à sala, a educadora pediu a duas crianças para distribuírem o material Geoplano e os elásticos. Com este material manipulável a educadora trabalhou figuras geométricas, a destreza manual e motricidade fina.

A educadora questionou qual era o lado horizontal e o lado vertical da placa. Mostrou exemplos de objetos e de situações que as crianças estão habituadas a ver para perceberem a diferença. Pediu para contarem os piquinhos na horizontal e na vertical. Disse posteriormente, então se temos onze piquinhos quantos espaços temos? Completou explicando que o número de espaços é um valor inferior ao número de piquinhos, exemplificou com diversos exemplos. Desenhou a placa no quadro e disse para contarem cinco furos na horizontal e colocarem a ponta do elástico no furo seguinte e esticarem até ao fundo. Desenhou no quadro o solicitado e ajudámos as crianças a executarem o pedido.

No final dos exercícios, a educadora voltou a pedir às mesmas crianças que arrumassem o material.

Inferências e fundamentação teórica

Este material desenvolve também a motricidade fina nas crianças, o que considero ser um ponto positivo.

Nas OCEPE (ME, 2009) podemos encontrar esta ideia, “o desenvolvimento da motricidade fina insere-se no quotidiano do jardim-de-infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objectos.” (p.59)

O Geoplano é um material estruturado que é trabalhado com crianças a partir dos cinco anos. A utilização deste material permite a visualização de figuras geométricas para explorarem problemas, e porque desenvolve a mobilidade e a destreza.

Pode ser de madeira ou acrílico e, contém preguinhos fixos todos à mesma distância, uns dos outros e organizados em linhas horizontais, verticais e paralelas.

O Geoplano é utilizado com material acessório, são eles os elásticos de várias cores e tamanhos e o papel pontado. Alsina, citado por Caldeira (2009), aponta que em todas as atividades é “importante fomentar a expressão oral e/ ou gráfica acerca das acções realizadas pelas crianças e sobre as relações descobertas.” (p.411)

Matos e Serrazina, (citados por Caldeira, 2009), afirmam que “a formação dos conceitos pertencentes à essência da aprendizagem da Matemática e ela tem de ser fundamentalmente baseada na experiência.” (p.410) A aprendizagem das crianças deve partir do concreto para o abstrato através da participação ativa das mesmas.

25 de outubro de 2010, segunda-feira

Hoje no JE foi um dia diferente, pois houve gravações para um canal televisivo acerca do método João de Deus. O bibe azul foi logo de manhã para uma sala de atividades dos tempos livres (A.T.L), e aí ficou a manhã inteira.

A educadora deu as lições de Cartilha Maternal nesse espaço.

Depois voltámos à sala e as crianças realizaram os exercícios da capa, em seguida passaram para a matemática onde realizaram propostas de trabalho.

Inferências e fundamentação teórica

O facto da educadora ter optado por realizar a atividade de estimulação à leitura no exterior, é na minha perspetiva vantajoso, na medida em que permite às crianças saírem um pouco do ambiente de sala de aula e viverem novas experiências. Por ser um local diferente, onde normalmente apenas brincam livremente pode tornar-se mais motivador este momento.

As OCEPE (ME, 2009), referem que:

“O espaço exterior pode proporcionar momentos educativos intencionais, planeado pelo educador e pelas crianças e como sendo um local ao ar livre, permite uma diversificação de oportunidades educativas utilizando um espaço com outras características e potencialidades.” (p.39)

E ainda que, “o espaço exterior possibilita a vivência de situações educativas intencionalmente planeadas e a realização de atividades informais.” (p.39)

A aprendizagem das crianças pode ser promovida em qualquer ambiente calmo e organizado.

26 de outubro de 2010, terça-feira

Mais uma manhã de estágio e a rotina manteve-se até ao recreio. Quando voltámos, dei uma aula de conhecimento do mundo. A educadora tinha-me proposto que desse uma aula de preparação. Fiz um placard grande, que estava dividido em quatro partes, em cada parte estava representada uma árvore na respetiva estação.

Fui perguntando-lhes o que achavam que ia acontecer na árvore seguinte.

Em seguida, tinha os meses e teríamos que os organizar consoante as estações do ano e colocá-los por ordem. Como atividade propus colocar a data de aniversário de cada um, no respetivo mês, onde como marco tinha uma representação de um menino e de uma menina com o nome de cada um deles. Eles estavam entusiasmados, queriam todos participar.

Inferências e fundamentação teórica

Na atividade de conhecimento do mundo apelei ao pensamento crítico das crianças, quando as questioneei sobre o que achavam que ia acontecer deste modo obrigava-as a pensar de forma a terem um fio condutor no seu pensamento antes de me responderem.

Segundo as OCEPE (ME, 2009), um dos objetivos pedagógicos nesta idade é “despertar a curiosidade e o pensamento crítico.” (p.16)

Ainda nesta mesma área pedi sempre a opinião das crianças sobre o que achavam que ia acontecer.

Segundo as OCPEP (ME, 2009), “cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e receptores.” (p.68)

A aula decorreu dentro do normal. A educadora gostou, e pouco apontou para melhorar.

29 de outubro de 2010, sexta-feira

Mais uma manhã com a habitual rotina. A educadora deixou-me treinar a leitura individualmente, com as crianças que já terminaram as lições da Cartilha Maternal. Depois do recreio continuaram a realizar os trabalhos que tinham.

Inferências e fundamentação teórica

Durante as lições de Cartilha Maternal a educadora mostra sempre ser afetiva com as crianças, motivando-as a aprender e reforçando positivamente cada vez que leem uma palavra.

A abordagem à leitura e escrita, não deve ser feita de qualquer maneira, deve ser feita de forma sequencial e com alguma lógica para a criança. O método de leitura João de Deus é um exemplo disso mesmo. Para Henri Campagnolo, (citado por Viana e

Teixeira, 2002), afirma que “as palavras de cada lição são escolhidas de modo a conter somente figuras anteriormente adquiridas e eventualmente, uma nova figura cuja aquisição é dedicada a nova lição.” (p.113)

Referente ao trabalho de consolidação, Ruivo (2009) aponta que “no seu lugar e de uma forma mais individualizada e autónoma, a criança tem uma capa com os registos escritos das suas diferentes actividades.” (p.133)

Através das atividades individuais que as crianças realizam no lugar, vão fazendo registos escritos que permitem aperfeiçoar a escrita e ao mesmo tempo desenvolvem mais uma vez a autonomia.

2 de novembro de 2010, terça-feira

Hoje quebrámos a rotina pois estive a manhã inteira a dar aulas.

Comecei com as lições na Cartilha Maternal, enquanto as outras crianças estavam a realizar propostas de trabalho que propus. Estavam entusiasmadas, pois não eram propostas rotineiras e exigiam concentração.

Quando voltámos dei a aula de matemática com um placard grande de uma quinta, onde fiz interdisciplinaridade com o conhecimento do mundo.

Inferências e fundamentação teórica

Sempre que seja possível é importante que a criança inicie o método de escrita em idade pré-escolar, pois com cinco anos estão preparadas para desenvolver comportamentos e competências referentes à leitura e à escrita. Para Mata (2006), “o desenvolvimento da literacia começa antes de a criança iniciar uma instrução formal. A criança começa desde cedo a desenvolver comportamentos associados à leitura e escrita, em contextos informais, tais como a sua casa e a comunidade.” (p.18)

5 de novembro de 2010, sexta-feira

A manhã de estágio foi muito parecida com as anteriores.

Depois do recreio voltámos para a sala, onde a educadora pediu a duas crianças para distribuírem o material Geoplano e os elásticos. A educadora foi buscar os poliminós (formado apenas por quadrados). Trabalhou a representação de figuras geométricas, a noção de lado e de vértice.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora com o material poliminós trabalhou diferentes áreas e o raciocínio lógico.

Segundo Caldeira (2009) “os poliminós são figuras formadas pela união de quadrados congruentes através da justaposição dos lados. Permitem desenvolver o raciocínio lógico-educativo através de diversas atividades.” (p.423)

As crianças gostaram muito de ver e manipular este material, que não conheciam.

8 de novembro de 2010, segunda-feira

Hoje a educadora pediu-me uma aula surpresa de estimulação à leitura. Desta forma dei na Cartilha Maternal as lições que pediu. Estas eram novas para as crianças, assim como as palavras. Deste modo tive de explicar-lhes o seu significado e para ter a certeza que o tinham percebido, pedi que formassem uma frase para inserirem a palavra.

Foi também um dia diferente, pois tivemos a presença do escritor António Torrado, que contou uma história às crianças.

Inferências e fundamentação teórica

Acho pertinente mencionar que a construção de frases com as palavras lidas é uma estratégia recorrente da educadora, que permite desenvolver o seu vocabulário e perceber o significado do que acabou de ler. Desta forma os alunos acabam por desenvolver a expressão oral e a construção frásica.

Mata (2006) afirma que “para que se adquira automatização, há que não esquecer que, para além do reconhecimento rápido da palavra, a criança deverá reter o seu significado, sendo necessária a aquisição de estratégias que levem à compreensão.” (p.49)

Gostei muito desta aula surpresa e senti que cresci profissionalmente.

9 de novembro de 2010, terça-feira

Hoje foi a minha manhã inteira de aulas. Comecei com a área de estimulação à leitura, onde levei as crianças à lição na Cartilha Maternal. Seguidamente fomos com as crianças para os ensaios para a festa de Natal.

Quando regressámos dei aula na área da matemática com material não estruturado e elaborado por mim.

Inferências e fundamentação teórica

Utilizei um material construído por mim, tinha várias peças e forma e explorei a soma, a subtração, os tamanhos, as cores, as formas entre outras explorações.

A matemática deve ser trabalhada todos os dias de diferentes formas com todas as crianças. Podemos utilizar materiais apelativos para motivar as crianças e prepará-las para aprendizagens futuras. De acordo com os autores Moreira e Oliveira (2003)

As experiências matemáticas que se proporcionam às crianças na Educação Pré-Escolar são fundamentais para o seu crescimento matemático, não só em termos dos futuros conhecimentos escolares mas também porque no jardim de infância as crianças começam a construir e a desenvolver sentimentos sobre o que é a matemática e sobre si próprios, perante este conhecimento que pode influenciar futuras atitudes e decisões. (p.57)

12 de novembro de 2010, sexta-feira

Começámos a manhã com a área de estimulação à leitura. Algumas crianças tinham trabalhos para realizar na capa, enquanto outras crianças iam à Cartilha Maternal aprender a lição. Seguiu-se o recreio.

Quando voltámos a educadora pediu a duas crianças para distribuírem o 3º e 4º Dons de Froebel, enquanto ia colocando perguntas às crianças de cálculo mental.

A educadora colocou perguntas dirigidas sobre estes dois dons, por exemplo sobre a forma, vértices, lados e faces.

Para começar dinamizou a história dos três porquinhos, fazendo cálculo mental e raciocínio lógico com os acessórios da história. O primeiro acessório foi a construção da lareira. Em seguida construíram a mobília da sala, depois a mobília do quarto, e por último, o poço. A educadora tem este material em ponto grande e fez no tripé, as construções, acompanhando as crianças nas suas dificuldades.

Este foi o último dia de estágio neste bibe.

15 de novembro de 2010, segunda-feira

Reunião no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus, com todos os alunos dos Mestrados e os professores da Equipa de Supervisão (ES) onde estivemos a falar sobre este momento de estágio e entrega das respetivas avaliações.

2ª Secção - Estágio no Bibe Amarelo

2.1 Caracterização da turma

De acordo com as informações fornecidas gentilmente pela educadora, o grupo do Bibe Amarelo é composto por 25 alunos, 11 dos quais são do sexo masculino e 14 do sexo feminino. Todos têm idades compreendidas entre os três e os quatro anos.

Estes alunos estão bem inseridos na dinâmica do Jardim-Escola. A educadora estabelece uma boa relação com os seus alunos tentando sempre que possível estabelecer uma relação individualizada com cada criança. Assim, é evidente um clima de muita segurança por parte das crianças relativamente à sua educadora. De um modo geral, são crianças motivadas, participativas, criativas e muito meigas.

Na grande maioria, as crianças são muito esforçadas, embora algumas sejam também muito tímidas revelando alguns receios quando questionadas, demonstrando assim alguma dificuldade em expressar-se sobretudo em contexto de sala de aula.

Esta turma revela ter bons conhecimentos nas várias áreas: Conhecimento do Mundo, Estimulação à Leitura e Iniciação à Matemática.

2.2 Caracterização do espaço

A sala do Bibe Amarelo tem vários armários para arrumação e cabides para as crianças, que estão devidamente identificados. Tem ainda duas áreas distintas, uma área de mesas, onde se realizam os trabalhos individuais e uma área no chão onde as crianças realizam as atividades em grande grupo.

As duas áreas estão muito bem aproveitadas e bem decoradas, tornando o espaço bastante acolhedor. Esta sala é colorida, agradável e com bastantes materiais e brinquedos aos dispor das crianças.

Hohmann e Weikart (2009) referem que:

“Os objectos e materiais que motivam as crianças são essenciais para a aprendizagem activa e que a sala deve incluir uma grande variedade desses objectos e materiais para que as crianças tenham oportunidade de os explorar, transformar e combinar... Para que as crianças possam manipular objectos livremente, sem perturbarem ou serem perturbadas por outros, é necessário que existam bastantes objectos e materiais para cada criança, bem como um espaço alargado.” (p.162)

Por vezes os dois grupos reúnem-se para realizarem atividades em grupo.

2.3 Horário do Bibe Amarelo

Faz parte do Plano Curricular de Turma a elaboração de um horário semanal que inclua o maior número de atividades distribuídas ao longo da semana, que promovam o desenvolvimento harmonioso e estável das crianças, conforme se pode ver no quadro 5, que de seguida apresento. Este horário é flexível e ajustável às diferentes situações que possam surgir no dia-a-dia.

Em virtude do estágio só ser realizado de manhã e de apenas contemplar segundas, terças e sextas-feiras as minhas observações e os relatos são um pouco mais limitados.

Quadro 5 - Horário do Bibe Amarelo

Bibe Amarelo A	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h00m	Acolhimento – Canções em roda, jogos e higiene				
9h45m	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo
10h30m	Recreio				
11h10m	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Movimento	Iniciação à Matemática
11h45m	Expressão Plástica	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica
12h30m	Higiene e Almoço				
13h00m	Sesta, Levantar e Higiene				
15h00m	Estimulação à Leitura	Música	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica	Estimulação à Leitura
15h30m	Lanche				
16h00m	Jogos Orientados				
16h30m	Brincadeiras nos Cantinhos				

2.4 Rotinas

2.4.1 Acolhimento no salão

Esta rotina acontece diariamente no JE com a presença de todas as educadoras, todas as crianças e as estagiárias presentes. A forma que sucede esta rotina diária já foi anteriormente descrita e devidamente comentada e fundamentada na secção anterior.

No entanto, importa referir que muitas das crianças pertencentes a este bibe, chegam maioritariamente atrasadas, sendo depois acolhidas pela educadora cooperante já na sala de aula onde recebe cada criança individualmente, cumprimentando-a com muito carinho e meiguice, havendo sempre uma pequena troca de palavras.

2.4.2 Higiene

As crianças do Bibe Amarelo, apesar de terem apenas 3 anos, são deveras autónomas na realização da sua higiene. A higiene é realizada durante a manhã e a tarde, visto que só permaneço no JE durante o período da manhã, observei que pelo menos três vezes durante a manhã as crianças efetuam a sua higiene.

Cordeiro (2008) refere que estes momentos em que cada criança cuida da sua higiene são:

“Um momento muito importante, que promove o desenvolvimento da autonomia na criança. O autor refere ainda que a criança gosta de se sentir crescida e de ter a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo. Por outro lado, considera que aprendem que depois das actividades, ou de utilizar a casa de banho, as mãos devem ser lavadas.” (p.105/106)

2.4.3 Recreio

O recreio da manhã no Bibe Amarelo é realizado no espaço do exterior sempre que a meteorologia permita.

Hohmann e Weikart (2009) defendem que “o tempo de ar livre ou exterior é uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas.” (p.432)

Ainda para estes autores, “o tempo no exterior permite às crianças expressarem-se e exercitarem-se de forma que habitualmente não lhes são acessíveis nas brincadeiras de interior.” (p.433)

Os momentos de recreio são muito importantes para as crianças descontraírem e fazerem o barulho que em sala de aula não se pode fazer.

O recreio é um momento em que as crianças brincam livremente e se expressam sem receios. Têm recreios ao longo do dia com durações diferentes.

2.4.4 Almoço

O almoço do Bibe Amarelo é servido no refeitório do JE. As crianças já tem autonomia neste momento, embora muitas estranhem alguns alimentos e façam algumas birras. No entanto, a educadora, a auxiliar e nós, estagiárias, ajudamos as crianças com menos autonomia a realizarem a sua refeição.

É também um momento de saber estar em convívio com todas as crianças. É um espaço onde existem regras a cumprir por parte de todas as crianças, para que possa ser um momento também ele de aprendizagem.

As educadoras, estagiárias e auxiliares explicam as crianças o porquê de terem que comer qualquer alimento quando estas referem que não gostam.

Urra (2009) defende que “as crianças têm de provar todo o tipo de alimentos de acordo com a sua idade (...) Se uma criança não deseja comer não façamos disso uma tragédia, tentamos sempre que este momento seja calmo e aprazível”(p.40)

2.4.5 Sesta

As crianças do Bibe Amarelo dormem a sesta após fazerem a sua refeição e a sua higiene. O adulto que supervisiona as crianças na sua higiene, desaperta os botões do bibe a cada criança e estas vão autonomamente para a sala onde está outro adulto para as acolher e deitar.

A sesta decorre na sala onde habitualmente permanecem. Sendo devidamente escurecida e com as camas já preparadas com os lençóis, em filas.

Algumas crianças ainda necessitam de dormir com a sua respetiva fralda, chucha ou brinquedo.

Este momento é sempre acompanhado por uma auxiliar de educação e uma das educadoras, pois as turmas juntam-se no momento da sesta.

2.4.6 Educação Física

Esta atividade é orientada por uma educadora do Jardim Escola.

Ainda na sala, as crianças despem os bibes e colocam-nos nas costas de uma cadeira. A educadora cooperante é quem as dirige até ao ginásio.

O espaço do ginásio é amplo, apelativo devido à decoração, e espaçoso para a realização das atividades. Este ginásio tem sempre muita luz devido às diversas janelas que possui.

Quando entramos no ginásio, visualizamos material próprio e adequado e em quantidade, um rádio, uma parede com espaldares e duas bancadas. O ginásio tem uma porta de acesso ao corredor e uma porta de acesso à sala do Bibe Azul.

2.5 Enquadramento teórico

2.5.1 Comunicação do educador

O educador para comunicar com os seus alunos deve utilizar uma linguagem adequada às crianças para que elas o compreendam. Neste caso a linguagem utilizada pela educadora foi sempre adequada. No entanto, não falava a bebé para as crianças. Ao longo do tempo foi introduzindo linguagem nova e explicando o seu significado às crianças.

De acordo com as OCEPE (ME, 2009):

“O Conhecimento que o educador adquire da criança e do modo como esta evolui é enriquecido pela partilha com outros adultos que também têm responsabilidades na sua educação, nomeadamente, colegas, auxiliares de acção educativa e, também, os pais. Se o trabalho de profissionais em equipa constitui um meio de auto-formação com benefícios para a educação da criança, a troca de opiniões com os pais permite um melhor conhecimento da criança e de outros contextos que influenciam a sua educação: família e comunidade.” (p.27)

O educador deve saber comunicar com o grupo.

Compete a este arranjar palavras adequadas às crianças para que, a mensagem a transmitir seja compreendida por todo o grupo. Quando isto não acontece, o educador tem de dar a volta à explicação anteriormente transmitida de modo a que seja adquirida pela criança em questão.

Expressão e comunicação

Nesta idade as crianças já possuem alguns conhecimentos na área de expressão e comunicação. A partir destes conhecimentos o educador pode desenvolver novas experiências onde valoriza as descobertas das crianças, e apoiando as mesmas transmitindo novos conhecimentos. Nesta idade o educador desenvolve várias áreas programáticas numa mesma área.

“A junção numa mesma área, embora com designações um pouco diferentes, de conteúdos que são referidos nos programas do 1.º ciclo, como: expressão e educação físico-motora, expressão musical, expressão dramática, expressão plástica, língua portuguesa e matemática, decorre de uma perspectiva mais globalizante que acentua a articulação entre eles.” (OCEPE, 2009, p.57)

O Diálogo que o Educador tem com as crianças é uma oportunidade para desenvolver a comunicação oral. O educador deve inculcar na criança o hábito de saber escutar para adquirirem o saber de falar.

1.1.5.5 Autonomia

É também em idade pré-escolar que o educador desenvolve na criança o sentido da autonomia, deixando as crianças realizarem elas mesmas a sua higiene com as idas à casa de banho, quando diz que têm de arrumar o material depois de o utilizarem, que devem arrumar a cadeira quando se levantam do lugar, etc.

“A independência das crianças e do grupo passa também por uma apropriação do espaço e do tempo que constitui a base de uma progressiva autonomia, em que vai aprendendo a escolher, a preferir, a tomar decisões e a encontrar critérios e razões para as suas escolhas e decisões.” (OCEPE, 2009, p.53)

Para isso a criança tem que aprender como está organizado o espaço, para o poder manter, e quando modificado, as crianças devem participar nessa organização e nas mudanças a realizar.

Segundo as OCEPE (2009), “o conhecimento do espaço, dos materiais e das atividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo.” (p.38)

2.6 Relatos do Bibe Amarelo

Nas figuras 13 e 14, podemos ver alguns aspetos da sala.



Figura 13 - Decoração da Sala do Bibe Amarelo



Figura 14 - Sala do Bibe Amarelo

16 de novembro de 2010, terça-feira

Hoje foi o primeiro dia no Bibe Amarelo.

O acolhimento foi feito no salão, onde cantámos com as crianças e com as educadoras.

Fomos para a sala, onde as crianças se sentaram em roda no tapete. A educadora começou com peças de lego, material não estruturado. Abordou com as crianças os seguintes conceitos, sequências, contagens, cores, lateralização e noção espacial.

Fomos ao recreio, hoje estava o fotógrafo para tirar as fotografias num espaço verde ao pé do recreio.

Inferências e fundamentação teórica

É importante diversificar nas diferentes formas de abordar a matemática, e assim a educadora desenvolveu nas crianças uma aprendizagem lúdica.

Como refere Serrazina (citada por Caldeira 2009), “a matemática deve ser ensinada desde o pré-escolar e de forma motivante para as crianças, para combater o insucesso.” (p.138)

19 de novembro de 2010, sexta-feira

A educadora esteve a contar às crianças uma história sobre a gotinha de água, onde abordou ligeiramente o tema do ciclo da água, em seguida falou com elas sobre o tema e debateu-o.

Houve bastante entusiasmo quando contou a história o que despertou interesse e motivação. Não foi possível ir com as crianças para o recreio, logo, ficámos na sala onde a educadora realizou com elas um jogo com arcos e instrumentos musicais. Trabalhou a movimentação do corpo e a lateralização. Estavam muito entusiasmadas, com atenção e em silêncio.

Seguidamente fizemos um jogo de contagem, com peças móveis e algarismos móveis (galinhas, alicates, tesouras, vacas), trabalharam a quantidade até ao número dois. Depois a educadora passou-as para as mesas e foram picotar o algarismo dois.

22 de novembro de 2010, segunda-feira

Na sala, a educadora fez uma experiência com o sal. As crianças provaram o sabor e tiveram que adivinhar o que era. Hoje, o fotógrafo voltou à escola, e as crianças estiveram a tirar fotografias. Depois foram ao recreio.

A educadora, fez uma introdução ao material Cuisenaire. A educadora deu este com as crianças sentadas no chão. Começou por perguntar quais as cores das peças que já tinham aprendido (disseram as cores por ordem da branca até à cor amarela); Qual era a cor da peça maior e da peça mais pequena (responderam corretamente); Questionou qual era a peça que vinha depois da branca, da encarnada e assim sucessivamente até construir a escada. Fez uma escada por ordem crescente e outra decrescente; fizeram a leitura das peças por cores; descobriram com a ajuda das peças brancas o valor das peças seguintes; relacionaram um algarismo móvel à quantidade a que cada peça correspondia; por fim, realizou ainda um jogo de memória visual, onde pedia para todas

fecharem os olhos e depois tirava uma peça ou mudava-a de sítio, ao abrirem os olhos perguntava o que estava diferente.

No final, a educadora deixou as crianças brincarem e explorarem o material. De seguida, foram para os seus lugares nas mesas e estiveram a carimbar nas folhas com guaches.

Inferências e fundamentação teórica

Este material é importante para o desenvolvimento da lógica matemática e a nível sensorial. As peças deste material podem ser feitas de madeira ou plástico, são de fácil manipulação e têm 10 cores diferentes. As cores são apelativas e estimulam as crianças para a sua manipulação e criatividade.

Segundo Alsina (citada por Caldeira 2009), este material “é um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental, para introduzir e praticar as operações aritméticas.” (p.126)

As crianças aprendem de memória a correspondência entre o número e a cor, é através da medição das peças maiores com a peça branca (peça padrão) que essa aprendizagem é gradualmente realizada. É com este tipo de atividades que as crianças identificam os tamanhos e a ordem das peças trabalhando a memória, ordenação e o conceito de cor e número.

A autora atrás referida aponta que o interesse pedagógico deste material a nível matemático é:

“A exploração de atributos; associação e comparação; contagem de quantidades; ordenação; jogos em várias bases; compreensão do sistema decimal; valores de posição (classes e ordens); leitura de números inteiros; introdução da base decimal (e actividades com outras bases); operações aritméticas (e provas) e situações problemáticas.” (p.188)

Neste momento do bibe amarelo apenas foram trabalhadas/utilizadas as peças branca, encarnada, verde-clara, cor-de-rosa e amarela (e o seu valor correspondente).

A educadora desenvolveu o cálculo mental, o equilíbrio e a motricidade fina noção de quantidade, noções de ordem e a memória.

Segundo as OCEPE (ME, 2009), “há materiais utilizados na educação pré-escolar que permitem desenvolver noções matemáticas, uns mais relacionados com a concretização de quantidades e de operações, como por exemplo, o material Cuisenaire”. (p.76)

Este material é estruturado com aplicação em diversas situações de sala de aula, é de fácil manipulação por parte das crianças e ao mesmo tempo é sugestivo e alegre devido às cores que apresenta. Baseia-se num sistema de relação entre cores e comprimento.

O jogo que a educadora propôs é educativo, pois desenvolve a concentração da atenção do grupo, de forma divertida e lúdica.

Caldeira (2009) afirma que “interessa que os objectos que a criança observa e manipula se distingam uns dos outros por critérios facilmente detectáveis e não, que entre uns e outros, haja possibilidade de confusão ou distinção imprecisa.” (p.364)

Nesta atividade criada pela educadora as crianças puderam observar como afirma Caldeira (2009) que os objetos escolhidos, neste caso pessoas, foram facilitadores para o pensamento das crianças. Estas vivenciaram a matemática de uma forma ativa e presencial.

Piaget (citado por Neto 1997), considera que “o jogo tem uma grande importância no desenvolvimento cognitivo da criança. O jogo, como processo de assimilação, tem uma função de exercitação e extensão do aprendido, bem como de consolidação de algo já experimentado.” (p.232)

Para Huizinga (citado por Duarte 2009), define o jogo como “uma actividade voluntária. Sujeito a ordens, deixa de ser jogo, podendo no máximo ser uma imitação forçada.” Desta forma, segundo o autor, “o jogo é uma actividade livre, em que o jogador participa de sua livre vontade. Tanto a criança como o adulto têm a liberdade de jogar, interromper ou adiar a actividade, em qualquer momento.” (p.15)

O jogo enriquece o imaginário das crianças e torna as tarefas mais ou menos complicadas, num desafio a atingir. Assim sendo, o jogo torna-se numa actividade com seriedade, na medida em que está sujeito a regras e tem como finalidade um objetivo. O educador deve adaptar o jogo às crianças que o vão realizar.

Durante a realização do jogo a educadora foi relembrando as regras do mesmo para obter então o cumprimento da actividade proposta.

23 de novembro de 2010, terça-feira

A educadora quando chegou à sala distribuiu as crianças e sentou-as no tapete em forma de U. A educadora esteve a dar o material manipulável Blocos Lógicos. A educadora trabalhou as espessuras, cores, tamanhos e formas. A educadora pedia a cada criança para ir buscar uma peça, e as crianças tinham que dizer o que sabiam sobre a mesma. Trabalhou as sequências com as crianças, e introduziu o jogo do kim visual. Disse às crianças que podiam brincar um pouco com o material, menos uma criança que não cumpriu as regras da sala de aula. Pediu às crianças para no final arrumarem o material.

Devido às más condições atmosféricas as crianças fizeram o recreio na sala, onde realizaram jogos orientados pela educadora. Fomos para a sala da televisão onde a educadora esteve a falar novamente do sal, e a explicar que é um mineral e todo o processo que o envolve. Voltámos à sala do bibe amarelo e a educadora deu uma proposta de trabalho, onde as crianças tinham de preencher os algarismos com sal aplicando cola.

Inferências e fundamentação teórica

Os Blocos Lógicos são também um material bastante apelativo devido às suas cores e formas, permitindo desenvolver com as crianças um trabalho lúdico e motivador. Este material pode ser utilizado em diferentes atividades, neste momento a educadora utilizou-o para o explorar e para dar a teoria de conjuntos e formas geométricas.

Estes são constituídos por peças com características diferentes: a cor (amarelo, encarnado e azul); a forma (triangular, circular, quadrangular e retângular); o tamanho (grande e pequeno) e a espessura (grosso e fino).

Segundo as OCEPE (ME, 2009), com este material pode-se “agrupar os objetos, ou seja, formar conjuntos de acordo com um critério previamente estabelecido, a cor, a forma, etc., recorrendo às semelhanças e diferenças que permitem distinguir o que pertence a um e a outro conjunto”. (p.74)

O uso de materiais didáticos, como os blocos lógicos, é bastante importante na aprendizagem da matemática, pode ser utilizado em várias idades escolares para explorar diversos temas matemáticos.

Com este material Blocos Lógicos podem-se trabalhar inúmeros conteúdos matemáticos. Com esta aula a educadora avaliou se as crianças reconheciam ou não um círculo das restantes peças, a sua cor, tamanho e também a espessura.

Segundo Hohmann, Banet, e Weikart (1984) “uma oportunidade de pensar em duas coisas ao mesmo tempo desafia as crianças que estão a desenvolver tal capacidade.” (p.265)

É necessário, que desde a educação Pré-Escolar, o educador tome notas e registe aspetos do desenvolvimento das crianças para ter bases para organizar e sistematizar uma avaliação final para cada criança.

26 de novembro de 2010, sexta-feira

As crianças deslocaram-se em comboio para a sala da televisão onde a educadora os sentou em forma de U no tapete. A educadora esteve a falar de um mineral, o vidro. Passou por eles areia para que tocassem, e, percebessem que é de areia que se faz o vidro. Formaram o comboio e regressaram à sala. Ficámos na sala na hora do recreio. Fizemos jogos orientados.

Na Iniciação à Matemática a educadora fez contagem de peças e inseriu o número três, trabalhou a teoria de conjuntos e desenhou as linhas fronteiras com giz no tapete, fez correspondência no número à quantidade, introduziu a noção de conjunto vazio e conjunto singular. No final da atividade pediu-lhes para arrumarem o material.

De seguida, as crianças passaram para as mesas, para realizarem uma atividade onde faziam um desenho com cola e de seguida colocavam areia por cima, depois retiravam o excesso e aparecia o desenho.

Inferências e fundamentação teórica

A estratégia utilizada para dar a teoria de conjuntos foi produtiva e a educadora envolveu-se e envolveu as crianças. O facto de as crianças conseguirem realizar a tarefa

de fazer corresponder o algarismo com a quantidade de elementos de um conjunto, deixa transparecer que as crianças compreendem que um numeral corresponde à quantidade de objetos de um determinado conjunto. Caldeira (2009), refere que “para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem as actividades numéricas propostas às crianças, devem contemplar aspectos do número (cardinal e ordinal), sendo fundamental que se adequem ao desenvolvimento da acção de contar.” (p.390) A autora refere ainda que “a acção de contar é fundamental para a criança realizar a construção do número.” (p.390)

Não foi a primeira vez que a educadora deu teoria de conjuntos, e foi importante diversificar as estratégias e assim chegar a mais crianças de forma lúdica e divertida.

29 de novembro de 2010, segunda-feira

A educadora voltou a trabalhar sobre um tema já abordado, aprofundando um pouco mais aumentando assim o grau de dificuldade.

A educadora esteve a falar sobre os estados da água, líquido, sólido e gasoso. Mostrou-lhes a água e passou um cubo de gelo para as crianças tocarem e pegarem, e falaram sobre as suas experiências. Voltaram a não ir para o recreio no exterior devido ao mau tempo. Realizaram jogos estruturados e acompanhados com a educadora.

Passámos à Iniciação à Matemática, onde a educadora esteve a dar o material Cuisenaire, e explicou crianças que à peça branca nós chamamos unidades de medida. Seguidamente colocou perguntas sobre a cor e seus valores, e as crianças experimentavam o seu valor através das peças brancas.

Depois fomos para as mesas onde a educadora propôs que fizessem uma dobragem de modo a obter uma árvore de Natal, a dobragem era para a copa, e para o tronco colámos um pau de canela.

Inferências e fundamentação teórica

Na área de conhecimento do mundo voltou a abordar o tema do ciclo da água, questionando as crianças sobre outros a ele associados. Este facto é referido por Martins *et al.* (2007), “pretende-se que o desenvolvimento de cada actividade não se encerre em

si própria, dado que a exploração de uma temática suscita, muitas vezes novas questões.” (p.23)

Considero esta estratégia muito boa pois assim vamos ensinando a relacionar, a associar e a aplicar os diferentes conteúdos.

30 de novembro de 2010, terça-feira

A educadora pediu-nos para recortarmos e colarmos fotos, para a árvore de Natal. Enquanto a educadora esteve no tapete a dar teoria de conjuntos com material não estruturado (peças em madeira com imagens de animais). Abordou conjunto vazio, universal e singular. Fomos ao recreio.

Quando voltámos as crianças foram colocar as estrelas na árvore de Natal.

Inferências e fundamentação teórica

Como acontece todos os anos as crianças realizam vários trabalhos temáticos como os trabalhos de Outono, Natal, Dia de Reis, Carnaval, Dia do Pai, Primavera, Dia da Mãe ou Dia da Criança entre outros. Neste tipo de trabalho utilizam-se várias técnicas de expressão plástica, como a pintura, corte e colagem. Desta forma as crianças também têm a possibilidade de trabalhar com diferentes materiais (lápis de cor, tesoura, cola).

Cordeiro (2008) afirma que “as actividades temáticas são actividades que surgem todos os anos, e muito importantes, pois ajudam a criança a encontrar uma organização temporal, dando-lhes segurança. Este género de actividade pressupõe quase sempre o domínio da expressão plástica e suas diferentes técnicas.” (p.375)

As OCEPE (ME, 2009), sistematizam que “as crianças exploram espontaneamente diversos materiais e instrumentos de expressão plástica” (...) Valorizar o processo de exploração e descoberta de diferentes possibilidades e materiais supõe que o educador estimule construtivamente o desejo de aperfeiçoar e fazer melhor.” (p.61)

Estes trabalhos temáticos têm também muito significado, como é o caso deste, que tem como fim ser colocado na árvore de Natal. É um trabalho realizado pela criança para uma data especial.

3 de dezembro de 2010, sexta-feira

Fomos assistir às aulas surpresa que ocorreram no jardim-escola. Tive a primeira aula surpresa na área de estimulação à leitura, onde tinha de contar a história “Mas que barulheira!”. contei-a, e em seguida, pedi às crianças que fossem recontando o que tinham ouvido.

A seguir fomos com as educadoras e as professoras da Equipa da Supervisão para uma sala discutir e analisar as aulas surpresa.

Inferências e fundamentação teórica

Esta aula na minha opinião não foi fácil e penso que poderia ter feito muito melhor, mas os nervos condicionaram-me. Podia ter sido mais expressiva e ter-me envolvido mais. Penso que não soube motivar as crianças e que eu própria não estava motivada.

Assim bem, quando lhes pedi que a recontassem pois elas queriam participar e estavam atentas.

6 de dezembro de 2010, segunda-feira

As crianças dirigiam-se para a sala e sentaram-se no chão em redor da educadora para conversar sobre o fim-de-semana. Uma a uma, as crianças contaram o que tinham feito, enquanto as outras escutavam com atenção.

Hoje, também de surpresa, no jardim-escola houve aulas assistidas, nós tivemos a ajudar as nossas colegas, e de seguida, ficámos a assistir às suas aulas. Depois fomos para uma sala com as educadoras e as professoras da ES para fazermos a reflexão e discussão das mesmas.

Inferências e fundamentação teórica

Às segundas-feiras de manhã, por vezes, a educadora conversa com as crianças sobre o que se passou no fim-de-semana e estas, contam sempre o que mais gostaram.

Estas conversas são bastante importantes para desenvolver a linguagem das crianças. Através destas vão adquirindo vocabulário novo e aperfeiçoando a construção frásica. As crianças trocam muito o tempo do verbo que utilizam na sua linguagem, necessitam então de oportunidades como estas para realizarem conversas em que os educadores as podem corrigir. Sempre que é possível a educadora pode ainda estimular a criança a partir de lengalengas e canções.

Cordeiro (2008) afirma que a linguagem pode ser desenvolvida pela música, “a musicalidade das palavras torna-as doces e as crianças entendem. E assim, dia após dia, vai interiorizando as palavras como tradução dos objectos e das situações.” (p. 313) O mesmo autor aponta que a criança através da linguagem expressa “emoções, sentimentos, ideias, valores, factos e pensamentos.” (p.314)

Estes momentos são muito valorizados por esta educadora.

7 de dezembro de 2010, terça-feira

Hoje dei a aula de estimulação à leitura promovendo a interdisciplinaridade com o conhecimento do mundo. Conteí a história, e de seguida mostrei, o coelho que levei, e estive a explorar o animal com as crianças. Deixei as crianças pegarem no coelho e elas ficaram muito entusiasmadas e ansiosas. No fim perguntei como tinha sido a experiências, muitas delas nunca tinham pegado num coelho e estavam muito contentes, pois disseram que gostaram muito e algumas até queriam ficar com o coelho.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças devem vivenciar tudo quanto nós educadoras lhes pudermos proporcionar.

Para Hohmann *et al.* (1984):

“Uma criança pequena aprende o que é um objecto, explorando-o – segurando-o, agarrando-o, trepando para cima dele, metendo-se por baixo dele, deixando-o cair, tocando-lhe, vendo-o de ângulos diferentes, cheirando-o, tomando-lhe o gosto, ouvindo-o.” (p. 178)

Segundo os mesmos autores “os adultos têm de estar sensibilizados, não só para os produtos resultantes da manipulação que as crianças fizeram dos materiais, mas também para o processo de descoberta que a criança está a experienciar.” (p.184)

Para muitas crianças tinha sido a primeira vez que viam um coelho ao vivo. Deu gosto ver os seus olhares, expressões e comentários.

10 de dezembro de 2010, sexta-feira

Por motivos pessoais precisei de faltar ao estágio.

13 de dezembro de 2010, segunda-feira

Hoje foi um dia especial no jardim-escola, pois estiveram na escola umas senhoras a contar uma história, a história da Carochinha, com fantoches. A história foi contada no ginásio com as crianças sentadas em forma de U, estavam muito agitadas pois não sabiam o que se ia passar. As senhoras que foram contar a história ao jardim-escola prepararam tudo, inclusive os fantoches eram feitos à mão por elas.

Inferências e fundamentação teórica

Contar a história com acessórios, neste caso fantoches é uma das muitas opções para cativar uma criança. A estratégia criada para a história foi diferente e interessante para as crianças, estas estiveram sempre a acompanhar a história à espera de serem chamadas para executarem alguma ação. Esta interação a meu ver quebrou o ritmo da história e do seu conteúdo.

Custódio (2003) refere que: “se conseguirmos criar, no Jardim-de-infância, um ambiente propício ao «acto de adivinhar», o divertimento e a boa disposição reinarão de mãos dadas com a atenção, a concentração e a memorização.” (p.1)

O ambiente era bom mas a estratégia no contar da história não produziu os efeitos pretendidos.

14 de dezembro de 2010, terça-feira

Hoje dei as aulas da manhã inteira. Em estimulação à leitura contei a história do Natal e com ajuda de um presépio expliquei às crianças como foi o nascimento de Jesus. Na área da matemática dei um material não estruturado, onde abordei a contagem, cor, tamanho, associação do número à quantidade e lateralidade. Realizei também uma atividade de expressão plástica, onde as crianças elaboraram um postal de Natal.

Na hora do recreio houve ensaios para a festa de Natal.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta altura do mês já tão perto da festa de Natal é necessário que a educadora crie oportunidades de ensaio para este dia que tanto é importante para quem participa como para quem organiza. A ideia da representação surge por parte das duas educadoras do bibe amarelo. Quando criam e organizam todo este envolvimento da festa fazem-no a pensar nas crianças e no que elas também se interessam. Escolheram vários adereços de natal que reproduziram para os grupos vestirem na representação e escreveram frases para projetar no palco.

Reis (2008), aponta que “as escolas devem ser promotoras de políticas/estratégias que promovam a maior aproximação das famílias à escola. Os pais podem ser envolvidos de diferentes formas e cabe à escola proporcionar uma diversidade de modalidades de desenvolvimento parental na escola.” (p.280)

Estes teatrinhos ajudam a criança a desenvolver capacidades e a enfrentar uma assistência, neste caso, a sua família.

17 de dezembro de 2010, Sexta-feira

Hoje dei novamente aula. Fiz a leitura de uma receita e seguidamente fizemos a receita de bolachas de Natal. Depois para começar a atividade levei as crianças à casa de banho para lavarem as mãos, sentei as crianças, nos respetivos lugares e pusemos a “mão na massa”. Disse o nome das coisas conforme a sua ordem de utilização na atividade.

Para finalizar, a turma foi fantástica no envolvimento da concretização das bolachas. Dividi os ingredientes por duas mesas e fui a cada uma das mesas para que eles os colocassem e ficassem a amassar a massa, por fim, fui a cada mesa com formas com motivos de natal e cada um fez cinco bolachas com os motivos à sua escolha.

No conhecimento do mundo contei a história do Natal no Brasil e na Lapónia comparando a Portugal, principalmente em termos de clima e como é festejado. Na área da matemática dei um material não estruturado, onde abordei a contagem, cor, tamanho, associação do número à quantidade, lateralidade e o jogo do Kim Visual. Em seguida fomos almoçar, à casa de banho e dormir a sesta. A educadora esteve a falar um pouco comigo sobre o meu desempenho desta manhã.

Inferências e fundamentação teórica

O ato de fazer as bolachas é uma ação que muitas crianças ainda não tiveram a oportunidade de assistir nesta tenra idade. Por isso foi bastante produtivo para qualquer uma destas crianças ver fazer e ter a oportunidade também de o fazer.

Mudei o espaço da sala para realizar esta atividade o que vem ao encontro de Cordeiro (2008) que refere “a sala de aula tem de ser dinâmica, em constante capacidade de mudança, porque tem de atender às necessidades das crianças e às atividades desenvolvidas em cada momento.” (p.365)

Gostei muito desta manhã e segundo a educadora o meu desempenho melhorou em vários aspetos. Devo no entanto imprimir mais ritmo quando leciono as atividades.

3 de janeiro de 2011, segunda-feira

Fomos para a sala, onde a educadora me pediu a aula surpresa de Estimulação à Leitura com o fantocheiro.

Depois a educadora esteve a trabalhar com o material Cuisenaire. E de seguida realizaram uma atividade de expressão plástica, onde as crianças decalcaram as mãos numa folha.

Inferências

Contei a história dos três porquinhos e não fui muito bem sucedida, pois estava muito nervosa e faltou-me capacidade para improvisar e confiança.

A proposta de expressão plástica criada pela educadora para que as crianças concretizassem um decalque das mãos numa folha, foi executada maioritariamente sem dificuldades e sem ajuda dos adultos, apenas para colocar a tinta.

É importante o educador criar situações de interesse para as crianças e que a mesma atividade possa servir ao mesmo tempo para desenvolver a motricidade fina.

4 de janeiro de 2011, terça-feira

Hoje, a educadora pediu-me novamente uma aula surpresa com dois materiais manipuláveis não estruturados, e que abordasse os seguintes conceitos: noção espacial, contagem, associação das peças à quantidade e tamanho.

Fomos para a sala mais pequena e a educadora esteve a dar a textura rugosa, áspera e lisa e mostrou-lhes várias texturas deixando as crianças experimentarem.

Inferências e fundamentação teórica

Não dei erros científicos, o que é muito importante segundo a educadora. Aconteceu uma situação complicada com uma criança que desrespeitou as regras, foi difícil contornar a situação, faltou-me mudar a estratégia de comportamento.

Como afirma Martins *et al.*(2009) sobre os materiais e os objetos:

“Desde que nascem, as crianças estão em contacto e interagem com objectos e materiais e através da sua manipulação vão constatando algumas das suas propriedades/características” e ainda que “muitas crianças mostram já preferência por peças de roupa feitas de materiais que consideram mais macios, rejeitando aqueles mais ásperos (“que picam”).” (p.61)

Muita das crianças presentes na sala manifestaram a textura que mais gostaram e a que menos gostaram, faziam caretas ou arrepiavam-se quando não gostavam e sorriam quando gostavam.

7 de janeiro de 2011, sexta-feira

Quando cheguei ao jardim-escola, e como já é hábito fizemos o acolhimento das crianças no salão cantando em roda.

Fomos assistir a uma aula surpresa de uma das nossas colegas, no bibe encarnado. De seguida, voltei para junto do bibe amarelo que estava no recreio. Depois formaram o comboio e foram para a sala onde a educadora esteve a trabalhar vários materiais manipuláveis com as crianças. Misturou materiais manipuláveis com materiais não-manipuláveis (1º Dom de Froebel, Cuisenaire, Blocos Lógicos, carrinhos de vários tamanhos e algarismos móveis). A educadora trabalhou com as crianças: o tamanho; a espessura; a cor; a noção espacial; a contagem; a diferença e o jogo do Kim Visual.

Passaram para as mesas onde estiveram a elaborar um desenho do corpo humano, cabeça, troncos e membros, a partir de uma folha que estava dividida em duas partes, a primeira parte tinha a cabeça e as crianças tinham de continuar o resto do corpo, na outra parte tinham os membros, e de seguida, as crianças desenhavam o que faltava. Nós estagiárias tivemos reunião sobre as aulas surpresa dadas.

Inferências e fundamentação teórica



Figura 15 - 1.º Dom de Froebel

Na figura 15 podemos observar o 1.º Dom de Froebel. Este é uma caixa de madeira, com a forma de um paralelepípedo, composto por um conjunto de seis pequenas bolas de pingue-pongue revestidas a lã com cores diferentes (vermelho, laranja, amarela, verde, azul e violeta).

A educadora trabalhou as cores e as noções espaciais. Através do jogo do Kim Visual proporcionou as crianças uma oportunidade de movimento, de experimentar e jogar com o material.

As OCEPE (ME,2009) definem que:

“É a partir da consciência da sua posição e deslocação no espaço, bem como da relação e manipulação de objectos que ocupam um espaço, que a criança pode aprender o que está longe e perto, dentro, fora e entre, aberto e fechado, em cima e em baixo. Esta exploração do espaço permite-lhe ainda reconhecer e representar diferentes formas que progressivamente aprenderá a diferenciar e nomear.” (p.73)

O jogo do Kim Visual é uma estratégia importante, desenvolve a memorização das crianças, a atenção e a concentração. Nesta idade as crianças têm estas capacidades ainda pouco desenvolvidas, é por isso bastante importante e essencial que a educadora as estimule.

Esta atividade de identificação da posição das bolas é importante para formar a criança no sentido da localização, bem como a posição e os movimentos que foram executados.

Hohmann, Banet e Weikart (1984), mencionam que “as crianças em idade pré-escolar estão a desenvolver um sentido de localização e a começar a pensar em si mesmas em ligações com as coisas do seu meio ambiente, cabe ao educador orientar e incentivar esse desenvolvimento.” (p.317)

Quer as crianças quer eu gostámos muito de ver o que se podia fazer com este material.

E assim terminou mais um momento de estágio. Vou ter saudades destas crianças que tanto me ajudaram.

3.^a Secção - Estágio no Bibe Encarnado

3.1 Caracterização da turma

Das informações que foram gentilmente fornecidas pela educadora desta sala posso referir os seguintes aspetos:

A turma do Bibe Encarnado é composta por 26 alunos, 14 dos quais são do sexo masculino sendo as restantes do sexo feminino. Todos têm idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos.

Este grupo de alunos está bem inserido na dinâmica do Jardim-Escola. A educadora estabelece uma boa relação com os seus alunos.

Nesta turma existe dois casos especiais, um deles de hiperatividade e défice de atenção e outro caso de paralisia cerebral.

3.2 Caracterização do espaço

A sala do Bibe Encarnado tem vários armários para arrumação e têm cacifos à entrada da sala. Esta é dividida pelos dois grupos do Bibe Encarnado.

É constituída por dois espaços com mesas e um espaço com um tapete onde o grande grupo se reúne. Tem uma boa iluminação natural e está bem decorada.

3.3 Horário do Bibe Encarnado

Faz parte do Plano Curricular de Turma a elaboração de um horário semanal que inclua o maior número de atividades distribuídas ao longo da semana, que promovam o desenvolvimento aprazível e estável das crianças, conforme se pode ver no quadro 6, que de seguida apresento. Este horário é flexível e ajustável às diferentes situações que possam surgir no dia-a-dia. Mais uma vez só estive presente à segunda, terça e sexta-feira.

Quadro 6 - Horário do Bibe Encarnado

Bibe Encarnado A	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h00m	Acolhimento – Canções em roda, jogos e higiene				
9h30m	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo
10h30m	Recreio				
11h00m	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Educação pelo Movimento
11h30m			Educação pelo Movimento	Inglês	Iniciação à Matemática
12h00m	Consolidação da matéria	Consolidação da matéria			
12h30m	Jogos Orientados	Cidadania	Estimulação à Leitura / Jogos de tampo de mesa	Jogos de mesa	Estimulação à Leitura / Jogos de tampo de mesa
13h00m	Almoço e Recreio				
14h45m	Música	Expressão Plástica	Experiências / registo das experiências	Expressão Plástica	Expressão Plástica
15h30m	Expressão Plástica				
16h00m	Relembrar o nosso dia				
16h15m	Lanche				

3.4 Rotinas

Neste bibe, as rotinas (acolhimento, higiene, almoço e educação física) mantêm-se igual às do bibe azul e amarelo (com exceção da sesta).

Apenas apresentarei a rotina que está relacionada com o recreio e a ação como estratégia de aprendizagem.

Recreio

O recreio é um momento diário fundamental na vida das crianças e das educadoras, representando uma “escapatória” para as crianças e as educadoras relaxarem.

Por vezes devido às condições do tempo não é possível realizar o recreio no exterior, por isso, a educadora propõe atividades acompanhadas ou livres, no espaço interior.

No entanto, os momentos de recreio no exterior são muito mais produtivos do que os momentos de recreio interior, pois a criança tem a oportunidade de se libertar, conhecer-se a si e aos outros e ao mundo que as rodeia, a natureza, os ruídos exteriores, entre outras experiências que oferecem à criança momentos de prazer e diversão.

Nesse sentido, Cordeiro (2008) considera: “nesta idade, o recreio representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos.” (p.377)

Os momentos de recreio são sempre acompanhados por educadoras, que estão atentas ao que se passa, para poderem intervir caso seja necessário.

Ação como estratégia da aprendizagem

A ação está inserida em muitos métodos de aprendizagem e em todas as rotinas vivenciadas pelas crianças. Em todo o material utilizado na matemática é sempre muito importante e fundamental a manipulação por parte das crianças.

Hohmann e Weikart (2009) referem que através da aprendizagem pela ação as crianças aprendem a “viver experiências directas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão e constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo.” (p.5)

A educação é, de facto uma realidade e uma necessidade para a vida individual e social, todo o ser necessita de evoluir, desenvolver-se e aperfeiçoar-se.

Para Vayer e Trudelle (1999) “a criança aprende por si própria através das suas acções e interacções com o ambiente imediato. Ao mesmo tempo, aprende a agir e a ser para se adaptar à realidade social que lhe é imposta.” (p.35)

A ação está também ela inscrita nos programas para o Pré-Escolar, é ao longo destas idades que as crianças realizam experiências de aprendizagens ativas, significativas, diversificadas, que integram o bom sucesso escolar de cada criança.

Após a leitura das OCEPE (ME, 2009) destaquei a seguinte afirmação que comprova que as crianças aprendem a aprender:

“A educação pré-escolar cria condições para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, na medida em que promove a sua auto-estima e auto-confiança e desenvolve competências que permitem que cada criança reconheça as suas possibilidades e progressos.” (p.18)

A aprendizagem é um processo pela qual todos nós passamos tanto como crianças como adultos. A criança é desde que nasce um ser exposto a uma aprendizagem contínua e sucessiva. A aprendizagem nunca se conclui, vai-se adquirindo e renovando ao longo da nossa vida. São vários os autores que defendem que a aprendizagem é mais conseguida quando uma criança experimenta, concretiza e vivencia o que vai aprender.

Como afirmam os autores Hohmann e Weikart (2009), “a aprendizagem pela acção depende das interacções positivas entre o adulto e as crianças. Tendo presente a importância de dar às crianças pequenas um clima psicologicamente protegido e saudável, os adultos esforçam-se por ser apoiantes durante as suas conversas e brincadeiras com as crianças.” (p.6)

A criança não se desenvolve unicamente pelo que o docente transmite em sala de aula, mas sim por todo um conjunto de vivências que estão implícitas no meio envolvente. O docente deve ter a capacidade de aplicar estratégias diversificada, com o intuito de uma aprendizagem sucedida. Este deve ter respeito pelas diferenças individuais e pelo ritmo de aprendizagem de cada criança. Pode e deve valorizar as experiências e saberes de cada um, permitir que as crianças façam as escolhas de certas atividades, promover a iniciativa individual e a participação nas responsabilidades da escola.

3.5 Relatos do Bibe Encarnado

Nas figuras 16 e 17, podemos ver algumas características da sala deste Bibe.



Figura 17 - Sala do Bibe Encarnado



Figura 16 - Decoração da Sala do Bibe Encarnado

10 de janeiro de 2011, segunda-feira

Hoje foi o primeiro dia no Bibe Encarnado.

A educadora esteve a dar os constituintes das plantas, e desenhou-os no quadro. Feito o desenho, foi buscar um vaso com uma planta e mostrou-o.

Seguidamente voltámos para a sala, e a educadora sentou as crianças nos respetivos lugares e esteve a fazer um jogo com as crianças. O jogo era composto por cartões, onde estavam perguntas sobre os materiais estruturados e não-estruturados, Cuisenaire, Blocos Lógicos, conjuntos e tampinhas.

Inferências e fundamentação teórica

A aula sobre a planta e os seus constituintes foi muito importante, na medida que motivou as crianças, apelou ao pensamento crítico e serviu de contextualização para o que se pretende trabalhar na área das ciências.

Nas OCEPE (ME,2009), podemos ler que um dos objetivos pedagógicos é “despertar a curiosidade e o pensamento crítico”. (p.16) E ainda que a área de Conhecimento do Mundo “enraíza-se na curiosidade natural da criança e o seu desejo de

saber e compreender porquê. A curiosidade é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo.” (p.79)

Spodek (2010) afirma que “ O objectivo da educação científica é fornecer o contexto de aprendizagem, as experiências e as oportunidades de discussão e reflexão necessários à construção de esquemas mentais articulados, coerentes e interligados, para compreensão dos fenómenos naturais.” (p.503)

O jogo com os cartões também foi muito interessante e fiquei impressionada com a quantidade de conteúdos que estes alunos sabiam sobre os materiais.

11 de janeiro de 2011, terça-feira

Hoje estivemos na sala da televisão, pois a educadora resolveu contar a história da “Sementinha”.

Fomos ao recreio. Voltámos à sala, e a educadora esteve a trabalhar com o 3º Dom de Froebel, onde contou uma história e introduziu a construção da coluna, muro alto e muro baixo. No final pediu às crianças para arrumarem o material aplicando as regras já conhecidas.

Antes de irem almoçar, a educadora deu plasticina e deixou-as modelar livremente.

Inferências e fundamentação teórica

Num momento mais livre e de descontração a plasticina é um excelente material a ser utilizado, pois permite à criança expressar-se livremente. Conversando com as crianças e observando esta atividade, tive a oportunidade de verificar que às figuras de plasticina as crianças associavam algo que para elas tinha significado, como a família, o desenho animado favorito, etc.

Além da expressão, esta atividade de exploração livre permite como é defendido por Cordeiro (2008) o desenvolvimento da motricidade fina.

Foi engraçado verificar que enquanto modelavam iam conversando entre pares de uma forma descontraída.

14 de janeiro de 2011, sexta-feira

Hoje foi um dia muito especial pois os pais/mães podiam vir à escola assistir às aulas dos filhos. Foi o que alguns fizeram.

A educadora contou novamente a história da “Sementinha” desta vez recorrendo ao *powerpoint*. Depois da história propôs que desenhassem os constituintes da planta.

Inferências e fundamentação teórica

O facto das crianças terem os pais a assistir à aula foi positivo, uma vez que permitiu uma maior aproximação da família à escola e o envolvimento dos pais nas atividades realizadas.

Reis (2008), defende cabe à escola e ao professor esta construção proximidade para promover um maior sucesso escolar das crianças.

17 de janeiro de 2011, segunda-feira

Reunião no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus com as professoras da ES e os colegas de mestrado para a entrega das avaliações correspondentes a este momento de Estágio Profissional.

Inferências e fundamentação teórica

As reuniões com as professoras da ES procuram incutir em nós, estagiárias, capacidades de autoanálise e crítica, para que desta forma, possamos refletir sobre o nosso desempenho, de modo a melhorar a prática em aula.

De acordo com Severino (2007) “a acção de supervisionar deverá (...) ser entendida como um auxílio ao desenvolvimento do projecto de cada supervisionado, contribuindo para o desenvolvimento do seu sentido crítico e do seu pensamento autónomo (...).” Assim como “promotora da investigação, do planeamento e da execução de uma acção de qualidade.” (p.56)

18 de janeiro de 2011, terça-feira

Acolhimento no ginásio, onde todos os bibes se reúnem com as educadoras para cantarem em roda.

Hoje tivemos a visita das professoras da ES no JE. Dei a aula surpresa de iniciação à matemática com o material Cuisenaire onde tinha que abordar a soma. Assisti também a aulas surpresa das minhas colegas. Seguidamente fizemos a reunião sobre a reflexão das aulas surpresa.

Inferências

Esta aula surpresa decorreu melhor do que anterior, porque consegui estar mais confiante e dominava mais os conteúdos que me tinham sido propostos. Gostaria ainda de referir que neste bibe, apesar de pouco tempo, consegui estabelecer uma boa relação com as crianças e com a educadora, o que contribuiu para um maior sucesso desta aula.

21 de janeiro de 2011, sexta-feira

Começámos o dia na sala da televisão. A educadora deu aula de Iniciação à Matemática com material não-estruturado (flores). As crianças estavam sentadas no chão em duas filas.

Seguidamente foram para a aula de Educação Física e jogaram à bola. Quando voltaram à sala e a educadora esteve a trabalhar a adição com o material Cuisenaire.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas de Educação Física permitem momentos de convívio, o que é bastante importante para fortalecer a relação entre as crianças, desenvolvendo um espírito de responsabilidade e saber estar. Segundo Hohmann e Weikart (2009), “o tempo em grande grupo constrói um sentido de comunidade.” (p.231)

Posso ainda acrescentar que a professora desta área envolve os alunos estagiários estabelecendo-se assim uma boa relação pedagógica entre todos.

25 de janeiro de 2011, terça-feira

Apesar de este dia estar afeto ao estágio, houve motivos profissionais que não puderam ser adiados.

28 de janeiro de 2011, sexta-feira

Hoje dei aula na área de Iniciação à Matemática com material manipulável não-estruturado. Usei um tabuleiro com cores, algarismos móveis e flores. As crianças estavam muito entusiasmadas.

Foram ao recreio.

Na de Educação Física, a professora colocou as crianças a jogar voley em equipas. Quando voltaram para a sala a educadora deu uma folha a cada criança e em seguida descascou uma cenoura, um nabo, uma batata e uma cebola e distribuiu pratos com guaches às crianças, e as crianças tinham de carimbar a folha com os legumes.

Após esta atividade foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

O material não estruturado que criei, tabuleiro e flores, era apelativo para que as crianças trabalhassem as cores, as noções espaciais, o tamanho e as quantidades. Pedi que ordenassem por tamanhos as flores, obtendo uma sequência. Moreira e Oliveira (2003) afirmam que “a criança desempenha inúmeras actividades de ordenação ao longo da sua aprendizagem matemática.” (p.126)

Os mesmos autores, em relação a esta questão da ordinalidade sistematizam dizendo que:

É comum no jardim-de-infância existirem bonecos iguais de diferentes tamanhos e a criança compara os seus tamanhos com relativa facilidade, dizendo qual é maior e qual é menor. A ordenação do mais pequeno para o maior, ou vice-versa, realizando comparações que utilizem os dois primeiros numerais ordinais, e a palavra «último», como por exemplo o «primeiro é o mais pequenino, o último o maior» e «o segundo é

maior do que o primeiro», são realizáveis se as palavras «primeiro», «segundo» e «último» fizerem parte do vocabulário da criança, o que é provável. (p.126)

Caldeira (2009), referindo a questão anterior, diz que “o material que vai ser posto à disposição da criança para efeitos de ordenamento lógico deve ser escolhido com cuidado.” (p.364) Ainda nesta mesma atividade foi muito importante desenvolver e explorar as noções: esquerda/direita, à frente/ a trás, em cima/em baixo, dentro/e fora, etc. Estes aspetos devem ser explorados pelas crianças e explicados pela educadora. Ao experimentarem, as crianças assimilam mais facilmente.

Segundo Mendes e Delgado (2008), é importante que “sejam realizadas tarefas que envolvam a identificação do local onde se encontra determinado objecto, a descrição e identificação de caminhos e a análise da posição do objecto. Ao fazê-lo, as crianças desenvolvem vocabulário específico e adequado a cada uma das situações.” (p.11)

Para a concretização desta atividade, pedi às crianças que levassem o objeto e executassem a atividade com as indicações que eu dava.

31 de janeiro de 2011, segunda-feira

Quando fomos para a sala a educadora trabalhou com o 3º e 4º Dons de Froebel.

Contou uma história e durante esta introduziu a construção da mobília de quarto, cama e mobília da sala. A educadora promoveu o cálculo mental e o raciocínio lógico através de várias questões.

De seguida, quando voltámos à sala a educadora esteve a contar uma história sobre a poluição das árvores. Depois foram para os seus lugares nas mesas e fizeram um desenho de árvores (uma macieira, uma cerejeira e uma laranjeira).

Inferências e fundamentação teórica

Considero que a utilização do 3º e 4º Dons de Froebel foi importante, na medida em que permitiu trabalhar diferentes conceitos e conteúdos numa só atividade. As crianças elaboraram construções de figuras do seu quotidiano, que fazem parte de uma história ou episódio da vida real e de forma lúdica trabalharam as operações aritméticas,

como a adição e a subtração. A educadora a partir da história explorou também o vocabulário das crianças. Os Dons são um material autocorretivo.

Nas OCEPE (ME,2009), podemos ver como isso foi feito: “cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas.” (p.73) e ainda que “os materiais ditos “autocorretivos”..., permitem uma organização de acordo com o tamanho, a forma e a cor.” (p.75)

A educadora explorou ao máximo este material, apelando aos conhecimentos das crianças e ao desenvolvimento do cálculo mental.

1 de fevereiro de 2011, terça-feira

Quando chegámos ao Jardim Escola fizemos o acolhimento das crianças no ginásio.

Fomos para sala e estive a contar a história “A menina caracolinhas de ouro”, com um livro em três dimensões.

Fomos ao recreio. De seguida dirigimo-nos para a sala onde a educadora esteve a dar o material manipulável, os Blocos Lógicos, abordando a teoria de conjuntos e os atributos das peças.

Inferências e fundamentação teórica

Com a utilização do material Blocos lógicos, na atividade proposta pela educadora, as crianças desenvolvem a capacidade de discriminar as peças pretendidas e treinam a memória visual. Permite ainda que as crianças reconheçam as formas das peças, que identifiquem as suas propriedades, de modo a progredirem na aprendizagem da geometria.

Castro e Rodrigues (2008) defendem que “muitos são os exemplos que se podem apresentar nos quais as crianças são levadas a classificar, utilizando um ou mais critérios. Agrupar objectos pelo reconhecimento das suas propriedades mais comuns é algo que as crianças aprendem desde cedo.” (p.63)

Gostei da passagem que a educadora fez para abordar outra temática da matemática. A estratégia utilizada para dar a teoria de conjuntos também foi produtiva. A educadora com o seu entusiasmo conseguiu envolver as crianças e as estagiárias na dinâmica da aula. Não foi a primeira vez que a educadora deu a teoria de conjuntos, mas é importante diversificar nas estratégias encontradas para ensinar, pois nem todas as crianças compreendem as mesmas coisas com o mesmo exercício. De forma lúdica e divertida, abordou conteúdos matemáticos importantes.

Caldeira (2009) diz que “interessa que os objectos que a criança observa e manipula se distingam uns dos outros por critérios facilmente detectáveis e não, que entre uns e outros, haja possibilidade de confusão ou distinção imprecisa.” (p.364) Nesta atividade criada pela educadora as crianças puderam observar, com afirma a autora atrás referida que os objetos escolhidos, neste caso pessoas, foram “facilitadores para o pensamento das crianças”. Assim vivenciaram a matemática de uma forma ativa e presencial.

04 de fevereiro de 2011, sexta-feira

Depois do acolhimento fomos para a sala da televisão, onde a educadora esteve a dar aula de Iniciação à Matemática, com o material Blocos Lógicos.

Trabalhou a contagem, fez uma associação ao material Cuisenaire (a cor, a espessura e tamanho).

A educadora repreendeu os seus alunos por não estarem a ter o melhor comportamento. Depois foram ao recreio e após este dirigiram-se para a cantina, tinha chegado a hora do almoço.

Inferências

Gostei de ver a forma meiga e assertiva como a educadora lidou com o mau comportamento das crianças, dialogando com as mesmas.

7 de fevereiro de 2011, segunda-feira

Dirigimo-nos para a sala, onde a educadora me pediu uma aula surpresa de Estimulação à Leitura. A educadora deixou-me escolher a história.

Escolhi a história, “A galinha Ruiva” e contei-a interagindo com as crianças e dinamizei a mesma com os sons dos animais e gestos.

De seguida levei-as à quintinha da escola onde estivemos a ver as galinhas e a dar-lhes umas folhas de couves para elas comerem. Fizeram um desenho sobre o que estiveram a ver na quintinha e sobre a nossa história.

Fomos ao recreio. De seguida a educadora lecionou no recinto do recreio ao ar livre. Sentou-os em roda e esteve a dar Iniciação à Matemática, com peças móveis de madeira, material não-estruturado. Trabalhou a contagem e a associação de cores.

Foram almoçar no final desta atividade ao ar livre.

Inferências e fundamentação teórica

Para a estimulação à leitura que realizei com o bibe encarnado apenas recorri ao livro numa primeira fase e depois executei, com a participação das crianças, a ação da história. Captei a atenção das crianças desde o início. Ao longo da história interagi sempre que achei pertinente, e fui pedindo a participação delas conforme ia mostrando também as imagens do livro.

Mata (2006) e Hohmann, Banet & Weikart (1984) referem que o “faz de conta” ou “desempenho de papéis” deve ser proporcionado às crianças por forma a aprenderem e representarem com o seu corpo e voz aquilo que sabem.

No entanto o que mais me surpreendeu foi a aula dada no exterior pois raramente isso aconteceu ao longo do estágio.

8 de fevereiro de 2011, terça-feira

Hoje dei a manhã inteira de aulas. Comecei pela área do Conhecimento do Mundo e fui com as crianças para a sala da televisão, onde mostrei um *powerpoint* sobre o trigo e expliquei o procedimento que se faz antes de o trigo ser farinha. Deixei

as crianças verem e mexeram nas várias fases em que o trigo se encontrava, espiga de trigo, grão, farelo e a farinha.

De seguida, fomos alimentar as galinhas com trigo à quintinha. Quando voltámos, fiz a Estimulação à Leitura, com as crianças sentadas no tapete em forma de U, de uma receita. Tínhamos de construir e ler para realizá-la. Seguidamente passei as crianças para as mesas e estivemos a realizar uma receita de bolinhos de areia.

No final provaram os bolinhos de areia, deliciosos.

Inferências e fundamentação teórica

A aula de Conhecimento do Mundo foi bastante interessante para as crianças, não só pelo tema que abordei mas também pelo facto de estarem em frente a uma tela enorme que lhes transmitia a ideia de cinema. Durante a aula mostraram-se bastante atentas e participativas. Spodek e Saracho (1998), afirmam que a utilização de “um recurso audiovisual pode ampliar as oportunidades de actividades de linguagem receptiva em diversas condições.” (p.253)

As OCEPE (ME, 2009), referem que os registos audiovisuais “são meios de expressão individual e colectiva e também meios de transmissão do saber e da cultura que a criança vê como lúdicos e aceita com prazer.” (p.72)

Este meio da projecção de imagens é uma boa estratégia para incentivar a criança para a aprendizagem, possibilita ainda o aumento das imagens e assim todas as crianças podem ver claramente tudo o que se pergunta, permite mais interesse e ajuda à participação.

11 de fevereiro de 2011, sexta-feira

Dirigimo-nos para a sala. Hoje era para dar uma aula na área da matemática, mas como faltaram educadoras no jardim-escola não foi possível. A educadora da minha sala ficou com as duas turmas do bibe encarnado, levou-as para a sala da televisão e contou uma história sobre a semente que germinou uma cerejeira. Depois fomos ao recreio.

Seguidamente a minha colega e eu estivemos a contar uma história ao grupo em que tinha faltado a educadora, recorremos à expressão dramática com interação das crianças para as cativarmos.

No final deste momento foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

Quando contámos a história recorremos à expressão dramática com a participação das crianças, pedindo a participação de algumas para imitarem, com a utilização de gestos, sons e ações das personagens.

De acordo com as OCEPE (ME, 2009), “a expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o(s) outro(s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais.” (p.59)

Spodek e Saracho (1998) referem que “brincar com marionetas é uma boa maneira de fazer uma criança tímida falar, pois o boneco passa a ser o centro das atenções, em vez da criança.” (p.244) Os fantoches são um ótimo estímulo para desenvolver a linguagem na criança, fazendo com que as crianças mais reservadas se desinibam.

14 de fevereiro de 2011, segunda-feira

Hoje levei o livro onde tinha a receita das areias da minha aula, personalizado com fotos e ofereci para a sala, a educadora esteve a mostrá-lo. De seguida, a educadora contou a história “O agricultor Tomás”.

O recreio foi feito na sala devido às más condições meteorológicas. A educadora colocou música para as crianças e elas estiveram a dançar. Hoje dei a aula na área da matemática com o 3º e 4º Dons de Froebel. Conteí uma pequena história sobre uma padeira que se chamava Alice, e introduzi a construção da camioneta e da mobília da sala. Coloquei perguntas de cálculo mental e raciocínio lógico.

Após o término da minha aula, foram almoçar.

Inferências

Considero a utilização dos Dons de Froebel muito importante, na medida em que permitem trabalhar diferentes conteúdos matemáticos de uma forma lúdica.

15 de fevereiro de 2011, terça-feira

Hoje dei a manhã inteira de aulas. O tema foi as plantas carnívoras. Em estimulação à leitura elaborei um livro onde contava a história das plantas carnívoras.

No final da história havia uma mensagem para as crianças dirigirem-se à sala da televisão onde aparecia a amiga da história a contar o que eram plantas carnívoras e os tipos de plantas carnívoras, para ligar à área do conhecimento do mundo. Levei 2 tipos de plantas carnívoras e passei-as para as crianças verem. Com uma delas, a espécie dioneia, pedi a uma menina para vir ver como funcionava a planta e foi muito giro, as crianças estavam bastante entusiasmadas. Em matemática dei a adição com o material Cuisenaire.

Inferências e fundamentação teórica

Partir de uma história para trabalhar conceitos científicos é muito importante, na medida que motiva as crianças e serve de contextualização para o que se pretende trabalhar na área das ciências. Martins *et al.* (2007) defendem que “as situações contextualizadoras asseguram a que as atividades tenham significado para as crianças e lhes despertem a curiosidade e interesse.” (p.19)

Pude comprovar isto mesmo durante a minha aula de conhecimento do mundo.

Gostei muito de lecionar esta manhã inteira pois sinto que estou a fazer progressos de aula para aula.

18 de fevereiro de 2011, sexta-feira

Hoje quando chegámos ao jardim-escola estivemos a falar com a diretora do jardim-escola, devido ao teatro que iríamos realizar. Seguidamente fui ver a aula de Educação Física, onde as crianças estiveram a jogar ao “piolho”. Em seguida, fomos para a sala onde a educadora esteve a trabalhar com o material Blocos lógicos e fez uma tabela de dupla entrada.

No final da atividade foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças nas aulas de educação física estão muito atentas e motivadas, e adoram ir para estas aulas. Hoje estiveram a jogar ao “piolho” e empenharam-se muito para não perderem.

Segundo as OCEPE (ME, 2009) os jogos desenvolvidos nestas idades “permitem que a criança aprenda a utilizar melhor o seu corpo e vá progressivamente interiorizando a sua imagem. Permitem igualmente que vá tomando consciência de condições essenciais para uma vida saudável, o que se relaciona com a educação para a saúde.” (p.59)

Posso constatar que os dias contemplados com Educação Física são os que as crianças mais gostam.

1 de março de 2011, terça-feira

Hoje foi o dia em que fomos ao jardim-escola propositadamente para realizar um teatro para as crianças. O tema era a história da “Caracolinhos de ouro e os três ursinhos”.

Inferências e fundamentação teórica

O teatro que nós (estagiárias) organizámos foi muito interessante quer para nós pois trabalhámos em equipa e demos o nosso melhor, quer para as crianças que perceberam que estávamos especificamente a representar para elas.

O teatro é uma das artes mais antigas e mais importante, e não se pode substituir por qualquer tecnologia. Para Cordeiro (2008), “será pena esquecer e diminuir uma arte tão antiga e que tantos serviços pode prestar às pessoas e comunidade. A racionalidade e a emoção precisam de andar, novamente, de mãos dadas.” (p.425)

É importante desde cedo o educador ter a preocupação de organizar uma ida ao teatro. Para este autor, “a frequência do teatro, como espectador, deve começar cedo (3 anos, em média), porque tem numerosas vantagens.” (p.424)

Por exemplo:

Desenvolve a imaginação e a percepção estética; desenvolve um espírito crítico e analítico; estimula a capacidade de trabalhar com outros, em equipa; aumenta e facilita o poder de comunicação; liberta as emoções e ajuda a gerir o stress e os sentimentos; permite um melhor conhecimento de si próprio; é uma actividade lúdica e recreativa e pode desvendar talentos relativos à actividade teatral futura. (p.425)

Não posso deixar de referir que hoje foi o nosso último dia de estágio no Pré-Escolar. No próximo dia começarei a realizar o Estágio Profissional no 1.º Ciclo do Ensino Básico por forma a cumprir as horas obrigatórias nesta valência de ensino.

Para além desta mudança ao nível das idades também terei de ir estagiar noutra local de estágio (em virtude deste Jardim-Escola não ter esta valência).

Vou sentir saudades pois sempre gostei muito deste Jardim-Escola, das educadoras e das crianças.

No entanto, antes deste estágio no 1º Ciclo terei que realizar o seminário de contacto com a realidade educativa, vulgarmente chamado estágio intensivo.

4.^a Secção - Estágio Intensivo

4.1 Identificação do local de estágio

Este estágio intensivo foi realizado no conselho de Sintra, numa aldeia chamada Cabrela.

A escola faz parte do Agrupamento de Escolas Alto dos Moinhos, é situada num meio pequeno onde o único transporte é a carreira.

A escola é um edifício pequeno apenas de rés-do-chão tendo em volta um pequeno espaço exterior. Esta, só abrange o 1.º Ciclo do Ensino Básico e tem um total de 29 alunos.

4.2 Caracterização do espaço

O espaço da sala de aula encontra-se no rés-do-chão, é espaçosa e dá para circular por toda a sala, chegando a todos os alunos.

É possível observar um quadro de giz e um quadro interativo e uma secretária que se encontra em frente a todos os alunos (Figura 18). Tem duas janelas grandes permitindo a entrada de luz solar e observar o espaço exterior.

Na parede lateral existe um quadro de cortiça onde se encontram os trabalhos dos alunos expostos e por baixo do quadro um móvel onde se guardam vários materiais para os alunos trabalharem. Os alunos podem encontrar uma sala com um cantinho para a leitura (Figura 19) e uma biblioteca também nesta sala (figura 20)



Figura 19 - *Cantinho da Leitura*



Figura 18 - *Sala do 3.º e 4.º Ano*



Figura 20 - *Biblioteca*

4.3 Caracterização da turma

É uma turma mista de 3.º e 4.º ano de escolaridade. Onde 8 alunos pertencem ao 3.º ano e 6 alunos ao 4.º ano. Estão separados, os do 3.º ano estão na ala direita e os do 4.º ano na ala esquerda.

São crianças meiguinhas que demonstram os seus afetos e existe um bom relacionamento entre elas e os adultos.

No geral, os alunos são empenhados e cumpridores das regras estabelecidas.

4.4 Rotinas

Nesta escola também podemos encontrar rotinas semelhantes às observadas anteriormente. No entanto, em alguns aspetos divergem, como por exemplo: no acolhimento, na higiene e em algumas atividades não disciplinares.

4.5 Horário

O horário não foi cedido, mas pude constatar que as áreas curriculares são trabalhadas preferencialmente de manhã.

4.6 Relatos diários

Semana de 28 de fevereiro a 4 de março de 2011

Foi uma semana diferente. Como anteriormente já tinha estagiado nesta escola, a adaptação foi fácil, e fui recebida muito bem. Os adultos foram sempre muito simpáticos e os alunos muito afetivos.

Nesta semana, vi a professora trabalhar os materiais manipuláveis Tangram, Blocos Lógicos, Pentaminós e o Geoplano. Achei espetacular verificar que mesmo sendo uma escola tão pequena tinha tantos recursos.

Como gostei tanto de ver os materiais e vi que a professora também gostava imenso de os dar, elaborei e dei para a escola as Calculadoras Papi. Fiz os cartões e

umas caixas com peões móveis e expliquei como se aplicava, mostrando o livro da professora Filomena Caldeira.

Também pude ver a professora a treinar com os alunos do 4.º ano para as provas de Aferição.

Como era a semana de Carnaval pude realizar um postal de Carnaval com as crianças (Figuras 21 e 22) e desfilarem e participar com elas em todo o processo do desfile Carnavalesco pela aldeia que foi muito engraçado e divertido (Figuras 23, 24 e 25). O desfile realizou-se no último dia de estágio.

Uma das mais-valias deste estágio foi poder acompanhar os alunos durante todo o dia, os cinco dias da semana o que me permitiu observar os progressos e perceber como se organiza e planifica uma semana inteira.



Figura 22 - Outra perspetiva do postal de Carnaval



Figura 21 - Postal de Carnaval realizado com os alunos



Figura 24 - Desfile Carnavalesco



Figura 23 - Alunos no desfile Carnavalesco



Figura 25 - Eu e a professora cooperante no desfile Carnavalesco

5.^a Secção - Estágio no 1.º Ano A

5.1 Identificação do Local de estágio

Por ter realizado este estágio noutra Jardim-Escola é necessário conhecer e caracterizar a instituição. O Jardim-Escola João de Deus da Estrela é dos jardins escolas mais antigos e encontra-se situado na cidade de Lisboa, na Avenida Álvares Cabral, próximo do Museu João de Deus e da Escola Superior de Educação João de Deus.

Em relação ao edifício, este possui um espaço interior composto por doze salas de aula, um salão (este é utilizado como sala dos dois grupos do bibe encarnado em todos os momentos do dia, menos na hora de almoço que tem também a função de refeitório), biblioteca, cantina, cozinha, sala multiusos, ginásio, sala de informática, atelier de cerâmica, casa de banho para adultos, casa de banho para crianças, secretaria, gabinete de direção, sala de professores e sala de arrumos.

No exterior encontram-se dois espaços de recreio distintos, um para as crianças do pré-escolar e outro para os alunos do 1.º ciclo. Em ambos os espaços de recreio encontra-se um escorrega para momentos de divertimento.

Neste estabelecimento de ensino trabalha uma vasta equipa composta por uma Diretora, 6 educadores, 8 professores, 2 professoras de apoio, auxiliares da Educação, e outros colaboradores.

No jardim-escola as crianças têm atividades disciplinares extracurriculares como: Música, Informática, Ginástica, Biblioteca, Inglês e taekwondo, cada uma destas é adaptada tendo em conta a faixa etária das crianças.

A faixa etária das crianças está compreendida entre os 3 e os 10 anos de idade, e a cada idade corresponde uma cor de bibe. Cada turma tem em média 28 crianças. O bibe amarelo (três anos); o bibe encarnado (4 anos); bibe azul (5 anos); bibe castanho (1.º ano); bibe verde (2.º ano); bibe azul claro (3.º ano) e o bibe azul-escuro (4.º ano).

A organização do espaço, a sua disposição, funcionalidade e estética motivam as atividades a realizar e a dinâmica de relação e interação no grupo de crianças.

5.2 Caracterização da turma – 1.º Ano

De acordo com as informações fornecidas pela professora:

A turma do Bibe Castanho A, 1.ºano é composta por 29 alunos, 14 dos quais são do sexo masculino sendo os restantes do sexo feminino. Todos têm idades compreendidas entre os seis e sete anos.

Este grupo de alunos está bem inserido na dinâmica do JE. A professora estabelece uma boa relação com os seus alunos. De um modo geral, são crianças motivadas, participativas, criativas e muito meigas.

5.3 Caracterização do espaço

A sala do 1.º ano é uma sala pequena tendo em conta o número de alunos e o mobiliário utilizado encontra-se no piso ao nível do chão, tem carteiras individuais de madeira colocadas em filas, com as crianças de frente para o quadro, dando origem a três corredores onde podemos circular.

Nas paredes estão expostos os trabalhos realizados pelas crianças durante o ano letivo e algum material como o alfabeto e o comboio alusivo às ordens e classes dos números.

Existem armários e cabides devidamente identificados com o nome das crianças.

A Cartilha Maternal e o ponteiro são dois objetos que se encontram na sala pois são essenciais à sua rotina.

5.4 Horário do 1.º Ano

Faz parte do Plano Curricular de Turma a elaboração de um horário semanal que inclua o maior número de atividades distribuídas ao longo da semana, que promovam o desenvolvimento aprazível e estável das crianças, conforme se pode ver no quadro 7, que de seguida apresento. Este horário é flexível e ajustável às diferentes situações que possam surgir no dia-a-dia.

O currículo do 1.º ciclo do Ensino Básico apresenta o número de horas obrigatórias para o ensino da Língua Portuguesa, da Matemática e do Estudo do Meio. No entanto, nos Jardins-Escolas João de Deus os alunos cumprem um número superior de horas letivas quer a Língua Portuguesa quer a Matemática.

Quadro 7 - Horário do 1.º Ano

Bibe Castanho A	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
8h00m	Acolhimento – Canções em roda, jogos e higiene				
9h00m – 9h50m 10h00 – 10h50m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11h00m – 11h30m	Recreio				
11h30m – 12h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12h00m – 13h00m			Educação Musical		
13h00m – 14h30m	Almoço e Recreio				
14h30m – 15h20m	Inglês	Hora do Conto	Língua Portuguesa	Estudo do Meio	Estudo do Meio
15h20m – 16h10m			Educação Física		
16h10m – 17h00m	Expressão Artística	Estudo do Meio	ACND	Assembleia de Turma ACND	Biblioteca / Informática
17h00m	Lanche				
17h15m	Saída				

5.5 Rotinas

Também no 1.º ciclo do Ensino Básico existem rotinas.

As principais rotinas são o acolhimento que se realiza nos mesmos moldes do Pré-Escolar. Inicia-se às 9 horas e dura até às 9h 30m termina com o Hino de João de Deus;

A higiene, sempre que entram na sala ou quando vão almoçar;

As refeições, a meio da manhã as crianças têm um pequeno lanche, o período do almoço inicia-se às 13h e o lanche que é feito na sala de aula às 17h.

ACND – Atividades Curriculares Não Disciplinares, as atividades extracurriculares tais como, Educação Musical, Educação Física, Informática, Cerâmica, Biblioteca, Inglês e Expressão Artística, constam do horário e são do agrado da maioria das crianças. No horário de estágio não foi possível ver nenhuma destas atividades. No entanto quando mudei o meu horário de estágio foi possível ver a Expressão Artística e Informática.

Na aula de Informática, as crianças mantêm o contacto com os computadores, trabalhando no Word ou com o software didático em trabalho de pares. Hoje em dia, o contacto desde cedo com as novas tecnologias, nomeadamente a informática, é bastante importante, na medida em que a familiarização com o computador permite a aquisição de conhecimentos básicos para o futuro.

Moreira e Oliveira (2004) afirmam que “tanto em casa como na escola ou jardim-de-infância a utilização destes meios pode constituir um importante instrumento educativo. No entanto toda essa aprendizagem e manipulação não deve ser muito rigorosa, permitindo que a criança aprenda brincando.” (p.156)

Aprendizagem pela ação

As vantagens da ação, do contacto e do trabalho em comum de crianças em momentos diferentes do desenvolvimento, com competências e saberes diversos, implica que o professor organize o processo educativo de modo a que este responda às características de cada criança, estimulando a sua evolução.

Hohmann e Weikart (2009) referem que “através da aprendizagem pela acção – viver experiências directas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo.” (p.5)

A diversidade de situações e a variedade de reacções por parte das crianças que iniciam a educação pré-escolar exigem uma grande atenção, flexibilidade e receptividade por parte do educador para encontrar as respostas mais adequadas.

O professor deve também ter em atenção e escolher criteriosamente quais os assuntos que merecem mais desenvolvimento, que têm mais pertinência, podendo assim alargar os interesses de cada criança.

“Saber acolher os apelos, escutá-los, descobrir o sentido da procura e do desejo da criança, decifrar os sinais da sua vida interior, tais são as primeiras condições de uma caminhada educativa; no entanto, o educador deve ser capaz de controlar as forças vivas e as emoções desencadeadas na criança e em si próprio, de encontrar respostas apropriadas, as que tem por fundamento as referências sociais a que ambos estão ligados e os objectivos escolhidos para orientar a empresa da acção educativa.” (Postic, 2008, p. 281)

As crianças são seres que têm dentro de si muita curiosidade, gostam sempre de vivenciar ao máximo o que veem, e procuram sempre uma resposta que para ela seja válida sobre o que vê. A criança é um ser ativo em conhecimentos que para ela sejam motivadores e desafiantes.

Cabe ao educador/professor estimular o desenvolvimento global da criança, no respeito pelas suas características individuais, contudo o desenvolvimento implica proporcionar aprendizagens significativas e diferenciadas.

A aprendizagem é desenvolvida desde cedo por parte do meio envolvente, na escola cabe ao docente criar condições para uma aprendizagem de sucesso. Tendo em conta as organizações curriculares e programas do 1.º ciclo (OCP) uma aprendizagem ativa:

“Pressupõe que os alunos tenham a oportunidade de viver situações estimulantes de trabalho escolar que vão da actividade física e da manipulação dos objectos e meios didácticos, à descoberta permanente de novos percursos e de outros saberes. Tal desafio aponta para concepções alternativas que mobilizem a inteligência para projectos decorrentes do quotidiano dos alunos e das actividades exploratórias que lhes deverão ser proporcionadas sistematicamente.” (ME, 2006, p. 23)

O docente deve ter um conjunto de valores profissionais que aplica nas estratégias, com o intuito de uma aprendizagem sucedida. Este deve ter respeito pelas

diferenças individuais e pelo ritmo de aprendizagem de cada criança. Pode e deve também valorizar as experiências e saberes de cada um, permitir também que os alunos façam as escolhas de certas atividades, promover a iniciativa individual e a participação nas responsabilidades da escola. Pode ainda criar entre os alunos um clima favorável à socialização e ao desenvolvimento moral.

Com a aprendizagem que fiz durante o estágio no Pré-Escolar estarei mais confiante para perceber o que estas crianças conseguem fazer neste ciclo de ensino.

Vai ser um desafio aprender com elas e realizar este estágio.

5.6 Relatos do 1.º Ano – Bibe Castanho

14 de março de 2011, segunda-feira

Neste novo momento de estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico, formei um grupo de estágio com uma colega de turma, penso que vai ser compensador, pois o facto de podermos partilhar opiniões de diferentes conteúdos e situações é uma mais-valia.

Hoje foi dia dos pais assistirem às aulas e havia muitos pais.

A professora esteve a trabalhar com o 4º Dom de Froebel. Contou uma pequena história e introduziu a construção do cadeirão e da ponte. Fez uma ficha com um pictograma. Em seguida como estava quase na hora de almoço, a professora realizou um jogo em que as crianças tinham de soletrar as palavras que a professora dizia, que estavam relacionadas com a matemática.

Inferências e fundamentação teórica

Reis (2008) defende que o papel do professor é muito importante e que este deve estabelecer uma relação de amizade e de aproximação com os Encarregados de educação.

Quando estes o veem na sala de aula a trabalhar com os seus educandos passam a admirá-los mais.

15 de março de 2011, terça-feira

Fomos para a sala, e como a professora teve de se ausentar um pouco, nós estivemos e ler um texto do manual das crianças, e fizemos o jogo de soletrar palavras.

Quando a professora voltou, pediu a quatro crianças para distribuïrem as fichas já corrigidas aos colegas, e arrumarem-nas nas capas. A minha colega e eu estivemos a arrumar fichas nos dossiês e a organizar as datas.

A professora esteve a dar o material manipulável, Cuisenaire, colocou perguntas dirigidas sobre o material e pediu as crianças para fazerem a escada por ordem crescente através de perguntas de raciocínio lógico e cálculo mental.

Inferências e fundamentação teórica

Um aspeto que destaco desde já foi o uso deste material manipulável.

Por ser um material apelativo e de fácil manipulação, Montessori (1936), citado por Formosinho (2002), descreve-o como sendo “adequado e atraente, aperfeiçoando para a educação sensorial, capaz de concentrar a atenção”. (p.124)

A turma mostrou-se receptiva e entusiasmada com este material, o que vem ao encontro de Alonso e Roldão (2005) “ os materiais manipulativos motivam muito os alunos, servem de base à abstracção e permitem realizar experiências muito ricas. Os alunos aprendem de uma forma mais alegre, mais bem disposta, mais dinâmica”. (p.106)

Gostei de ver a turma a trabalhar com este material sendo que os alunos são mais autónomos.

18 de março de 2011, sexta-feira

Hoje foi dia de visita de estudo à Kidzânia. Em virtude do meu horário não pude ir e fiquei na sala do 3.º ano, onde estivemos a fazer uma ficha de matemática. Foram ao recreio. Depois vieram acabar a ficha.

Mais perto das 13 horas foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

No que diz respeito à visita de estudo em si, esta revelou-se ser um meio de adquirir aprendizagens de uma forma lúdica. Com estas experiências, cabe ao educador o papel importante de preparar cada pormenor que envolve um acontecimento destes, para que ele seja também educativo ao nível da aquisição de conhecimentos.

De acordo com Almeida (1998) “uma visita de estudo é uma viagem organizada pela escola e levada cabo com objectivos educacionais, na qual os alunos podem observar e estudar os objectos de estudo nos seus locais funcionais.” (p.51)

Para além desse aspeto ainda permite desenvolver a socialização entre pares e saírem da rotina da sala de aula.

21 de março de 2011, segunda-feira

Hoje os alunos do Mestrado (exceto os do Pré-Escolar) estiveram presentes na reunião de Prática Pedagógica na Escola Superior de Educação João de Deus.

Nesta reunião tomámos conhecimento das avaliações referentes ao nosso último momento de estágio e esclarecemos várias dúvidas sobre situações ocorridas e da elaboração do relatório. As avaliações foram lidas em voz alta, sendo uma das reges e hábitos deste estabelecimento de ensino.

Inferências e fundamentação teórica

Estes géneros de reuniões, na minha opinião são importantes, visto que nelas podemos e devemos falar dos acontecimentos que apreciamos no estágio e abordar esses assuntos com os professores da equipa da ES.

Segundo Alarcão e Roldão (2008) “a natureza questionadora, analítica, interpretativa, teorizadora e reflexiva do trabalho superviso, assenta num acompanhamento e discussão permanente do processo e da ação e seus resultados, parece ser um alicerce para a construção do conhecimento profissional” (p.54) e é neste sentido que também se pretende explicar a razão deste tipo de reuniões.

22 de março de 2011, terça-feira

Hoje foi dia das crianças realizarem o teste de Matemática. Fomos ao recreio. Quando voltámos a professora esteve a fazer revisões para o teste de Língua Portuguesa.

Inferências e fundamentação teórica

Pais e Monteiro (2002) defendem que “os testes indicam-nos o que eles são capazes de fazer quando querem dar o seu melhor, isto é, permitem obter informação acerca do seu desempenho máximo. (...) Pensamos que os testes são um entre muitos instrumentos a que os professores podem recorrer para avaliar as aprendizagens dos alunos.” (p.63 -64)

A meu ver, estes momentos de aprendizagens são importantes para o professor, e para o aluno, pois são os testes o instrumento que os professores utilizam para avaliar os seus alunos, e estes já o sabem. Não esquecendo portanto, que existe outros instrumentos que também são avaliados.

25 de março de 2011, sexta-feira

Hoje uma colega deu a sua aula programada para as professoras da ES.

Iniciou a aula com a área de Matemática, usando o Geoplano para fazer um itinerário. Distribuiu o material. A colega foi dando as orientações espaciais e a quantidade de passos a dar.

Com o livro da “Galinha Ruiva” fez estimulação à leitura, relacionando a mesma com o Conhecimento do Mundo onde explicou o ciclo do pão. Utilizou diversas imagens grandes que mostravam as partes mais importantes do ciclo (máquinas, grãos, mó, moinho, etc.), levou uma espiga de milho que passou pelas crianças e em seguida retirou os grãos de trigo para eles observarem. Terminou com os alunos sentados no refeitório a confeccionarem pão. Por fim, tiveram reunião de reflexão das aulas assistidas com as professoras da ES.

Inferências e fundamentação teórica

O grande momento da aula da colega foi, sem dúvida, a parte em que estiveram no refeitório a fazer a massa do pão, todos participaram e fizeram o seu pãozinho. Segundo Spodek e Saracho (1998), “experiências culinárias também podem ser usadas para estimular o aprendizado de ciências nas crianças pequenas (...) as experiências também podem ser usadas para conversar sobre nutrição e sobre o que as crianças precisam para um crescimento saudável.” (p.294)

Os mesmos autores referem que “as crianças precisam primeiro explorar as propriedades das coisas e, uma vez tendo feita esta exploração, podem fazer perguntas razoáveis sobre os materiais e os fenómenos que experimentam. (...) Mantendo uma atitude lúdica em relação à aprendizagem de ciências, as crianças podem aprender mais do que se lhes forem ensinados factos científicos específicos por repetição.” (p.224)

Comparando com o Pré-Escolar esta aula mais elaborada e rica em conteúdo e descoberta por parte das crianças.

28 de março de 2011, segunda-feira

Hoje foi o dia de dar aula de matemática, trabalhei com o material Cuisenaire.

Fomos ao intervalo e quando voltámos a professora esteve a fazer revisões para o teste de estudo do meio que se iria realizar no dia a seguinte.

Depois foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

No geral a aula decorreu bem, não dei erros científicos, apenas alguns aspetos a melhorar. Como foi a primeira aula neste bibe, estava um pouco nervosa, e deveria ter sido mais dinâmica. A turma é espetacular.

Na aula de matemática com o material Cuisenaire utilizei os algarismos móveis para representar o valor das peças. É importante que as crianças visualizem o número representativo de uma quantidade e comecem a interiorizar o seu grafema. Castro e Rodrigues (2008) afirmam que:

De um modo geral podemos dizer que o sentido de número diz respeito à compreensão global e flexível dos números e das operações, com o intuito de compreender os números e as suas relações e desenvolver estratégias úteis e eficazes para cada um os utilizar no seu dia-a-dia (...) Inclui ainda a capacidade de compreender o facto de que os números podem ter diferentes significados e podem ser usados em contextos muito diversificados. (p.11)

O algoritmo representado com algarismos e sinais móveis também familiariza as crianças com as operações e é importante que entendam que existem diferentes formas de representar a mesma quantidade. Moreira e Oliveira (2003) referem quão importante é que o educador proporcione às crianças “um amplo leque de possíveis representações as quais são importantes na definição de estratégias mobilizadas na resolução de problemas e outras atividades matemáticas.” (p.66)

29 de março de 2011, terça-feira

Hoje dei a continuação da manhã inteira de aulas e estive a dar a aula na área de língua portuguesa e do estudo do meio. Na primeira área, contei uma história que construí e depois como todos tinham a folha com a história leu cada um, um bocadinho, de modo a todos treinarem um pouco a leitura. Na área de estudo do meio dei a rã e interliguei com a língua portuguesa pois a história era sobre rãs. Falei das características das rãs e levei uma verdadeira para as crianças verem e explorarem.

Fomos ao intervalo e quando voltámos os alunos estiveram a realizar o teste de estudo do meio.

Em seguida foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças ficaram muito entusiasmadas, e nas pesquisas que fiz penso ser importante que as crianças vivenciem as experiências.

Como é referido na Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1º Ciclo (ME, 2006):

“Será através de situações diversificadas de aprendizagem que incluam o contacto directo com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade, bem como através

do aproveitamento da informação vinda de meios mais longínquos, que os alunos irão aprendendo e integrando, progressivamente, o significado dos conceitos.” (p.102)

1 de abril de 2011, sexta-feira

Hoje a minha colega deu as aulas da manhã inteira. A língua portuguesa deu os tipos de frase e realizou uma atividade no quadro com as crianças. A matemática deu os euros e aplicou situações problemáticas. Levou euros para as crianças manipularem.

Foram ao intervalo. Na área de estudo do meio deu o peixe, e falou das suas características, levou um aquário com peixes para as crianças verem.

Depois foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

Na área de Estudo do Meio, a colega mostrou às crianças fotografias referentes aos peixes e levou mesmo reais. Segundo Spodek e Saracho (1998), “as fotografias estimulam discussões e oferecem informações (...).” (335) Os mesmos autores referem ainda que “as fotos devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas se possam concentrar no que é importante.” (p.335)

Esta aula decorreu bem, foi dinâmica e as crianças divertiram-se. A colega desenvolveu a linguagem nas crianças a partir das diversas vezes em que puderam dialogar para dar opiniões.

Aranão (1996) aponta que “o professor deve agir como interventor e proporcionar-lhes o maior número possível de actividades, materiais e oportunidades de situações para que as suas experiências sejam enriquecedoras, contribuindo para a construção do seu conhecimento.” (p.16)

Foi interessante verificar que várias crianças queriam mexer nos peixes e referiram que tinham visto um peixe por dentro.

4 de abril de 2011, segunda-feira

Hoje a professora pediu a aula surpresa de Matemática à minha colega com o material Calculadores Multibásicos e que trabalhasse a leitura de números por classes e ordens.

No resto do dia, realizaram-se as rotinas normais.

Inferências

Apesar de a colega ter demonstrado algum nervosismo durante a aula conseguiu realizar com os alunos o que lhe foi solicitado. Segundo a professora os exercícios poderiam ter sido um pouco mais desafiantes.

5 de abril de 2011, terça-feira

Após as rotinas habituais, dei uma aula de preparação para a aula programada com as três áreas em 60 minutos.

Fomos ao recreio e depois levámos as crianças a almoçar.

Inferência

Foi muito bom para mim a oportunidade que esta professora me deu, por forma a poder treinar a minha postura, voz e relação com as crianças antes da aula que contava para avaliação do Estágio Profissional.

8 de abril de 2011, sexta-feira

Hoje foi o dia da minha aula programada. Esta foi assistida por uma professora da ES e por duas colegas.

A minha aula foi sobre um animal, o esquilo. Comecei pela área da Matemática com o 3º e 4º Dons de Froebel, onde explorei o material e realizei com as crianças a

construção, a camioneta (Figura 26). Trabalhei com elas, o cálculo mental e o raciocínio lógico.

Seguidamente, passei para a Língua Portuguesa onde fiz uma estimulação à leitura, aplicando as regras da Cartilha Maternal e abordei os determinantes artigos definidos. Elaborei uns cartões para fazer uma leitura animada (Figura 27).

Com interdisciplinaridade da área anterior passei para a área do Estudo do Meio onde levei um esquilo e falei sobre as suas características.

Várias estagiárias e eu fomos debater as aulas programadas com as orientadoras e a professora da sala.



Figura 26 - Construção da Camioneta com o 3.º e 4.º Dons de Froebel



Figura 27 - Cartões lúdicos para a leitura

Inferências e fundamentação teórica

Partir de uma história para trabalhar conceitos científicos é muito importante, na medida que motiva as crianças e serve de contextualização para o que se pretende trabalhar na área das ciências. Martins *et al.* (2007) defendem que as situações contextualizadoras asseguram que as atividades tenham significado para as crianças e lhes despertem a curiosidade e interesse.” (p.19)

A área de Estudo do Meio permite criar sempre muita curiosidade e interesse sobre o que se pretende transmitir.

11, 12 e 15 de abril de 2011, segunda, terça e sexta-feira

Estes três dias correspondem às férias da Páscoa, o que altera as rotinas pré-estabelecidas.

Hoje, o acolhimento foi feito no recinto do recreio, pois estava uma linda manhã.

Muitas crianças estavam de férias e as que foram à escola puderam brincar livremente no recreio e com os seus jogos favoritos.

Inferências e fundamentação teórica

Os momentos em que as crianças estão todas em convívio são bastante importantes para fortalecer a relação entre as crianças, desenvolvendo um espírito de responsabilidade e saber estar. Segundo Hohmann & Weikart (2009), “o tempo em grande grupo constrói um sentido de comunidade.” (p.231)

Estes pequenos momentos realizados ao longo dos dias proporcionam diversas aprendizagens. Cordeiro (2008) defende que este momento “permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e completar a noção de espaço e tempo.” (p.373)

Também para nós estagiários foi bom podermos estar mais descontraídos e conversarmos com os professores sobre aspetos relacionados com a vida profissional.

2 de maio de 2011, segunda-feira

Acabaram-se as férias da Páscoa, e por isso, regressei ao estágio. No entanto, considero pertinente referir que por motivos profissionais alterei o meu horário de estágio para segunda-feira o dia inteiro e terça-feira da parte da manhã.

O acolhimento foi feito no exterior com todos os alunos.

Dirigimo-nos para a sala, onde a professora esteve a distribuir fichas para as crianças arrumarem nas suas capas. Dei uma aula de Matemática, com o material manipulável 5.º Dom de Froebel. Realizei a construção do poço.

Fomos ao recreio.

Seguidamente, quando voltámos fizemos uma ficha com um pictograma e de uma aula de Língua Portuguesa onde abordei os adjetivos e realizei uma pequena proposta de trabalho para consolidação.

Após a mesma as crianças foram almoçar.

Quando voltei do almoço as crianças tiveram inglês. Falaram sobre a face, e fizeram um desenho de uma face enquanto ouviam uma música em inglês sobre as partes da face. Seguidamente as crianças foram ter expressão plástica para uma sala no piso de baixo, onde estivemos a fazer recortes e montagem numa folha branca em tamanho A3.

Inferências e fundamentação teórica

As atividades de expressão plástica são importantes que se realizem para que, desde pequenas, aprendam a partilhar e estimar os materiais.

De acordo com as OCEPE (ME, 2009), a “expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora (...)” (p.61) Ainda Sousa (2003) refere que as pinturas das crianças não interessam como obras de arte, mas sim como um método educacional, ou seja, é somente importante que as crianças expressem os seus sentimentos e satisfaçam as suas necessidades criativas. O autor defende ainda que “numa pintura há sempre algo de pessoal, de projecção da personalidade; um estilo individual em conformidade com os gostos, interesses e tendências.” (p.225)

A criança deve sempre utilizar o desenho ou pintura como forma de se expressar livremente. Muitas vezes é levada a desenhar para agradar o adulto acabando por representar desenhos figurativos. Cardoso e Valsassina (1988) dizem que:

A expressão plástica infantil é essencialmente uma linguagem que, praticada nas devidas condições, ajudará a criança no seu natural desenvolvimento, a encontrar o equilíbrio, por meio de uma série de experiências sensoriais e intelectuais. (...) Quando vemos pintar uma criança assistimos ao diálogo entre o EU e o quadro que constrói. Segundo esta observação, não se deve ensinar às crianças uma maneira de representar a natureza, mas sim encorajá-las e exprimir, o mais intensamente possível, o que se esconde nelas. (p.69)

Os mesmos autores referem ainda que, para além da expressão de sentimentos, a expressão plástica tem também como objetivo a comunicação. (...) “toda a criança

necessita de comunicar. Comunicar, implica a intenção de uma relação afectiva para com os outros.” (p.70)

Para concluir, Rodrigues (2002) diz que “através das cores e das formas, a expressão plástica não se limita a comunicar apenas mensagens convencionais mas também algo de muito pessoal, que pode levar a alterar códigos conhecidos.” (p.14)

3 de maio de 2011, terça-feira

Após o acolhimento no exterior, dei as aulas nas áreas de Língua Portuguesa e Estudo do Meio.

Contei uma história sobre a gotinha de água, para fazer interdisciplinaridade com a área de estudo do meio. Em língua portuguesa estive a dar o conceito de adjetivo e a explicar o que é e para que serve. Dei vários exemplos, e pedi para as crianças interagirem e identificarem adjetivos na história.

Fomos ao recreio. Quando voltámos para a sala passei para a 2.^a área onde expliquei o ciclo da água através de imagens projetadas numa tela.

Quando a estava a iniciar, entrou o Dr. António com uma equipa da televisão, perguntando se me importava que filmassem a aula para a RTP. Disse que não me importava e comecei a explicar todo o ciclo, e de seguida passei para uma atividade que consistia em preencher uns cartões onde estava representado o ciclo da água de forma a consolidar a matéria dada. Pedi-lhes para arrumarem os cartões na caixa. Estive a discutir as aulas com a minha professora.

Inferências e fundamentação teórica

A aula de conhecimento do mundo foi bastante interessante para as crianças, não só pelo tema que abordei mas também pelo facto de estarem em frente a uma tela enorme para melhor visualizarem. Spodek e Saracho (1998), afirmam que a utilização de “um recurso audiovisual pode ampliar as oportunidades de actividades de linguagem receptiva em diversas condições.” (p.253)

A professora gostou muito da aula, mas disse-me para ser mais dinâmica e impor-me para que as crianças respeitem os meus pedidos.

Considero também que pelo facto de os alunos terem percebido que o Dr. António e os operadores estavam ali os excitou a elas e prejudicou-me.

9 de maio de 2011, segunda-feira

Após o acolhimento a minha colega deu a aula na área de Estudo do Meio, sobre os planetas. Visionamos um filme, e de seguida fez a explicação da matéria dada. Para finalizar realizou uma atividade sobre os planetas, onde as crianças tinham de fazer os planetas em plasticina, e de seguida colocá-los por ordem numa placa de esferovite presos a um palito.

Enquanto a minha colega esteve a dar aula, estive a corrigir os trabalhos.

Fomos ao recreio. Quando regressámos a professora realizou um ditado gráfico.

Fomos almoçar. Quando voltei estive a fazer as grelhas de avaliação da tipologia do erro que a professora me pediu. Depois as crianças tiveram inglês, a meio da aula fomos interrompidos pela diretora do jardim-escola para ir assistir a uma atividade no recreio, sobre uns desenhos animados, o Max. Depois voltámos para a sala com a professora e estivemos a arrumar os trabalhos.

Inferências e fundamentação teórica

Num momento mais livre e de descontração a plasticina é um excelente material a ser utilizado, pois permitiu que as crianças construíssem os planetas de uma forma livre. Além da expressão, esta atividade de exploração livre permite o desenvolvimento da motricidade fina.

Segundo as OCEPE (ME, 2009), “a motricidade fina insere-se no quotidiano do jardim-de-infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objectos.” (p.59)

De acordo com Sousa (2003), “a criança é por natureza muito expressiva e criativa, e estas necessidades são satisfeitas através da modelagem e da criação de formas em materiais moldáveis”. O autor menciona ainda que “através da modelagem a criança encontra um espaço formativo em que através das suas mãos lhes proporciona uma inesgotável fonte de experimentações e descobertas.” (p.255)

O trabalho final da aula da minha colega ficou muito bonito.

10 de maio de 2011, terça-feira

Hoje, a minha colega e eu fomos assistir às aulas que estavam a decorrer no 1.º Ciclo.

Assistimos a duas aulas, em que ambas eram para darem a divisão com números decimais no 4.º ano de escolaridade. Em seguida fomos para a reunião discutir as aulas com as supervisoras do estágio profissional e com as professoras da sala.

Fomos para a sala e estivemos a ajudar as crianças a finalizar o trabalho que estavam a realizar.

Inferências e fundamentação teórica

Posteriormente a uma aula observada por um ou mais elementos da Equipa de Supervisão, ela é discutida em reunião. Citando Formosinho (2002) a supervisão é considerada

Um processo de apoio ao processo de aprendizagem profissional da candidata a educadora, o qual está ao serviço do processo de aprendizagem dos alunos. É um processo que se desenvolve (...) numa sala e numa instituição de educação de infância no contexto de uma sociedade que tem uma tradição cultural que envolve saberes, normas, crenças e valores. (p.117)

Segundo Alarcão (1995) “o supervisor é o facilitador da reflexão, consciencializando o formando da sua actuação, ajudando-o a identificar problemas e a planificar estratégias de resolução dos mesmos (...).” (p. 97)

Mesmo quando não sou eu a dar aulas gosto muito destas reuniões, pois vou tomando consciência de aspetos que me podem ajudar a crescer profissionalmente.

Terminou o 1.º momento de estágio no 1.º Ciclo. Reconheço que foi um pouco mais difícil e trabalhoso, devendo assim, continuar a esforçar-me e empenhar-me.

6.^a Secção - Estágio no 2.^o Ano

6.1 Caracterização da turma

A turma do 2.^o ano, Bibe Verde é constituída por 27 crianças, das quais 17 são do sexo feminino e 10 do sexo masculino.

Todos completam os 7 anos até ao final do ano, exceto uma aluna que completa 8 anos no início do ano.

Através das informações fornecidas pela professora, podemos referir que:

A nível de maturidade, a maioria dos alunos revela imaturidade para a sua idade, apesar de todos os alunos terem frequentado o jardim-de-infância;

Quanto à aprendizagem, todos os alunos leem, apesar de alguns não possuírem velocidade de leitura adequada ao ano de escolaridade em que se encontram;

Em relação à escrita, a maioria dos alunos comete bastantes erros ortográficos;

No entanto, deve salientar-se que, três alunos são filhos de pais de outras nacionalidades, seis alunos vêm assinalados com dificuldades de aprendizagem e uma aluna é portadora de mutismo seletivo;

Ao nível da interpretação, respondem à maioria das questões orais, mas quando estas são por escrito, revelam bastantes dificuldades para as lerem e interpretarem;

Na área da matemática, revelam estar muito esquecidos dos conteúdos aprendidos, e possuem muito pouco cálculo mental;

A turma no geral, é bastante desconcentrada e irrequieta, o que prejudica todo o seu funcionamento, desenvolvimento e aprendizagem;

É muito difícil prender a atenção destes alunos, pois revelam desmotivação e desinteresse constante pelas atividades da sala de aula, em todas as áreas;

Metade da turma não consegue realizar as atividades no tempo estipulado, devendo ainda salientar que dois alunos não realizam praticamente nenhuma tarefa completa no decorrer de um dia;

Não se comportam corretamente na sala de aula, não ouvem o que a professora diz e não respeitam os colegas e os adultos.

6.2 Horário do 2.º Ano

No Quadro 8, apresento o horário desta turma, muito parecido com o que foi apresentado no ponto 5.4.

Quadro 8 - Horário do Bibe Verde, 2.º Ano

Bibe Verde A	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
8h00m	Acolhimento – Canções em roda, jogos e higiene				
9h00m – 9h50m 10h00 – 10h50m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h00m – 11h30m	Recreio				
11h30m – 12h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h00m – 13h00m					
13h00m – 14h30m	Almoço e Recreio				
14h30m – 15h20m	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	ACND	Educação Musical
15h20m – 16h10m	ACND			Inglês	
16h10m – 17h00m	Hora do Conto	Biblioteca / Informática	Educação física	Assembleia de Turma ACND	Expressão Artística
17h00m	Lanche				
17h15m	Saída				

6.3 Rotinas

As rotinas neste bibe, mantêm-se como as anteriores, cumprindo o que é estabelecido.

Neste bibe irei destacar a relação pedagógica por ser dos aspetos mais importantes para o sucesso escolar das crianças, pois quando nos envolvemos nunca mais esquecemos.

Relação pedagógica

Neves (1996) afirma que “o professor, enquanto agente de desenvolvimento humano, deve procurar desempenhar as suas funções através de uma criação de relação de agrado.” (p.15) Importa que o docente expresse atitudes de confiança no desenvolvimento e na aprendizagem dos seus alunos, como tal deve adotar atitudes que inspirem, estabilidade e segurança.

Cada vez mais a eficácia do professor no processo do ensino-aprendizagem passa pelo sucesso da relação pedagógica e menos pelos seus conhecimentos. A forma como o docente exerce influência nos seus alunos, contribui, para um maior envolvimento na aprendizagem e conseqüentemente na obtenção de melhores resultados escolares.

O docente deve ter uma postura que transmita confiança, segurança, seriedade, credibilidade de modo a que os alunos possam acreditar na pessoa que os dirige, na sua formação tanto como alunos, como pessoas.

A confiança deve ser difundida por parte do docente para os seus alunos o quanto antes. Ou seja, os alunos devem sentir-se seguros perante o docente que têm junto de si, este passa grande parte do dia com a turma e o sucesso escolar depende também desta relação. Um aluno com confiança no docente tem menos ou nenhuma dificuldade a dialogar com este, mesmo em caso de dúvidas ou de ajuda para alguma situação.

A relação entre um aluno e um docente deve ser a mais verdadeira possível, para que de certo modo não se desenvolvam conflitos.

Coelho (2001) diz que “devemos considerar que, na relação aluno/professor, o “nó de conflitos” que é o aluno não vai encontrar na pessoa do professor um “templo de serenidade”: a criança vai encontrar um outro “nó de conflitos” numa pessoa que - espera-se - estará simplesmente, melhor preparada do que ela para os assumir e superar.” (p.22)

Segundo Durkheim (citado por Pires, Fernandes e Formosinho 1991), a escola “socializa os indivíduos, ou seja, prepara-os para a sua integração na sociedade. Esta socialização supõe, além da aquisição de conhecimentos e técnicas, a interiorização de um sistema de valores, traduzido em atitudes e comportamentos ajustados à ordem social dominante.” (p.138)

É importante ter em conta a comunicação entre docente e alunos mas também a comunicação entre eles próprios (alunos/crianças), mesmo que esta seja mediada pelo docente.

Existem variadas formas de comunicação e o professor tem de saber como deve fazê-lo de forma a ir ao encontro dos alunos, assim como de proporcionar experiências novas.

O adulto apoia as crianças e encoraja-as de acordo com os seus problemas. A boa relação do adulto com as crianças também influencia de certo modo o processo de aprendizagem.

O mesmo autor Hohmann e Weikart (2009), diz-nos que “os adultos põem em prática estratégias de interacção positivas – partilhando o controlo com as crianças, centrando-se nas suas riquezas e talentos, estabelecendo relações verdadeiras com elas, apoiando as suas brincadeiras, e adoptando uma abordagem de resolução de problemas face ao conflito social.” (p.6)

6.4 Relatos do 2.º Ano

16 de maio de 2011, segunda-feira

Hoje iniciou-se um novo momento de estágio, a minha colega e eu mudámos para a sala do 2.º ano.

A professora deu o material Calculadores Multibásicos e com eles fez leitura de números por classes e ordens. De seguida colocou perguntas de cálculo mental

Fomos ao recreio, quando voltámos fizera uma cópia do livro de português. Fomos almoçar.

Quando regresssei do almoço, a professora trabalhou a área de estudo do meio, onde abordou a classe dos animais, e quais eram selvagens e domésticos.

Inferências e fundamentação teórica

Quer a minha colega quer eu entrámos na sala com algum nervosismo por ser o nosso 1.º dia com este grupo.

A estimulação ao cálculo mental é um trabalho que, segundo vários autores, deve ser diário e, para isso, o professor deverá ajudar os alunos a desenvolverem estratégias que lhes permitam organizar o pensamento de forma a chegar à resposta de forma rápida e lógica. De acordo com Ponte e Serrazina (2000) “no dia-a-dia, a maioria dos cálculos que fazemos são mentais. Nem sempre se pode usar um papel e lápis, nem é necessário.” (p.155)

Pude confirmar junto da professora este tipo de exercício mental é praticado diariamente de modo a promover o mesmo.

Na primeira parte da manhã fiquei mais tranquila pois a forma como decorreu a aula foi boa. Quando no intervalo a professora nos disponibilizou a caracterização da turma, fiquei bastante ansiosa e preocupada, pois para além dos conteúdos serem mais elaborados neste ano de ensino, a turma apresentava ter um comportamento difícil.

17 de maio de 2011, terça-feira

O tempo hoje pregou-nos uma partida por isso o acolhimento foi no salão.

Fomos para a sala e estivemos a arrumar os dossiers das crianças, entretanto fomos chamadas para ir assistir às aulas surpresa das nossas colegas.

A professora supervisora solicitou a colega que dessa a aula surpresa na área de Matemática com o 5.º Dom de Froebel. Realizou a construção das colmeias e explorou com situações problemáticas.

Seguidamente, fomos para a reunião de avaliação discutir as aulas com as colegas, a professora da sala e as professoras da ES.

Inferências e fundamentação teórica

A colega que deu aula a surpresa a que fui assistir, conseguiu realizá-la com sucesso. Sabia as construções que se propôs fazer (colmeia e sofá), apenas quando que foi pedido que relembresse os meios, quartos aplicando situações problemáticas a colega não conseguiu adaptar os conceitos a crianças do 4.º ano.

Telmo (2000), “ a necessidade de qualquer proposta deve ser adequada ao grau de desenvolvimento das crianças do grupo a que se destina e à sequência das aprendizagens efetuadas até esse momento” (p.9)

Serrazina (2002) defende que, “ a principal opção deve basear-se na ideia de que tem de haver coerência entre o modelo de formação e o modelo didático” (p.15), daí a importância dos materiais manipulativos.

As crianças desta turma manifestam muito prazer na manipulação de materiais estruturados, tendo normalmente nestas aulas um comportamento melhor. No entanto, cabe ao professor ou neste caso ao estagiário imprimir um bom ritmo e estar confiante.

23 de maio de 2011, segunda-feira

Para hoje estava programado a reunião de avaliação de mais um momento de estágio profissional com a ES e os colegas de Mestrado. Teve início as 10h no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus.

30 de maio de 2011, segunda-feira

Começámos a manhã a cantar em roda no salão.

Durante a manhã, a minha colega esteve a dar uma aula de Matemática e uma de Estudo do Meio.

Na primeira área realizaram em conjunto uma ficha com situações problemáticas, que corrigiram de seguida.

Foram ao recreio. Na área de Estudo do Meio deu os estados da água, onde mostrou água líquida, gelo e vapor de água. Passou por todos os alunos a água nos vários estados em que se encontravam, inclusive deixou-os mexer com as mãos no gelo.

Para finalizar entregou uma ficha onde as crianças tinham de completar um esquema com os nomes corretos dos vários processos de transformação da água.

Fomos almoçar.

Quando voltámos a professora aplicou uma ficha para treinarem para um teste de Língua Portuguesa. Enquanto os alunos realizavam a ficha, estive a arrumar as fichas nos dossiers.

Inferências e fundamentação teórica

A colega com a ficha que distribuíu incentivou os alunos a resolverem exercícios matemáticos de diversas maneiras.

Segundo Ponte e Serrazina (2000):

“(...)a compreensão global dos números e das operações bem como a sua utilização de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos, desenvolve estratégias úteis de manipulação dos números e operações. O reconhecimento e a utilização de diferentes formas de representação das operações são um facilitador de apreensão de conceitos.”(p.135)

A minha colega tentou desenvolver este tipo de estratégia, e os alunos rececionaram-na bem.

A professora no final da aula disse-nos que desde o início do ano que tem vindo a promover a utilização de diferentes estratégias. Por exemplo, jogos, fichas, materiais.

31 de maio de 2011, terça-feira

Após as rotinas habituais da manhã, dirigimo-nos para a sala.

Durante a manhã a minha colega deu uma aula de Língua Portuguesa sobre verbos auxiliares e realizou uma proposta de trabalho com as crianças.

Inferências

Ver a minha colega a dar aulas ajuda-me a perceber alguns aspetos que quando sou eu, posso nem sempre valorizar. Desta forma, vou-me tornando mais consciente e atenta. Percebo também, como é que a turma se comporta permitindo assim que eu arranje estratégias adequadas à turma em questão. Gosto também de conversar depois com a colega de estágio e juntas encontrámos soluções.

6 de junho de 2011, segunda-feira

Iniciámos esta manhã de segunda-feira, com as rotinas habituais.

Hoje lecionei as minhas aulas de manhã inteira. A Língua Portuguesa trabalhei as onomatopeias e palavras onomatopaicas. Coloquei o rádio e passei vários sons para demonstrar às crianças de que se tratava o tema. Em seguida dei uma proposta de trabalho onde li com a turma em voz alta, e dei a vez a todos para treinarem a leitura em grupo.

Na área da Matemática realizei com as crianças situações problemáticas e na área de Estudo do Meio o tema foi o ciclo da água, que consistia num jogo onde as crianças tinham de identificar os vários processos. Ganhava quem terminasse primeiro.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei muito de dar esta aula, e penso se soube adaptar as melhores estratégias para esta turma.

Ao ler em voz alta o docente vai promover na criança o gosto pela leitura e pela fantasia das histórias e dos textos. Gradualmente, os ouvintes vão tornando-se cada vez mais autónomos e a leitura passa a ser individual e silenciosa, permitindo ao pequeno leitor descobrir o quão furtivo é a prática da leitura.

Segundo Veloso (2001) “o ler em voz alta, com uma óbvia preparação prévia, mostra às crianças a musicalidade da palavra e a sua riqueza semântica.” (p.24)

Desta forma, é bastante importante que a prática seja muito utilizada nas escolas principalmente no que diz respeito aos alunos mais novos.

14 de junho de 2011, terça-feira

Logo pela manhã, os alunos realizaram as suas rotinas habituais.

Hoje novamente lecionei aulas durante a manhã inteira.

Na primeira área, Língua Portuguesa dei os adjetivos no grau superlativo relativo, entreguei uma ficha informativa e realizei uma atividade com a turma para consolidação da matéria. A atividade consistia em os alunos preencherem uns cartões, conforme eu ia lançando no quadro os adjetivos que pretendia, os alunos colocavam nos cartões o grau a que pertenciam.

Na segunda área, Matemática, explorei o 3.º e 4.º Dons de Froebel, realizei a construção da camioneta e apliquei uma ficha com situações problemáticas.

Na área de Estudo do Meio realizei com os alunos uma experiência sobre a solubilidade e não solubilidade, solúvel e não solúvel onde explorei as diferenças, e no final retirámos em conjunto as conclusões da experiência.

Inferências e fundamentação teórica

No fim da abordagem da área de Língua Portuguesa coloquei algumas questões, de forma a consolidar os conteúdos abordados durante a atividade. Para Arends (1995) “a fase final da exposição dum a lição é verificar se os alunos compreenderam as novas matérias e proporcionar a generalização do raciocínio sobre essas ideias.” (p.290)

Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) dizem que “o ser humano é, por natureza, um comunicador, pelo que comunicar constitui uma experiência central no desenvolvimento da criança.” (p.29)

Ao longo das duas propostas de trabalho que distribuí pelos alunos circulei sempre pela sala de forma a acompanhar de perto o que iam realizando e de forma a corrigir alguns erros.

Em relação à aula anterior melhorei um pouco a minha prestação pois estava mais confiante nos conteúdos.

20 de junho de 2011, segunda-feira

A manhã de hoje foi precedida pelas Provas Práticas de Avaliação de Capacidade Profissional (PPACP) para todas as estagiárias do mestrado em ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Fui assistir à prova de uma colega e amiga, cujo tema fulcral era o gel de banho. Iniciou com a área de Língua Portuguesa, seguidamente passou para a segunda área, Matemática onde explorou um pictograma com os alunos, aplicando situações problemáticas relacionadas com o mesmo tema.

Posteriormente, passou à área curricular de Estudo do Meio, onde realizou uma experiência, como fazer gel de banho por fim finalizou a sua prova no espaço exterior realizando o jogo que consistia na construção de um puzzle.

Inferências e fundamentação teórica

Em relação a esta prova, tenho a salientar o facto de ter realizado uma experiência, pois para além da sua importância, cativou os alunos de modo geral.

De acordo com Martins *et al* (2007 c):

“O currículo do ensino básico (2001) apresenta orientações que apontam para o desenvolvimento de competências das crianças “observação da multiplicidade de formas, características e transformações que ocorrem nos materiais”, “explicação de alguns fenómenos com base nas propriedades dos materiais” e “realização de actividades experimentais simples, para identificação de algumas propriedades dos materiais, relacionando-os com as suas aplicações”.” (p.10)

Vou reter que u dos aspetos que a colega referiu como tendo sido menos conseguido foi a gestão do tempo. Quando for a minha prova terei que ter isto em atenção

21 de junho de 2011, terça-feira

Hoje, após as habituais rotinas diárias, dirigimo-nos para a sala, onde a minha colega estava a finalizar os preparativos para a sua aula de manhã inteira.

Iniciou a aula na área de Língua Portuguesa onde abordou o tema, os adjetivos no grau superlativo absoluto, explicou o conteúdo, e em seguida realizou uma proposta de trabalho.

Na área da Matemática deu o material Tangram, falou um pouco acerca do material, colocou questões aos alunos sobre o mesmo e realizou uma construção com eles.

Terminou a sua aula na área de Estudo do Meio onde realizou uma experiência, a combustão, terminou a sua aula discutindo o resultado da experiência com os alunos.

Inferências e fundamentação teórica

A colega na área de Estudo do Meio abordou o tema combustão, onde realizou uma experiência. O tema era cativante, mas gerou novas questões e dúvidas. Martins *et al.* (2007), dizem “que o desenvolvimento de cada actividade não se encerre em si própria, dado que a exploração de uma temática suscita, muitas vezes novas questões.” (p.23)

De acordo com as observações realizadas à posteriori a colega podia ter-se preparado melhor neste conteúdo.

27 de junho de 2011, segunda-feira

Hoje realizaram-se as restantes PPACP para o Mestrado em Educação Pré-Escolar. Assisti à prova da colega no Bibe Azul, que abordou o tema dos dinossauros. Iniciou por contar uma pequena história referente ao tema com as crianças sentadas no tapete, de seguida as crianças sentaram-se nos seus lugares, a colega tinha no quadro uma cartolina branca com três frases, em cada uma faltava uma palavra, que estavam fixadas também no quadro. No lugar cada criança tinha o mesmo exercício para construir com as palavras móveis à medida que acompanhavam no quadro. Na parte de trás da folha tinham uns espaços para montar palavras ditadas pela colega, que estavam divididas por sílabas dentro de uns saquinhos. Logo de seguida viram um vídeo sobre os dinossauros e, ao mesmo tempo, a colega foi falando de alguns aspetos. No quadro fixou uma imagem com um dinossauro grande e outro pequeno, mostrando depois uma outra imagem para fazer referência ao tamanho real de um dinossauro, assim puderam ter uma perceção de que estes eram sete vezes maior do que uma pessoa. Finalizou a área de conhecimento do mundo com outro vídeo em que explicou o porquê esta espécie de animais ter desaparecido. Em continuação da prova dinamizou um jogo no recreio, em que as crianças estavam divididas por grupos de cores diferentes e tinham de, um de cada vez, ir a uma base descobrir ovos que estavam submersos na areia e levá-los na mão até uma outra base, onde tinham ainda de os embrulhar com papel de jornal.

De volta à sala, finalizou com uma atividade de Matemática, usando o 3.º e 4.º Dons de Froebel. Trabalhou o conceito de divisão com “Ovos de dinossauro”.

Às 11 horas assisti a uma outra prova, de outra colega, também realizada no bibe azul sobre o tema o jardineiro, começou com a área de Matemática em que usou também os dons de Froebel. Realizou duas construções, o poço e a camioneta. Colocou diversas questões de cálculo mental relacionadas com uma pequena história.

De seguida dividiu a turma por grupos identificados com fios ao pescoço com cinco cores diferentes. Saiu para o exterior com a turma organizada num comboio, onde disse para cada um ir para junto do espaço identificado com essa mesma cor. Tinha nas paredes cartolinas com essas cinco cores e dois envelopes no chão com letras. Explicou, que cada grupo tinha de organizar as letras de forma a obterem uma palavra e que, depois a tinham de colar numa cartolina. Assim, com esta atividade, abordou um tema do domínio da expressão oral e abordagem à escrita.

Ainda neste espaço efetuou o jogo “terra” e “relva”. Existiam no chão duas fitas de cores distintas na qual as crianças tinham de saltar de uma para a outra conforme lhes era dito terra ou relva. Há medida que erravam sentavam-se no chão a ver os restantes colegas. Com o grupo sentado no chão junto de si, iniciou a área de conhecimento do mundo, onde tinha um saco com vários utensílios de jardinagem que foi mostrando e questionando as crianças acerca do nome de cada objeto. De seguida distribuiu por cada dois um “kit” de jardinagem que continha luvas, um vaso, terra e uma colher com a finalidade de plantarem algumas sementes. A colega ao mesmo tempo que dava indicações às crianças ela própria executava o processo igual.

Inferências e fundamentação teórica

Na primeira aula a que assisti notei a preocupação na organização do espaço da sala de aula por parte da minha colega. Foi importante que as crianças estivessem sentadas no espaço das mesas, para pudermos realizar de modo cómodo a proposta de trabalho e ouvissem a história infantil sentados no chão. Deste modo, podiam observar com mais facilidade as imagens da mesma e assim a colega captou melhor a atenção das crianças. Importa realçar ainda que o livro é um instrumento fulcral para o contacto com a escrita.

De acordo com esta ideia faço referência uma vez mais às OCEPE (ME, 2009), quando se diz que “é através dos livros que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética.” (p.70)

Spodek e Saracho (1998) referem que “(...) ler em voz alta, livros aumentados enriquece o divertimento e o entendimento da literatura, desenvolve o vocabulário oral, promove o conceito de leitura, (...) desenvolve a discriminação visual (...) e dá oportunidade para atividades que promovam as habilidades de pensamento crítico e criativo.” (p.249)

A colega promoveu momentos de magia e de faz de conta que até os adultos presentes estavam encantados. As estratégias utilizadas foram interessantes e motivadoras.

28 de junho, 4 e 5 julho de 2011, terça, segunda e terça-feira

Estes dias foram dedicados aos jogos livres.

Foi-nos solicitado que colaborássemos na organização de atividades ao ar livre (por exemplo, gincanas).

Inferências e fundamentação teórica

O brincar livremente permite desenvolver nas crianças habilidades básicas e até mesmo adquirir novos conhecimentos através do processo de socialização. Segundo Cordeiro (2008) “ O jogo, especialmente na versão faz-de-conta, oposição e limite, é porventura também com os factores sorte e azar, ajudam a expressar e lidar com sentimentos.” (p.334)

Este momento de brincadeira ao ar livre constitui uma forma de relaxamento, importante para que as crianças se envolvam de forma mais positiva e construtiva quando regressam à sala de aula.

7.^a Secção - Estágio no 4.^o Ano

7.1 Caracterização da turma

A turma do 4.^o ano é formada por 24 alunos, sendo 12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, dois deles são gémeos.

De acordo com a professora, o 4.^o ano é uma turma interessada no ambiente que a rodeia e manifesta interesse nas atividades apresentadas dentro e fora da sala de aula. Em termos comportamentais é uma turma muito agitada e pouco respeitadora. No recreio são conflituosos e pouco amigos uns dos outros.

Em termos curriculares, a maioria da turma apresenta maiores dificuldades na área da Matemática, encontrando-se essa dificuldade principalmente na resolução de operações aritméticas e de situações problemáticas. Na área de Língua Portuguesa, apresentam alguma dificuldade da reprodução de textos e na correta utilização de exercícios ortográficos, nomeadamente na troca de grafemas como t/d, v/f, s/j/ch, entre outros.

Alguns alunos apresentam dificuldades nas áreas acima referidas são acompanhando, por isso, por uma professora de apoio. É também de referir a total irregularidade e descuido da caligrafia de alguns alunos.

7.2 Horário do 4.º Ano

No seguinte quadro, quadro 9, encontra-se o respetivo horário do 4.º ano.

Quadro 9 - Horário do Bibe Azul Escuro, 4.º Ano

Bibe Azul Escuro A	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
8h00m	Acolhimento – Canções em roda, jogos e higiene				
9h00m – 9h50m 10h00 – 10h50m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h00m – 11h30m	Recreio				
11h30m – 12h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h00m – 13h00m					
13h00m – 14h30m	Almoço e Recreio				
14h30m – 15h20m	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	ACND	Educação Musical
15h20m – 16h10m	ACND			Inglês	
16h10m – 17h00m	Hora do Conto	Biblioteca / Informática	Educação física	Assembleia de Turma ACND	Expressão Artística
17h00m	Lanche				
17h15m	Saída				

7.3 Rotinas

Neste bibe, as rotinas mantêm-se iguais às referidas anteriormente e estão de acordo com o projeto educativo da escola.

7.4 Relatos do 4.º Ano

30 de Setembro de 2011, sexta-feira

Novo semestre! Novas etapas!

Iniciámos mais uma etapa do nosso estágio profissional, a penúltima.

Começámos a aula com a correção das perguntas de interpretação do texto “O livro sabichão”. Alguns dos alunos liam a sua resposta e a professora escolhia a resposta mais completa. Em seguida passamos à matemática e a professora esteve a dar a divisão fazendo operações no quadro interativo.

Inferências e fundamentação teórica

Passar para o 4.º ano deixou-me novamente ansiosa, pois ainda ia ser mais difícil e complicado, no entanto estava disposta a aceitar mais este desafio.

Durante a resolução das operações a professora apelou diversas vezes ao cálculo mental das crianças, colocando questões em que a criança tinha de chegar ao resultado mentalmente. Esta estratégia é muito importante e apelativa porque desenvolveu competências fundamentais.

Fernandes (2005) referente a este assunto afirma que

“O cálculo mental é a capacidade de efectuar operações sem suporte, sem material de escrita, nem meios electrónicos apresentando-se apenas o resultado final e ao mesmo tempo o sentido do número. Desta forma a criança pode conjecturar o conceito de número com a noção de número como representação simbólica dos elementos de um conjunto.” (p.16)

Os cálculos mentais colocados às crianças, tinham um nível adequado ao grupo, segundo Brickman e Taylor (1996) “o educador deve encorajar as crianças com experiências em que possa ter êxito nas experiências que realiza, “colocando alguns obstáculos e desafios a vencer.” (p.32)

Mais impressionada fiquei quando verifiquei que esta turma trabalhava muito bem.

04 de outubro de 2011, terça-feira

Hoje a professora da sala começou a aula com a área de Língua Portuguesa, e fez revisões da classificação das palavras quanto ao número de sílabas e classificação das palavras quanto à sua acentuação. Quando voltámos do intervalo a professora trabalhou a área da Matemática, fez a revisão do perímetro e a revisão da classificação dos triângulos quanto aos lados. Esta na realização da explicação da matéria recorreu à

utilização de novas tecnologias, o quadro interativo. Deu uma ficha para as crianças realizarem e corrigi-a no mesmo.

Da parte da tarde quando voltámos estivemos a corrigir uma ficha sobre História de Portugal. De seguida fomos para a Educação Física. As crianças fizeram circuito.

Inferências e fundamentação teórica

A professora recorreu à utilização de novas tecnologias, pois as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), podem ser tecnologias educativas como nos refere Silveira-Botelho (2009) “quando eficazmente utilizadas, podem auxiliar a aprendizagem positivamente.” (p.104)

E na verdade, foi notório que o recurso das TIC tornou a aula mais apelativa como consideraram os alunos.

Eu também vou ter que aprender a usá-lo para dar as minhas aulas e para acompanhar as tecnologias.

7 de outubro de 2011, sexta-feira

Iniciámos a aula com a área de Matemática fazendo exercícios de revisão sobre áreas no quadro interativo.

Quando voltámos do intervalo passamos para a área de Língua Portuguesa onde estivemos a ler um texto. De seguida, os alunos tinham de colocar os sinais de pontuação, de maneira correta.

Inferências e fundamentação teórica

É necessário referir a importância do exercício da leitura no dia-a-dia das crianças. Segundo Gomes (2000) “ a introdução da leitura de textos literários deveria ser uma leitura lúdica, que não passasse pelo excerto, mas pelo recurso do livro: O livro tem de se tornar familiar, a criança necessita de um convívio constante com o livro.” (p.35)

O livro tem de se tornar um objeto de utilização diária para os alunos, cabe ao professor transmitir o gosto pela leitura e pelos livros para, com isto, formar leitores, indivíduos com gosto pela leitura. Assim, o texto deve estar presente na sala de aula como fonte de prazer.

11 de outubro de 2011, terça-feira

Começámos a manhã com a professora a entregar os separadores para os dossiers, e nós estagiárias estivemos a ajudar as crianças a organizá-los no dossier.

Depois passámos para a área de Matemática com revisões das medidas de massa e a professora reforçou as revisões com exemplos do dia-a-dia.

No fim das revisões a professora aplicou uma ficha de diagnóstico sobre as medidas de massa e conversões.

Quando voltámos do recreio passámos a Língua Portuguesa com a leitura do texto “O sol e o vento”, toda a turma fez a leitura do texto, em seguida a professora realizou ditado, seguidamente os alunos corrigiram os erros. Da parte da tarde a professora esteve a dar uma aula na área de História de Portugal seguidamente as crianças foram para a Educação Física.

Inferências

Foi bom para mim assistir às aulas na área de matemática pois soube rever conteúdos que estavam um pouco esquecidos.

14, 18 e 21 de Outubro de 2011, sexta, terça e sexta-feira

Por motivos pessoais faltei ao estágio estes três dias.

25 de outubro de 2011, terça-feira

Hoje foi dia de aulas surpresa pedidas pelas professoras da ES.

Comecei por dar a aula surpresa de Língua Portuguesa onde as Professoras da ES pediram que desse leitura e interpretação de um texto e na gramática desse os adjetivos.

A minha Mónica deu a aula surpresa de matemática com o material manipulável estruturado Geoplano, onde tinha de abordar o tema, as áreas.

Depois fomos para a reunião de prática pedagógicas com as professoras da sala e as professoras da ES.

Da parte da tarde as crianças estiveram a realizar uma ficha de História, enquanto isso estive a ajudar a professora, a corrigir umas fichas e a preencher umas grelhas.

Seguidamente, fui à Educação Física com as crianças.

Inferências e fundamentação teórica

Esta minha aula surpresa não foi bem conseguida, não estava preparada para o tema, e deixei-me dominar pelos nervos, o que não ajudou em nada para que a aula decorresse bem. No entanto assumi o meu erro durante a avaliação e percebi o que teria de fazer numa próxima aula para correr melhor.

De acordo com Formosinho (2002):

“Quando aplicamos esta orientação psicológica à supervisão, o supervisor é perspectivado como parte do sistema dinâmico, criando uma visão das interacções que mediatiza a construção de significado para ambos os aprendizes, supervisor e professor. Esta visão da supervisão implica que o supervisor já não se encontre separado da aprendizagem, sendo antes a parte integral da relação ou sistema.” (p.104)

Para podermos crescer profissionalmente devemos ser reflexivos e humildes na nossa reflexão. Preciso mesmo de estudar, ser e estar mais confiante.

28 de outubro de 2011, sexta-feira

Hoje começámos as aulas com a área de Língua Portuguesa, onde as crianças estiveram a realizar uma ficha. Falei com a professora sobre a aula que iria dar, e a professora esteve também a ver os planos de aula realizados.

Quando regressámos do recreio a professora distribui e aplicou uma ficha na área de Matemática.

Inferências

Enquanto os alunos realizavam as fichas na área da Matemática, tive a oportunidade de ajudar dois alunos na realização da mesma, o que serviu para me ajudar a rever alguns conceitos há medida que ia esclarecendo as dúvidas das crianças.

4 de novembro de 2011, sexta-feira

Hoje, uma das nossas colegas deu aula programada na área de Matemática deu dos ângulos e do triângulo e a Língua Portuguesa deu o texto narrativo. A aula foi dada através do quadro interativo recorrendo ao *powerpoint* e fez uma ficha para cada uma das áreas.

Inferências e fundamentação teórica

Os conteúdos apresentados de forma abstrata fazem com que não consigam visualizar o que lhes está a ser transmitido e, por esta razão, o conteúdo pode não ficar consolidado.

Desta forma, a utilização do *powerpoint* deverá ser adequada e bem utilizada pois, de acordo com Garcia et al. (2002):

“(…) a simples presença de novas tecnologias na aula não asseguram um ensino de qualidade, senão que é necessário saber utilizá-las criteriosamente, quer por parte dos docentes quer dos discentes, devendo distinguir-se entre a função didáctica de carácter

primário (como a motivação) e de carácter secundário (como a função inovadora e estruturadora/ reestruturadora da realidade).” (p.300)

Na minha humilde opinião considero que a colega soube preparar um *powerpoint* bem estruturado e conseguiu definir os seus objetivos.

8 de novembro de 2011, terça-feira

Hoje a manhã de aulas foi dada por mim, na área da Matemática o tema era sobre frações equivalentes e a Língua Portuguesa o tema era sobre o texto dramático.

Na área de Matemática utilizei um *powerpoint* para explicar a matéria e em seguida fiz um jogo com os alunos para consolidar a matéria. Na área de Língua Portuguesa também expliquei os conteúdos através de um *powerpoint*, e para consolidação da matéria adaptei mesmo um texto e realizei com os alunos uma dramatização da história da “Caracolinhos de Ouro e os Três Ursinhos. Acabei a minha aula da parte da tarde, pois a aula foi interrompida devido a uma sessão solene que se realizou no museu.

Inferências

Não posso deixar de referir que as crianças gostaram do *powerpoint* e ainda constatei que foi fácil trabalhar com o quadro interativo. As crianças também adoraram fazer a dramatização, pois estavam bastante empenhados para mostrarem aos colegas, a mim e à professora que conseguiam.

As crianças ajudaram quando numa ou outra situação eu mostrei pouco à vontade.

11 de novembro de 2011, sexta-feira

Nesta manhã, a minha colega e eu estivemos a organizar e separar os trabalhos dos alunos, e por fim estivemos a arrumá-los nos respetivos dossiês e a conferir se os trabalhos estavam corretamente colocados por datas.

15 de novembro de 2011, terça-feira

Durante esta manhã estive a dar aula avaliada pela professora cooperante.

Na área de Língua Portuguesa abordei o tema adjetivos e realizei com os alunos uma proposta de trabalho.

Na segunda área, matemática abordei o tema o círculo e a circunferência e construí com os alunos uma figura para a sala de aula, coelho.

Inferências

Gostei muito de dar a manhã de aulas a esta turma.

No entender da professora melhorei na gestão do tempo, na inflexão de voz, na postura, no ritmo, no material e na dinâmica que consegui imprimir ao longo da atividade.

18 de novembro de 2011, sexta-feira

Hoje houve aulas surpresa no Jardim-Escola, e nós fomos assistir às mesmas. Fui assistir a uma aula de Língua Portuguesa onde a estagiária tinha que rever o “c” na Cartilha Maternal no 1.ºano e a outra aula foi no 4.ºano leitura e interpretação de um texto e na gramática dar os nomes contáveis e não contáveis. De seguida fomos para a reunião da prática pedagógica.

Da parte da tarde as crianças foram cantar o hino nacional ao museu devido a sessão solene que se realizou no museu para entrega dos diplomas às alunas do mestrado do 1.ºCiclo.

Inferências

Terminou o meu estágio nesta sala.

Venci muitos medos e o meu desempenho foi sempre sendo melhor. Tenho consciência que poderá ser ainda mais!

8.ª Secção - Estágio no 2.º Ano

8.1 Caracterização da turma

A turma do 2.º ano é constituída por 29 alunos: 15 do sexo feminino e 14 do sexo masculino.

A turma apresenta-se como um grupo assíduo, ausentando-se da escola por questões do foro médico regularmente. Dos 29 alunos, 3 chegam diariamente depois das 9h40m.

De acordo com as informações fornecidas pela professora, três alunos saem da escola às 16h à 2ª e 4ª feiras para aulas de música; um aluno à 3ª feira para aulas de ténis e outro para aulas de violino; um aluno à 2ª, 4ª e 6ª feiras para aulas de Educação Física.

A maioria dos pais vem buscar os filhos entre as 17h e as 17h15m, esperando por vezes na porta que os alunos terminem o período de lanche.

Em termos culturais é uma turma muito interessada no ambiente que a rodeia, manifestando interesse nas propostas apresentadas dentro e fora da sala de aula.

A turma possui 24% de alunos com dificuldades visuais, implicando a ocupação da planta da sala de aula na quase totalidade das filas da frente.

Um dos alunos é portador da doença fenilcetonúria, sendo a sua alimentação condicionada pelas restrições que lhe são impostas. O seu comportamento menos calmo está a ser trabalhado através de reforços positivos para que se dissipe. A concentração da atenção é mais frequente quanto maior é o nível de volume de trabalho.

Outro aluno tem dislexia e disortografia diagnosticados pela realização de testes por equipa especializada, numa sintonia escola/família. O aluno transitou para o 2º ano com uma lista de propostas de intervenção a fim de serem trabalhadas as lacunas identificadas. O aluno beneficia de apoio individualizado na escola e são-lhe aplicadas as seguintes medidas: aumento do tempo de elaboração das provas e ocupação de lugares dianteiros na sala de aula. A par do acompanhamento escolar, o aluno frequenta sessões de terapia fora da escola onde realiza exercícios específicos que visam o colmatar das dificuldades.

8.2 Horário do 2.º Ano

No quadro 10, encontra-se o horário do 2.º ano.

Quadro 10 - Horário do Bibe Verde, 2.º Ano

Bibe Verde A	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
8h00m	Acolhimento – Canções em roda, jogos e higiene				
9h00m – 9h50m 10h00 – 10h50m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h00m – 11h30m	Recreio				
11h30m – 12h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h00m – 13h00m					
13h00m – 14h30m	Almoço e Recreio				
14h30m – 15h20m	FPS	FPS	Inglês	Estudo do Meio	Educação Física
15h20m – 16h10m	Estudo do Meio	Biblioteca	Expressão plástica		Expressão Musical
16h10m – 17h00m		Estudo do Meio			Estudo do Meio
17h00m	Lanche				
17h15m	Saída				

8.3 Rotinas

Não acrescentei nenhuma rotina pois são idênticas às apresentadas na secção referida anteriormente.

8.4 Relatos do 2.º Ano

22 de novembro de 2011, terça-feira

Hoje iniciámos o nosso estágio profissional numa nova sala, na sala do outro 2.º ano. Por motivos de organização de todos os estagiários e de a professora do 3.º ano estar a lecionar pela 1.ª vez os estágios, ficou decidido que repetiria este ano de ensino mas com outra turma.

Foi bom voltar a este nível de ensino e a uma nova professora. Desta vez não estou nervosa nem ansiosa.

A professora falou connosco, com a minha colega Mónica e eu, colocou-nos à vontade e disponibilizou a sua ajuda para tudo o que nos precisássemos.

Hoje a professora começou a manhã por dar língua portuguesa com exercícios de classificação de palavras numa proposta de trabalho e fez a respetiva correção com os alunos.

Fomos ao recreio e quando voltamos à sala a professora esteve a dar exercícios de revisões para a prova de matemática que se iria realizar no dia seguinte.

Durante a tarde a professora esteve a dar estudo do meio, e falou sobre as instituições e serviços públicos.

Acabamos este dia com a assembleia de turma, onde a professora falou com os alunos sobre os seus comportamentos.

Inferências e fundamentação teórica

Gostaria de mencionar que fomos muito bem acolhidas pela professora cooperante, que rapidamente nos integrou no grupo de alunos do bibe verde. Cada uma de nós fez a sua respetiva apresentação, assim como os alunos. As crianças foram recetivas e afáveis. Os autores Hohmann & Weikart (2009) dizem que “a integração de um novo membro na equipa depende do esforço em apoiar as relações entre os adultos e do desejo em valorizar os talentos de cada um dos membros do grupo.” (p.152)

25 de novembro de 2011, sexta-feira

Começámos no estágio com as rotinas habituais e frequentes em todos os bibes e anos de escolaridade.

Quando fomos para a sala, a professora distribuiu os alunos pelos seus lugares, pois hoje foi dia da prova de Língua Portuguesa, a professora distribuiu os testes, leu em voz alta para a turma e em seguida os alunos realizaram a prova em silêncio, até à hora do recreio.

Quando voltámos do recreio, a professora trabalhou na área da Matemática e fez um ditado de lateralização com os alunos.

Inferências e fundamentação teórica

Cortesão (1993) defende que a avaliação deve ser vista como um método que prepara e acompanha o processo de ensino-aprendizagem e que possibilita ao aluno o seu aperfeiçoamento, com vista a encaminhar o aluno rumo ao sucesso escolar.

O mesmo autor reforça que “a avaliação compreende a recolha e feedback de informação apropriada para uma sistemática e contínua revisão do decurso do processo, tendo em vista a melhoria” (p.44).

Desta forma, e tendo em consideração que este tipo de avaliação é regular nesta turma, podemos considerar que a estratégia de ensino da professora vai ao encontro do que, defende o autor atrás referido.

29 de novembro de 2011, terça-feira

Hoje iniciámos a aula na área da Matemática, onde a professora esteve a trabalhar com o 5.º Dom de Froebel. Colocou perguntas dirigidas sobre este material, realizou a construção do poço, fazendo-a com os alunos passo a passo dando as instruções necessárias. Seguidamente quando voltámos realizou situações problemáticas envolvendo este material e esta construção.

Após esta aula, os alunos estiveram a realizar a prova de Estudo do Meio.

Durante a tarde, os alunos estiveram a arrumar as fichas nos respetivos dossiês. Em seguida a professora contou uma história e fez a assembleia de turma com os alunos, novamente abordando o tema do comportamento dos alunos.

Inferências e fundamentação teórica

Através do manuseamento do material manipulável – Dons de Froebel – os alunos estão em relação concreta com o mundo e realizam algumas associações com a natureza. Através deste material é possível que os alunos façam a passagem do conhecimento concreto para o abstrato. Segundo Rodríguez (citado em Caldeira 2009) “a educação não é senão a via ou meio que conduz o homem, ser inteligente, racional e consciente, a exercitar, desenvolver e manifestar os elementos de vida que possui em si mesmo”(p.238).

A aprendizagem torna-se mais eficaz, pois o material permite uma associação com o dia-a-dia da criança. Desta forma, o material pode proporcionar à criança desenvolver uma mente ativa e livre para abrir portas para o conhecimento.

2 de dezembro de 2011, sexta-feira

Iniciámos a manhã de estágio com as rotinas habituais.

Quando chegámos à sala, os alunos estiveram a ler um livro à escolha de cada um nos seus lugares, enquanto isso a professora esteve a corrigir os trabalhos e a arrumar connosco os mesmos.

Fomos ao recreio, quando regressámos a professora deu às crianças uma proposta de trabalho de matemática, onde tinha operações de adição e subtração para os alunos realizarem. A minha colega e eu estivemos a ajudar os alunos com mais dificuldades a superá-las.

Inferências

Gostei muito de ajudar os alunos com mais dificuldades pois tive que me esforçar para ser clara.

Senti também orgulho pois a professora confiou em mim para realizar esta tarefa.

6 de dezembro de 2011, terça-feira

Começámos a manhã com as rotinas habituais.

Dirigimo-nos para a sala, onde estivemos a fazer a correção da prova de avaliação e em seguida a professora realizou um exercício ortográfico.

Fomos ao recreio, quando voltámos os alunos estiveram a concluir trabalhos em atraso.

Depois de almoço, durante a tarde as duas turmas juntaram-se para ensaiar para a festa de Natal.

Inferências e fundamentação teórica

As festas desempenham um papel muito importante nas escolas, porque permitem às crianças a união entre elas para um só objetivo e também possibilitam que haja um envolvimento dos pais na educação dos filhos.

Esta aproximação e envolvimento segundo Reis (2008) permite contribuir para um maior sucesso escolar.

Posso ainda comentar que gostei de ver que a festa ajuda também a fomentar o trabalho de equipa entre as docentes e entre as próprias crianças.

9 de dezembro de 2011, sexta-feira

Hoje começámos a manhã com as rotinas habituais.

O estágio hoje decorreu de forma diferente, pois hoje os alunos estiveram todo o dia a ensaiar para a festa de Natal.

13 de dezembro de 2011, terça-feira

Iniciámos a manhã com as rotinas habituais.

Durante a manhã os alunos estiveram a concluir os trabalhos em atraso, e eu estive a fazer uma árvore de Natal grande para a parede da sala.

À tarde estivemos a ensaiar para a festa de Natal até ao final do dia.

16 de dezembro de 2011, sexta-feira

Hoje foi o nosso último dia de estágio antes das férias de Natal.

Estivemos apenas a ajudar a professora nos últimos preparativos para a festa, pois esta realizava-se durante a tarde deste dia.

Inferências e fundamentação teórica

Este dia foi muito esperado pelas crianças que nela participaram, bem como pelos educadores, professores e familiares.

Um dos princípios gerais da Lei-Quadro 46/86, mencionados nas OCEPE (ME, 2009), considera a que a educação ao nível do ensino Pré-Escolar deve ser complementar da ação educativa da família e promover uma relação de proximidade.

Importa referir que a festa decorreu muito bem. As famílias estavam orgulhosas dos seus educandos. Estes também estavam muito contentes com o seu desempenho. Para além deste aspeto também aprendera, pois o tema era os materiais que tinham ganhado vida e falavam de si e da magia que provocavam às crianças.

A festa de Natal permite trabalhar a oralidade, a autonomia, a enfrentar o público a estimular a memória através do que vão dizer. Esta época festiva aproxima-nos uns dos outros e promove os afetos.

3 de janeiro de 2012, terça-feira

Regressámos ao estágio das férias de Natal, ficando a cantar em roda no salão e fazendo as rotinas habituais da manhã.

Quando chegámos à sala, a professora esteve a dar a multiplicação com o Cuisenaire realizando exercícios no quadro.

Fomos ao recreio, quando voltámos a professora esteve a dar o grau dos nomes, e pediu-me enquanto dava aula para lhe construir uma ficha informativa sobre o tema, e eu assim fiz, depois fui fotocopiar e a professora distribuiu uma por cada aluno.

Fomos ao intervalo, quando regressámos a professora esteve a trabalhar na área de Estudo do Meio, sobre as regras de convivência social.

Durante a tarde ajudei um aluno a realizar os trabalhos em atraso, ajudei a dar os lanches e saí do estágio.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei muito de ver a professora a trabalhar este material com as crianças, pois penso que a aula foi muito produtiva.

Segundo Alsina (citado por Caldeira 2009), este material “é um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental, para introduzir e praticar as operações aritméticas.” (p.126)

As crianças aprendem de memória a correspondência entre o número e a cor, é através da medição das peças maiores com a peça branca (peça padrão) que essa aprendizagem é gradualmente realizada. É com este tipo de atividades que as crianças identificam os tamanhos e a ordem das peças trabalhando a memória, ordenação e o conceito de cor e número.

Para Caldeira (2009) aponta que o interesse pedagógico deste material a nível matemático é:

“A exploração de atributos; associação e comparação; contagem de quantidades; ordenação; jogos em várias bases; compreensão do sistema decimal; valores de posição (classes e ordens); leitura de números inteiros; introdução da base decimal (e actividades com outras bases); operações aritméticas (e provas) e situações problemáticas.” (p.188)

Hoje sai do estágio com a sensação de que gosto mesmo do que escolhi fazer no futuro.

6 de janeiro de 2012, sexta-feira

Hoje, quando chegámos à sala a professora pediu-nos (à minha colega e a mim) que dessemos uma aula surpresa. À minha colega pediu que desse a revisão do “c” e “ss” segundo as regras da Cartilha Maternal.

A mim pediu-me que desse a leitura de números por classes e ordens com o material Calculadores Multibásicos.

Fomos ao recreio e quando voltámos a professora deu aos alunos uma proposta de trabalho com os temas que tínhamos estado a dar para consolidação das matérias dadas.

Nós circulámos pela sala e ajudámos os alunos a realizar as propostas de trabalho.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta sala, neste momento de estágio, como se pode ver nos relatos, a professora uso muito os materiais manipuláveis estruturado, penso que estes materiais trazem aos alunos, quando bem dados e bem utilizados, conhecimentos e aprendizagens sólidas.

Caldeira (2009) aponta que “a utilização dos materiais manipulativos, através de modelos concretos, permite à criança construir, modificar, integrar, interagir com o mundo físico e com os seus pares, a aprender fazendo, desmistificando a conotação negativa que se atribui à matemática.” (p.12)

Matos e Serrazina (1996) dizem que “os materiais manipuláveis são objectos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar.” (193) Nos Jardins-Escolas João de Deus são diversos os materiais manipulativos utilizados para esta aprendizagem. De acordo com Jean Piaget (citado por Hohmann & Weikart 2009) a criança aprende matemática através da interação “o conhecimento não provém, nem dos objetos, nem da criança, mas sim das interações entre a criança e os objetos.” (p.19)

Os materiais podem construir elementos de intervenção na aprendizagem, na construção, no desenvolvimento e até na formação de algumas aprendizagens.

Os materiais manipulativos da matemática podem e devem ser sempre que possível envolvidos com situações do dia-a-dia das crianças de modo a facilitar a aprendizagem das mesmas. Para Dienes (citado por Nabais 1961), “os alunos aprendem as matemáticas muito mais facilmente construindo os conceitos a partir da sua própria experiência real que por meio de manipulações simbólicas.” É necessário que “as crianças aprendam a extrair a essência das matemáticas a partir da sua experiência pessoal”. (p.9)

O uso de materiais é fundamental na aprendizagem da matemática, neles, a criança deverá encontrar necessidade de exploração, experimentação e manipulação.

Esta professora gosta muito de nos envolver na dinâmica da sua aula, talvez por isso eu me sinta tão entusiasmada.

10 de janeiro de 2012, terça-feira

Hoje dei aula no estágio com os temas que a professora anteriormente tinha proposto, área vocabular e sólidos geométricos. Na área de Língua Portuguesa realizei com os alunos uma atividade no quadro. Como tinha um placard com os dois temas os alunos iam um a um, ao quadro colocar uma palavra da mesma área vocabular dos temas propostos.

Fomos ao recreio, quando voltámos à sala, passei à área de Matemática, onde estive a trabalhar os sólidos geométricos. Abordei todos os sólidos já trabalhados pelos alunos e fizemos uma revisão das suas características.

Durante a tarde estive a falar com a professora sobre a aula dada e estive a ajudá-la a corrigir os trabalhos dos alunos.

No final do dia a professora realizou a assembleia de turma aproveitando para trabalhar mais uma vez, o comportamento dos alunos.

13 de janeiro de 2012, sexta-feira

Durante a manhã de hoje a minha colega esteve a dar aula, na área de Língua Portuguesa deu a banda desenhada e na área de Matemática os ângulos.

Enquanto a minha colega esteve a dar aula, estive no computador a realizar algumas fichas formativas e informativas para a professora.

17 de janeiro de 2012, terça-feira

Quando chegámos à sala, os alunos sentaram-se nos respetivos lugares. A professora iniciou a aula com a área de Língua Portuguesa onde esteve a abordar a classe e subclasse dos nomes (nomes próprios, comuns e comuns coletivos), fez uma revisão e de seguida aplicou uma proposta de trabalho para registar o conhecimento dos alunos, terminou esta área com um ditado de palavras.

Fomos ao recreio e quando voltámos a professora fez a correção da proposta de trabalho realizada anteriormente.

Inferências e fundamentação teórica

Estas propostas de trabalho permitem à professora ficar com um registo do que os alunos fizeram, podendo mais tarde, usá-lo para analisar a evolução de cada uma das crianças, assim como para mostrar aos pais, os trabalhos elaborados em sala de aula.

Desta forma vai aferindo e avaliando a sua turma, não só para os ficar a conhecer, como também para melhorar as estratégias e os planos que tem por forma a adaptá-los à sua realidade educativa.

20 de janeiro de 2012, sexta-feira

Hoje a manhã começou com as rotinas habituais, dirigimo-nos para a sala onde a professora iniciou a manhã com a área de Matemática abordando a subtração com o material Calculadores Multibásicos. Realizou bastantes exercícios nos mesmos.

Seguidamente fomos para o recreio, e do recreio fomos assistir a um teatro no ginásio da Elegidium, sobre como tratar os dentes.

24 de janeiro de 2012, terça-feira

Hoje dei aula no estágio com os temas, na área da Língua Portuguesa abordei classificação morfológica das palavras e na área da Matemática realizei com os alunos um pictograma.

Fomos ao recreio, quando voltámos à sala, passei à área de Matemática, onde expliquei o que era um pictograma e realizei um no quadro com os alunos, depois distribuí uma proposta de trabalho que continha perguntas de interpretação do pictograma.

Durante a tarde estive a falar com a professora sobre a aula dada.

Inferências

Nesta aula tentar controlar o ruído, pois estes alunos são faladores se deixarmos, e como tinha sido um aspeto referido nas aulas anteriores pela professora cooperante, tentei corrigir este aspeto, e a professora elogiou pela positiva pois foi conseguido.

Fiquei muito contente com os meus progressos, também sei que posso fazer ainda melhor.

27 de janeiro de 2012, sexta-feira

Hoje foi o último dia de estágio para efeitos de relatos. Foi um dia diferente pois a aula hoje foi dada por um pai médico que abordou o tema do coração, e levou um coração de porco para operar com os alunos, enquanto uns alunos estavam a ver o coração do porco os outros alunos estavam a auscultar o coração dos colegas com o estetoscópio.

Fomos ao recreio.

Quando voltámos, para fechar com chave de ouro tive a aula surpresa de matemática, leitura de números com os Calculadores Multibásicos assistia pela professora da ES.

Inferências e fundamentação teórica

Esta Professora sempre mostrou uma atitude correta perante qualquer situação a resolver. Identifico-me com a sua maneira de ser e de estar com as crianças. Em concordância com Borrás (2002) ”um indicador importante da qualidade pedagógica é a capacidade que o professor tem de sentir empatia com as crianças e, portanto, o tipo de relação que é capaz de estabelecer com elas.” (p.131)

Um bom professor tem a responsabilidade de proporcionar às suas crianças bem-estar e segurança. Zabalza (2001) afirma que “a função do educador é a de providenciar um clima de segurança e reconhecimento que estimule as crianças e lhes combata a inibição.” (p.127)

É fundamental criar um clima de confiança na sala, para que a criança se sinta acolhida e envolvida em afectividade, pois apenas ao sentir-se aconchegada se colmatará esta necessidade básica e ela estará em condições de poder aprender. Quando a criança não respira esta afectividade, que é a que vai proporcionar confiança e segurança, fica bloqueada, o que impede de se entregar às actividades que se desenvolvem na pré-escola. (Lahora, 2008, p.10)

Gostei muito de ver o Pai do aluno a dar a aula e quer as crianças quer eu aprendemos bastante.

A aula surpresa supervisionada por uma professora da ES, decorreu muito bem em todos os aspetos avaliados. Mais uma vez, esta turma mostrou que gosta de mim ao terem manifestado um excelente comportamento e um interesse fantástico. A professora avaliadora e a professora da sala ficaram surpreendidas pela positiva.

Sendo a última aula acabei com chave de ouro!

CAPÍTULO 2 – PLANIFICAÇÕES

2.1 Descrição do capítulo

Neste capítulo encontram-se alguns dos planos de aula que elaborei no decorrer do Estágio Profissional I, II e III.

Encontra-se dividido em três secções, sendo que na primeira constam os planos de aula referente à educação Pré-Escolar. Na segunda, são apresentados os planos de aula referentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico. Na terceira e última encontram-se os planos de aula referentes à Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP), uma das componentes de avaliação da unidade curricular para o qual este relatório também é instrumento de avaliação.

Apresento os planos por áreas temáticas, tendo começado pelo Pré-Escolar, onde se encontram a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, o Conhecimento do Mundo e a Iniciação à Matemática.

Seguidamente, os do 1.º Ciclo do Ensino Básico, onde se encontram as áreas de Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática. Após cada plano de aula, segue-se uma pequena reflexão crítica seguida das fundamentações teóricas de cada um dos procedimentos realizados nessas aulas. Todos os planos que realizei, basearam-se no modelo T de Aprendizagem proposto pelo Dr. Martiniano Pérez, conforme se pode ver no quadro 11.

Quadro 11 - Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem

Jardim-Escola Plano de Aula	
Professora: Faixa etária: Tempo: Data:	Aluna: Número: Turma:
Conteúdos	Procedimentos - Métodos
Objetivos	
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
Material:	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem (Sujeito a alterações)

2.2 Fundamentação teórica

Penso ser pertinente apresentar de uma forma breve o que é planificar e qual é a sua importância ao longo de todo o momento de estágio realizei para todas as secções diversos planos com o cuidado de proporcionar um ambiente estimulante para as crianças.

De acordo com as OCEPE (ME, 2009) planear é uma condição para que “a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades.” (p.26)

O ato de planificar é fundamental na educação pré-escolar, pois assim o educador/professor segue um fio condutor durante a sua aula, e de certa forma transmite também mais confiança com o seu trabalho.

Ainda de acordo com a fonte referida atrás, “planear implica que o educador/professor reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização.” (p.26)

Todos os planos de aula que apresentei seguiram sempre o modelo de planificação utilizada na metodologia João de Deus, baseado no Modelo T de Martiniano Pérez.

Segundo Román e López (2001), “é chamado Modelo T ou modelo duplo T, porque consiste em um duplo T. É um modelo que visa identificar a cultura social e uma instituição, para transformá-lo em cultura escolar e facilitar a educação integrada.” (p.104)

No entender destes autores a exigência destas planificações permite identificar de maneira adequada os objetivos e valores, procedimentos e estratégias, capacidades e destrezas associados aos conteúdos.

Todos estes são elementos fundamentais do «desenho curricular de aula» como modelo de aprendizagem – ensino, um marco de um novo desenho de aprender a aprender, facilitando a aprendizagem.

As planificações elaboradas para o estágio profissional, são apenas uma mera adaptação do modelo original, pois o autor estabelece seis semanas como um limite mínimo para uma planificação curta.

Na avaliação que fiz das planificações que fazem parte deste capítulo, dei preferência à fundamentação científica dos procedimentos e métodos por serem estes os mais significativos para o estágio profissional.

Achei relevante referir em que consiste programar e quais os passos que devem ser adotados.

Para Zabalza (1998) defende que: “sem programação não se pode fazer boa escola. Porém, para que a programação responda ao seu sentido curricular tem que possuir certas características importantes que afectam tanto o processo da sua planificação como a sua posterior aplicação prática na aula.” (p.96)

Para planificar e programar é necessário fazer escolhas e adotar as melhores estratégias e recursos, tentando eleger os mais adequados à turma e às crianças em particular.

O autor atrás referido defende que:

“Ao fazer a programação, adoptam-se decisões relativas a conteúdos, métodos, recursos, prioridade, etc. Elegem-se uns como mais adequados e deixam-se de lado outros. Quer dizer, procura dar-se um certo sentido educativo próprio ao que se faz. E isso exige do professor uma consideração permanente dos porquês (contexto de justificação) e os para quês (contexto de racionalidade e coerência) daí decisões que se tomam. Isso é a alma da profissionalidade docente tão pouco exercitada nos dias de hoje” (p.97)

O docente quando planifica considera nas suas planificações vários aspetos.

Peterson, Marx e Clark (1987) (citado por Zabalza 1998), referem que:

“Relativamente aos aspectos a que os professores dão importância quando planificam. Os seus dados contradizem o esquema habitual de começar pelos objectivos e passar aos conteúdos. Os professores dedicam a maior parte do tempo da planificação a decidir que conteúdos vão ensinar; depois concentram o seu esforço na preparação dos processos instrutivos, isto é, que estratégias e actividades se vão realizar; finalmente, dedicam uma escassa proporção de tempo aos objectivos.” (p.54)

Ao longo do Estágio Profissional observei que a maioria dos professores organiza e estabelece estratégias ou métodos, atividades ou situações de aprendizagem, seleccionando meios e materiais que facilitem atingir os objetivos programados.

O modelo T é um modelo simples de executar e analisar, pois segundo Pérez e López (2001) o modelo “tentar articular um conteúdo conciso e abrangentes, os procedimentos, métodos, capacidades, habilidades, atitudes e valores de uma área ou tema, ou um aprendizado aninhados.” (p.104)

Nem sempre foi fácil planificar e seleccionar o que era mais importante. No entanto e há medida que fui praticando consegui evoluir e ser mais objetiva.

2.3 Planificações

2.3.1 1.ª Secção - Planificações do Pré-escolar

No quadro 12 podemos encontrar o plano referente à aula do Domínio de Abordagem à Leitura e Escrita – Estimulação à Leitura que leccionei no Bibe Encarnado.

2.3.1.1 Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 12 - Planificação de Estimulação à Leitura no Pré-Escolar

<i>Plano de Aula</i>	
Educadora: Faixa etária: Bibe Encarnado Tempo: 20/30 minutos Data: 15/02/2011	Aluna: Diana Nogueira Grilo Número: 8 Turma: MPE1C
Área: Estimulação à Leitura	
Conteúdos	Procedimentos - Métodos
✓ Estimular para a leitura	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com os meninos sentados em forma de U, no tapete;• Criar suspense em redor da história;• Contar uma história sobre plantas carnívoras "Uma descoberta na Estufa" e desvendar os mistérios do livro com as crianças;• Descobrir a mensagem secreta deixada no livro por uma personagem da história;• Levar as crianças a concretizar a mensagem (ir para a sala da televisão).
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Expressão Oral e Escrita<ul style="list-style-type: none">✓ Expressar ideias;✓ Vocabulário.• Socialização<ul style="list-style-type: none">✓ Dialogar;✓ Conviver.	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">✓ Aceitar;✓ Escutar.• Tolerância<ul style="list-style-type: none">✓ Bom ouvinte;✓ Calma.
Material: Livro da história (elaborado por mim).	
Baseado no Modelo T de aprendizagem (Sujeito a alterações)	

Inferências e fundamentação teórica

As atividades desta manhã de aula tiveram como tema transversal as plantas carnívoras. Iniciei pela estimulação à leitura, que como o próprio nome indica, o grande objetivo foi, através dela, motivar as crianças a terem gosto pela leitura e a desenvolverem competências linguísticas a esse nível.

Os momentos de leitura de histórias são fundamentais na Educação Pré-Escolar. Através deste tipo de atividade de contacto com a leitura, desenvolvem-se nas crianças diversas competências. De acordo com Teberosky & Colomer (2003)

No contacto com histórias lidas ou ouvidas, a criança vai adquirindo novas experiências. Daí a importância de ler e contar histórias às crianças desde os primeiros anos de vida, estimulando nelas o gosto pela leitura, para que elas possam também adquirir os recursos necessários ao desenvolvimento da sua fantasia e criatividade. (p.18)

Contei a história com as crianças sentadas no chão em semicírculo para tornar o ambiente mais acolhedor, segundo Arends (1995) “para situações em que o professor lê para os alunos, estes devem sentar-se em semicírculo.” (p.94) A história que li para as crianças foi criada por mim. O livro era grande, diferente e apelava à imaginação das crianças. É fundamental que as crianças vivam momentos que apelem à sua imaginação e criatividade. Como dizem Viana e Teixeira (2002), “os livros grandes podem fazer com que a criança desempenhe um papel mais activo na aprendizagem.” (p.118)

Durante a história fiz algumas pausas para criar suspense e curiosidade nas crianças. No fim da leitura as crianças tiveram oportunidade de fazer comentários e colocar questões, como por exemplo: “as plantas carnívoras podem comer pessoas?” A história termina com uma incógnita. O livro tem um envelope com uma mensagem secreta para desvendar. Uma personagem da história pedia para que as crianças mudassem de espaço para descobrirem a surpresa que deixou. Considero esta estratégia positiva pois a mudança de espaço permite que as crianças relaxem e foi, de certo modo, isso que aconteceu pois desde modo consegui o máximo de concentração por parte das crianças para abordar a área seguinte.

Gostei muito de dar estas aulas. Fui expressiva, fiz inflexões de voz e geri o tempo que tinha entre 20 e 30 minutos.

2.3.1.2 Conhecimento do Mundo

Como se pode ver no quadro 13, esta aula também foi lecionada no Bibe Encarnado e foi sobre as plantas e os seus constituintes.

Quadro 13 - Planificação de Conhecimento do Mundo no Pré-Escolar

<i>Plano de Aula</i>	
Educadora: Faixa etária: Bibe Encarnado Tempo: 60 minutos Data: 15/02/2011	Aluna: Diana Nogueira Grilo Número: 8 Turma: MPEIC
Área: Conhecimento do Mundo	
Conteúdos	Procedimentos - Métodos
<ul style="list-style-type: none">✓ A plantas;✓ Os seus constituintes;✓ Características;✓ Várias qualidades;✓ Semelhanças e diferenças;	<ul style="list-style-type: none">• Levar as crianças para a sala da televisão, como pediu a personagem da história na mensagem secreta;• Dispor as crianças de modo a observarem o <i>powerpoint</i>;• Visionamento das fotografias tiradas na estufa às plantas carnívoras;• Mostrar a planta e os seus constituintes;• Apresentar, a partir de um vídeo as reações das plantas, quando tocada;• Mostrar algumas plantas verdadeiras, e deixar as crianças explorarem e tocarem;
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Classificação<ul style="list-style-type: none">✓ Comparar;✓ Caracterizar.• Socialização<ul style="list-style-type: none">✓ Observar;✓ Conviver.	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">✓ Escutar;✓ Dialogar.• Cooperação<ul style="list-style-type: none">✓ Receptivo;✓ Colaborar.
Material: <i>Powerpoint</i> e as plantas carnívoras.	
Baseado no Modelo T de aprendizagem (Sujeito a alterações)	

Inferências e fundamentação teórica

O início desta atividade não se compreenderia sem a apresentação prévia da atividade de estimulação à leitura.

Assim, na área de conhecimento do mundo comecei por desvendar o mistério que continha o envelope deixado no livro. Com uma apresentação em powerpoint, mostrei fotografias de várias espécies de plantas carnívoras que tinham ficado por ser apresentadas na história “Descoberta na estufa”. De acordo com as OCEPE (ME, 2009), não se deve considerar as diferentes áreas como se fossem compartimentos estanques, “acentua-se a importância de interligar as diferentes áreas de conteúdo e de as contextualizar num determinado ambiente educativo.” (p.22)

Antes de mostrar as fotografias dialoguei com as crianças de forma a aperceber-me dos conhecimentos prévios que tinham sobre as plantas carnívoras. Muitas delas tinham ideias erradas sobre estas plantas, pois pensavam que elas podiam comer carne e pessoas. O papel do professor/educador é nesta altura muito importante. Segundo as OCEPE (ME, 2009), “A capacidade do educador para escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo em comunicar.” (p.66-67)

Utilizei esta estratégia para estabelecer um diálogo como troca de conhecimentos. Aproveitei os que já possuíam para introduzir e completar novos conhecimentos. As crianças diziam como é que achavam que as plantas apanhavam os insetos e através da imagem eu explicava como acontecia com cada uma em particular.

A utilização de imagens pareceu-me uma mais-valia, pois proporcionaram às crianças uma aproximação à realidade. Not (1991) afirma que a imagem “é indispensável para apresentar na aula, o que não pode ser na realidade, quer porque o real é muito desagradável ou perigoso ou difícil de manipular com fins didáticos.” (p.84)

Para Spodek e Saracho (1998), as fotografias devem ser apresentadas em grande tamanho de modo a:

Poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas se possam concentrar no que é importante. Os professores podem mostrá-las para as crianças em discussões de grupo ou afixá-las nos murais da sala. Se optarem pelos murais, os professores devem cuidar para que a forma como forem dispostas ajudem as crianças a verem o que é importante. As fotos também podem ser combinadas com outros materiais em exposição. (p.335)

Mostrei um vídeo que mostrava claramente a reação de uma planta carnívora quando tocada por um inseto. Desta forma puderam observar a realidade deste tipo de plantas. Para terminar levei duas espécies de plantas carnívoras verdadeiras para eles verem e mexerem.

Esta atividade de Conhecimento do Mundo correu muito bem. Foi uma aula dinâmica e senti-me à vontade com as crianças que gostaram imenso das atividades que lhes proporcionei.

No dia seguinte várias crianças perguntaram-me se ia “ensinar mais coisas” sobre as plantas carnívoras.

2.3.1.3 Iniciação à Matemática

No quadro 14, apresentamos o plano de aula na área da Iniciação à Matemática com o material estruturado Cuisenaire.

Quadro 14 - Planificação de Iniciação à Matemática no Pré-Escolar

<i>Plano de Aula</i>	
Educadora: Faixa etária: Bibe Encarnado Tempo: 60 minutos Data: 15/02/2011	Aluna: Diana Nogueira Grilo Número: 8 Turma: MPE1C
Área: Iniciação à Matemática	
Conteúdos	Procedimentos - Métodos
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Soma; ✓ Contagem; ✓ Associação do número à quantidade; 	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar a aula com as crianças sentadas nos seus lugares; • Distribuir o material Cuisenaire pelas mesas; • Explorar o material, relembrando as suas características; • Aplicar a soma, fazendo exercícios com grau de dificuldade crescente, com as crianças; • Associar algarismos móveis as cores correspondentes ao material; • Utilizar material manipulável não estruturado para corresponder à quantidade; • Pedir que arrumem as caixas, aplicando as regras.
Competências	
Capacidades – Destrezas	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Orientação Espaço Temporal <ul style="list-style-type: none"> ✓ Explorar; ✓ Identificar; ✓ Reconhecer. • Raciocínio Lógico <ul style="list-style-type: none"> ✓ Observar; ✓ Comparar; ✓ Aplicar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> ✓ Interessado; ✓ Organizado. • Respeito <ul style="list-style-type: none"> ✓ Compreender ✓ Dialogar.
Material: Caixa de Cuisenaire, algarismos móveis e material manipulável não estruturado (flores).	
Baseado no Modelo T de aprendizagem (Sujeito a alterações)	

Inferências e fundamentação teórica

Já com as crianças sentadas nos respectivos lugares dei início à atividade. O espaço deve ser pensado de modo a ser adequado ao que se pretende. Desta forma Arends (1995) refere que “a forma da sala de aula deve adequar-se às suas funções, sendo que diferentes formações são utilizadas para diferentes funções. (p.94) Assim, para trabalhar o material Cuisenaire estiveram sentados nas cadeiras na sala do bibe encarnado, de modo a facilitar a interação com a aula. Conversei com elas deixando-as a par do que se ia passar e abordei as regras necessárias ao bom funcionamento da aula. Martins *et al.* (2007) afirmam que “as crianças devem ser esclarecidas quanto ao propósito da actividade a desenvolver e ao que é esperado delas, de modo a potenciar as suas aprendizagens.” (p.19) Para desenvolver competências nos alunos trabalhei com o material Cuisenaire, por se tratar de um material que permite brincar e ao mesmo tempo aprender. Aranão (1996) afirma que a utilização deste tipo de material é excelente para o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático. (p.36)

Segundo as OCEPE (ME, 2009), “cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas.” (p.73) Fonseca *et al.* (2008), ainda em relação às questões problemáticas que são colocadas às crianças, acrescentam que “o educador/professor tem de lhes apresentar muitas situações problemáticas, não lhes dar resposta de imediato e deixá-las encontrar o caminho da resposta. Elas gostam muito de «problemas» e de os resolver como um desafio.” (p.66) Spodek & Saracho (1998) mencionam que “muitos materiais oferecidos para as crianças na brincadeira manipulativa podem ensinar conceitos matemáticos. Os professores também podem criar os seus próprios materiais e jogos para estes mesmos objectivos.” (p.224)

Durante a atividade circulei sempre pela sala de forma a acompanhar de perto o que iam realizando e de forma a corrigir alguns erros. Aranão (1996), baseado em Piaget, aponta “o professor deve ser mediador da construção do conhecimento da criança e deve levá-la a pensar e a procurar as soluções para os problemas apresentados.” (p.12)

Não posso deixar de referir que planifiquei esta aula com muito gosto e que considerei muitos aspetos – o espaço, a distribuição do material, as situações que ia aplicar.

No entanto, faltou-me imprimir mais ritmo no decurso da aula não ficando tão “presa” à criança que estava a responder. Senti que por vezes foi difícil envolver as crianças das outras mesas.

Contudo o balanço foi positivo no entender da educadora. Quando tiver mais prática vai ser mais fácil gerir este aspeto.

2.3.2 2.ª Secção - Planificações do 1.º Ciclo do Ensino Básico

2.3.2.1 Matemática

No quadro 15, apresento a aula que dei no 1.º ano na área da Matemática.

Quadro 15 - Planificação de Matemática no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Plano de Aula	
Professora: Faixa etária: Bibe Castanho, 1.º ano Tempo: 20 minutos Data: 08/04/2011	Aluna: Diana Nogueira Grilo Número: 8 Turma: MPE1C
Área: Matemática	
Conteúdos	Procedimentos - Métodos
✓ Promover o cálculo mental e o raciocínio lógico;	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com as crianças sentadas nos seus lugares habituais;• Distribuir o material às crianças;• Colocar questões sobre o material, fazendo perguntas dirigidas;• Pedir para abrirem o material aplicando as regras já adquiridas;• Começar por contar uma história sobre esquilo, e envolver as construção da camioneta na história;• Trabalhar com as crianças o cálculo mental e raciocínio lógico;• Pedir às crianças para arrumarem o material;
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Orientação Espaço Temporal<ul style="list-style-type: none">✓ Explorar;✓ Identificar;✓ Reconhecer.• Raciocínio Lógico<ul style="list-style-type: none">✓ Observar;✓ Aplicar.	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">✓ Escutar;✓ Dialogar.• Tolerância<ul style="list-style-type: none">✓ Bom ouvinte;✓ Interesse.
Material: Caixas de 3º e 4º Dons de Froebel.	
Baseado no Modelo T de aprendizagem (Sujeito a alterações)	

Inferências e fundamentação teórica

As atividades desta manhã de aula tiveram como tema geral e programado os animais mamíferos.

Iniciei a aula com Matemática, utilizando um material manipulável estruturado, o 3.º e 4.º Dons de Froebel, que penso ser importante o uso destes materiais para que as crianças explorem e possam ver no concreto o que se pode fazer com estes materiais, desenvolvendo competências matemáticas.

Os objetivos deste material já foram explicados ao longo do capítulo 1, no entanto é de salientar a importância de estes materiais têm para o ensino da Matemática.

Segundo as OCEPE (2009):

“As crianças vão espontaneamente construindo noções matemáticas a partir das vivências do dia-a-dia. O papel da matemática na estruturação do pensamento, as suas funções na vida corrente e a sua importância para aprendizagens futuras, determina a atenção que lhe deve ser dada na educação pré-escolar, cujo quotidiano oferece múltiplas possibilidades de aprendizagens matemáticas.” (p.73)

Para iniciar a aula solicitei a ajuda dos alunos. Desta forma, eles sentem-se úteis e gostam de colaborar e eu fico mais disponível para começar.

Falei um pouco sobre a forma das caixas e do seu conteúdo.

Estanqueiro (2010) defende que:

“ A aula não é um espectáculo, onde o professor te o papel de actor e os alunos se limitam a ser uma plateia de espectadores passivos. Os alunos têm de participar activamente nas actividades da aula. Isso ajuda a formar cidadãos participativos e críticos.” (p.39)

Neste aspeto acho muito importante a colaboração dos alunos, pois estes sentem-se mais incentivados e motivados a participar na aula, e eu fico mais à vontade para trabalhar com eles as aprendizagens pretendidas.

2.3.2.2 Língua Portuguesa

No quadro 16, podemos encontrar a aula dada na área de Língua Portuguesa ao Bibe Castanho no dia 8 de abril de 2011.

Quadro 16 - Planificação de Língua Portuguesa no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Plano de Aula	
Professora: Faixa etária: Bibe Castanho, 1.ºano Tempo: 20 minutos Data: 08/04/2011	Aluna: Diana Nogueira Grilo Número: 8 Turma: MPEIC
Área: Língua Portuguesa	
Conteúdos	Procedimentos - Métodos
<ul style="list-style-type: none">✓ Revisão de uma regra de Cartilha Maternal;✓ Determinantes Artigos Definidos;	<ul style="list-style-type: none">• Começar por ler o texto às crianças;• Leitura do texto "O rabo do esquilo";• Pedir às crianças para quando ouvirem no texto e quadra repetida, dizerem-na comigo;• Revisão de uma regra de Cartilha Maternal;• Explicar às crianças o que é um determinante artigo definido;• Pedir-lhes que quando ouvirem a leitura dos determinantes artigos definidos, levantem o seu esquilo, quem possui o determinante certo;• Passar da Língua Portuguesa para o Estudo do Meio;
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Expressão Oral e Escrita<ul style="list-style-type: none">✓ Vocabulário;✓ Compreensão;✓ Interpretação.• Socialização<ul style="list-style-type: none">✓ Dialogar;✓ Conviver.	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">✓ Escutar;✓ Dialogar.• Tolerância<ul style="list-style-type: none">✓ Bom ouvinte;✓ Interesse.
Material: Livro da História, esquilo com os determinantes artigos definidos e ficha com a história.	
Baseado no Modelo T de aprendizagem (Sujeito a alterações)	

Inferências e fundamentação teórica

A Estimulação à Leitura, que como o próprio nome indica, o grande objetivo é motivar as crianças a terem gosto pela leitura e a desenvolver competências linguísticas através dela.

Os momentos de leitura de histórias são fundamentais para o desenvolvimento de diversas competências nas crianças. De acordo com Teberosky e Colomer (2003) referente a este assunto:

“No contacto com histórias lidas ou ouvidas, a criança vai adquirindo novas experiências. Daí a importância de ler e contar histórias às crianças desde os primeiros anos de vida, estimulando nelas o gosto pela leitura, para que elas possam também adquirir os recursos necessários ao desenvolvimento da sua fantasia e criatividade.”
(p.18)

Para iniciar contei uma história “o rabo do esquilo”, fazendo a leitura preparatória, onde as crianças estavam sentadas nos seus lugares habituais. Depois da história dei o conceito de determinante artigo definido, expliquei o que era e para que se utilizava, e com a ajuda da Cartilha Maternal expliquei algumas palavras mais complicadas para as crianças. Seguidamente fiz uma leitura animada onde as crianças tinham um cartão com os determinantes distribuídos ao acaso pelas crianças, onde cada vez que eu lê-se um determinante a criança que correspondesse a esse determinante levantava o seu cartão e assim sucessivamente.

2.3.2.3 Estudo do Meio

A aula que apresento no quadro 17, tem como área o Estudo do Meio e também foi lecionada ao 1.º ano no mesmo dia.

Quadro 17 - Planificação de Estudo do Meio no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Plano de Aula	
Professora: Faixa etária: Bibe Castanho, 1.º ano Tempo: 20 minutos Data: 08/04/2011	Aluna: Diana Nogueira Grilo Número: 8 Turma: MPE1C
Área: Estudo do Meio	
Conteúdos	Procedimentos - Métodos
O esquilo: ✓ Classe; ✓ Características; ✓ Alimentação; ✓ Habitat; ✓ Reprodução;	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com as crianças sentadas nos seus lugares habituais;• Fazer suspense, e mostrar o animal que vamos falar, o esquilo;• Passar pelas crianças o animal, para que estes o possam explorar;• Falar sobre as suas características e a que classe de animais pertence;• Distribuir um esquilo em Eva por cada criança, e nele as crianças vão escrever as suas características; Finalizar a aula;
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Classificação<ul style="list-style-type: none">✓ Observar;✓ Identificar;✓ Caracterizar.• Socialização<ul style="list-style-type: none">✓ Dialogar;Reconhecer.	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">✓ Escutar;✓ Dialogar.• Tolerância<ul style="list-style-type: none">✓ Bom ouvinte;✓ Interesse.
Material: O animal (esquilo) e esquilo em eva.	
Baseado no Modelo T de aprendizagem (Sujeito a alterações)	

Inferências e fundamentação teórica

A passagem da estimulação à leitura para o conhecimento do mundo, não se notou, pois fiz ligação entre as áreas temáticas, tendo em conta a interdisciplinaridade.

De acordo com as OCEPE (2009), não se deve considerar as diferentes áreas como se fossem compartimentos estanques, “acentua-se a importância de interligar as diferentes áreas de conteúdo e de as contextualizar num determinado ambiente educativo.” (p.22)

Na área de Conhecimento do Mundo dei o animal mamífero, o esquilo.

Primeiro dialoguei com as crianças de forma a aperceber os conhecimentos prévios que tinham sobre este animal, o esquilo.

Como afirma Estanqueiro (2010), “o diálogo na aula é, além de mais, uma oportunidade para o aluno desenvolver duas competências de comunicação oral, necessárias para toda a vida: saber escutar e saber falar. Aprende-se a escutar, escutando. Aprende-se a falar, falando.” (p.40)

Utilizei esta estratégia para estabelecer um diálogo com troca de conhecimentos, aproveitei os conhecimentos que já possuíam para introduzir e completar novos conhecimentos. As crianças diziam como é que achavam que as plantas apanhavam os insetos e através da imagem eu explicava como acontecia com cada uma em particular.

2.3.3 3.^a Secção - Planificações da Prova Prática de Capacidade Profissional

Estas aulas fazem parte de uma das componentes de avaliação desta unidade curricular. As mesmas são assistidas e avaliadas pelo júri composto pela professora da sala e por dois professores da equipa de supervisão pedagógica.

Ditou o sorteio que esta fosse realizada no 4.º ano às 9h 15m. De forma a manter os alunos interessados, motivados e a realizarem várias descobertas, pensei num tema com ajudas das professoras da prática pedagógica, que permitisse fazer interdisciplinaridade – Os solos.

Optei por fazer um plano de aula para cada área, descrevendo neles, os conteúdos e procedimentos da mesma.

Em virtude, de já terem sido alvo de avaliação, apenas as apresentarei. No entanto, e antes de o fazer considero ser pertinente referir que os aspetos positivos foram: boa relação com os alunos, bom material realizado para a aula, boa gestão de tempo, tema interessante e apelativo na forma que foi lecionado e o material que tinha de apoio e que não cometi erros científicos.

Os aspetos a melhorar incidiram principalmente no nervosismo demonstrado nos primeiros minutos da prova e que os cartões para a atividade na área de língua portuguesa deveriam ter as frases completas e sublinhadas e não estarem incompletas como eu os levei para a prova.

De seguida apresento os quadros 18, 19, 20 e 21, com os respetivos planos de aula para a Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP).

2.3.3.1 Língua Portuguesa

No quadro 18, apresento o plano de aula na área da Língua Portuguesa realizado para a PPACP.

Quadro 18 - Planificação de Língua Portuguesa da PPACP

Plano de Aula	
Professora: Faixa etária: Bibe Azul Escuro, 4.ºano Tempo: 20 minutos Data: 16/02/2012	Aluna: Diana Nogueira Grilo Número: 8 Turma: MPE1C PL
Área: Língua Portuguesa	
Conteúdos	Procedimentos - Métodos
<ul style="list-style-type: none">✓ Leitura;✓ Interpretação;✓ Atividade lúdica (bingo);	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com língua portuguesa;• Distribuir pelos alunos um texto sobre os tipos de solo;• Fazer a leitura modelo do texto;• Pedir a alguns alunos que leiam o texto;• Fazer perguntas de interpretação do texto;• Explicar a atividade lúdica;• Estimular os conhecimentos da gramática dos alunos através de um jogo, o bingo;• Finalizar a língua portuguesa, passando para o estudo do meio;
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Expressão Oral e Escrita<ul style="list-style-type: none">✓ Compreensão;✓ Organizar a informação.• Socialização<ul style="list-style-type: none">✓ Dialogar;✓ Observar.	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">✓ Escutar;✓ Dialogar.• Cooperação<ul style="list-style-type: none">✓ Colaborar;✓ Dinâmica.
Material: Cartazes com o bingo e ficha de texto.	
Baseado no Modelo T de aprendizagem (Sujeito a alterações)	

2.3.3.2 Estudo do Meio

No quadro 19, apresento o plano de aula na área de Estudo do Meio realizado para a PPACP.

Quadro 19 - Planificação de Estudo do Meio da PPACP

Plano de Aula	
Professora: Faixa etária: Bibe Azul Escuro, 4.ºano Tempo: 20 minutos Data: 16/02/2012	Aluna: Diana Nogueira Grilo Número: 8 Turma: MPE1C PL
Área: Estudo do Meio	
Conteúdos	Procedimentos - Métodos
<u>Tipos de solo</u> ✓ Permeabilidade dos solos;	<ul style="list-style-type: none">• Fazer interdisciplinaridade com português;• Começar por introduzir os tipos de solo;• Debater o tema com os alunos;• Fazer perguntas sobre o tema e identificar os três tipos de solo;• Entregar e ler o protocolo experimental;• Fazer uma experiência sobre a permeabilidade dos três tipos de solo;• Realizar uma atividade lúdica para consolidação da matéria;
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio Lógico<ul style="list-style-type: none">✓ Observar;✓ Comparar.• Classificação<ul style="list-style-type: none">✓ Identificar;✓ Relacionar.	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">✓ Escutar;✓ Dialogar.• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">✓ Empenhado✓ Cumpridor✓ Interessado
Material: Cartões com as perguntas, amostras de terra, material para a experiência e protocolo.	
Baseado no Modelo T de aprendizagem (Sujeito a alterações)	

2.3.3.3 Matemática

No quadro 20, apresento o plano de aula referente à área de Matemática, realizado para a PPACP.

Quadro 20 - Planificação de Matemática da PPACP

Plano de Aula	
Professora: Faixa etária: Bibe Azul Escuro, 4.ºano Tempo: 20 minutos Data: 16/02/2012	Aluna: Diana Nogueira Grilo Número: 8 Turma: MPEIC PL
Área: Matemática	
Conteúdos	Procedimentos - Métodos
<ul style="list-style-type: none">✓ Gráfico de Barras;✓ Interpretação do gráfico;✓ Moda.	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com as crianças sentadas nos seus lugares habituais;• Explicar às crianças o que é um gráfico de barras;• Introduzir a moda estatística;• Entregar às crianças o material para a construção de um gráfico de barras;• Passar à construção de um gráfico de barras com dados em tabela com material manipulável lúdico;• Entregar às crianças uma ficha informativa;• Finalizar a aula.
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Orientação Espaço Temporal<ul style="list-style-type: none">✓ Explorar;✓ Identificar;✓ Reconhecer.• Raciocínio Lógico<ul style="list-style-type: none">✓ Observar;✓ Aplicar.	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">✓ Escutar;✓ Dialogar.• Tolerância<ul style="list-style-type: none">✓ Bom ouvinte;✓ Interesse.
Material: Ficha e envelopes com material lúdico, placard com gráfico de barras e tabelas de dados.	
Baseado no Modelo T de aprendizagem (Sujeito a alterações)	

2.3.3.4 Jogo

No quadro 21, apresento o plano de aula do Jogo realizado para a PPACP.

Quadro 21 - Planificação do Jogo da PPACP

Plano de Aula	
Professora: Faixa etária: Bibe Azul Escuro, 4.ºano Tempo: 15 minutos Data: 16/02/2012	Aluna: Diana Nogueira Grilo Número: 8 Turma: MPE1C PL
Área: Jogo	
Conteúdos	Procedimentos - Métodos
<u>Jogo</u>	<ul style="list-style-type: none">• Direcionar as crianças para o espaço exterior;• Formar duas equipas A e B;• Explicar as regras do jogo aos alunos;• Dar indicação sobre o mesmo;• Iniciar o jogo;• Ganha a equipa que obtiver mais água no seu garrafão.
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Expressão Corporal<ul style="list-style-type: none">✓ Equilibrar;✓ Coordenar.• Socialização<ul style="list-style-type: none">✓ Dialogar;✓ Observar.	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">✓ Escutar;✓ Dialogar.• Criatividade<ul style="list-style-type: none">✓ Esforçado;✓ Habilidade.
Material: Dois garrafões, dois tabuleiros, dois passadores, terra (amostra de solo), algodão, dois jarros e água.	
Baseado no Modelo T de aprendizagem (Sujeito a alterações)	

Importa ainda referir que gostei muito de lecionar estas aulas, e os alunos foram fantásticos no decorrer das mesmas, apoiando-me e colaborando durante toda a prova.

Com a elaboração deste capítulo e de todas as outras aulas que planifiquei ao longo do estágio profissional, aprendi bastante em vários aspetos: pensar no espaço da sala de aula; gerir o tempo; adequar e preparar com tempo o material; adequar os conteúdos aos alunos em questão e adaptá-los ao ritmo de aprendizagem dos alunos.

Zabalza (1998) afirma que “ao fazer a programação, adoptam-se decisões relativas a conteúdos, métodos, recursos, prioridades, etc. elegem-se uns como mais adequados e deixam-se de lado outros.” (p. 97)

Quando se planifica uma atividade, segundo o mesmo autor, “trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de acção.” (p. 47)

Das inúmeras leituras realizadas constatei, que a maioria dos autores da área da educação afirmam que planificar é um ato fundamental ao longo de todo o processo educativo. É essencial que o professor planeie as suas aulas de acordo com a turma que tem à sua frente, não esquecendo que cada aluno é um ser individual, com dificuldades e facilidades distintas dos outros.

Por esta razão, torna-se muito pertinente que neste relatório se inclua um capítulo dedicado aos dispositivos de avaliação, pois planificar e avaliar depois o que concretizamos, permite desenvolver nos alunos as capacidades e destrezas, os valores e as atitudes necessárias para um desenvolvimento integral e harmonioso

CAPÍTULO 3 – DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO

Descrição do capítulo

Este capítulo encontra-se dividido em cinco secções e cada uma delas apresenta a avaliação de uma atividade de uma determinada área curricular.

A primeira secção é referente ao Domínio de Iniciação à Matemática, a segunda diz respeito ao Domínio de Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a terceira ao Domínio de Conhecimento do Mundo. Estas três secções são referentes ao período de estágio no Pré-Escolar e os dispositivos de avaliação realizados pelos respetivos bibes (Bibe Azul e Bibe Encarnado).

No 1.º Ciclo do Ensino Básico, a avaliação foi feita no Bibe Castanho (1.º ano), a quarta secção corresponde à área da Matemática e a quinta à área de Língua Portuguesa.

Todas as secções apresentam uma contextualização da atividade realizada, em seguida a descrição dos parâmetros e critérios estabelecidos para avaliar, posteriormente será apresentado um quadro com as cotações atribuídas e uma grelha de avaliação, bem como a sua descrição. Os resultados serão apresentados em forma de gráfico seguindo-se a respetiva interpretação.

Penso ser pertinente antes de iniciar o que acabei de expor, referir o que é a avaliação, para que serve e como se processa.

Fundamentação teórica

Sendo a avaliação um elemento fundamental da prática educativa, irei fazer uma abordagem teórica a respeito do tema.

Avaliar é para a grande maioria dos docentes uma tarefa difícil e de grande responsabilidade, mesmo que estes gostem ou não do seu trabalho. Devem tentar sempre ser o mais justos possíveis mas nem sempre o conseguem ser.

Pais e Monteiro (2002) sustentam que a dificuldade de avaliar:” advém sobretudo do facto de que, ao fazê-lo, estamos a emitir juízos de valor, a privilegiar

saberes, maneiras de ser e de estar. Por muito objectiva que se queira a avaliação, ela dependerá sempre dos intervenientes, dos momentos e das situações concretas.” (p.46)

Relativamente a esta dificuldade que é avaliar, são mais que muitos os autores que expõem as suas opiniões sobre este mesmo assunto.

Segundo Roldão (2008), “ a avaliação surge como uma entidade mal-amada, o “mal” necessário, uma espécie de mancha negra neste mar azul que poderia ser o ofício de ensinar, se nos dispensassem de a desempenhar ...” (p.39)

Roldão (2008), refere ainda que:

“ ... as questões que afligem os professores acerca da dificuldade de avaliar competências se prendem sobretudo com a representação que têm de avaliação construída ao longo de décadas pela prática social e institucional – a ideia dominante da avaliação como associada a classificação, por outro lado, e a conteúdos a saber, ou “matérias a dar”...” (p.41)

O docente não pode somente classificar, mas deve ir sempre de encontro às necessidades de aprendizagem que a turma lhe apresenta e a partir daí gerir o currículo. Isto porque quando a única preocupação é seguir rigidamente o currículo, a aprendizagem deixa de ser o objetivo principal. O que era importante adquirir era um binómio entre estes dois tipos de avaliação tão antagónicos. “Há ainda outros que procuram compatibilizar as duas visões.” (Fernandes, 2005, p. 23)

Todas estas formas de avaliação estão ligadas à organização escolar e aos meios que se utilizam para desenvolver, em sala de aula, a nível das aprendizagens.

Nas OCEPE (ME, 2009) podemos ler que: “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução.” (p.27)

Formosinho (2002) afirma que “surgiu uma nova concepção de avaliação: a chamada avaliação alternativa”, Gulló, citado por Formosinho (2002) explicita este conceito quando refere: “mais do que simplesmente centrar-se nos produtos de aprendizagem, ela enfatiza e procura representar como as crianças processam a informação, constroem novos conhecimentos e resolvem problemas.” (p.169)

Através da avaliação o professor terá oportunidade de analisar criticamente a sua atuação; definir estratégias alternativas e introduzir mecanismos de correção.

Spodek e Saracho (1998) expõem que, “os professores continuamente tomam decisões quanto à seleção dos programas, dos seus elementos e materiais. Estas decisões

dependem de julgamentos a respeito das crianças beneficiarem destes programas e dos efeitos que eles têm sobre elas.” (p.188)

Nas OCEPE (ME, 2009) é referido que:

“A avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido a avaliação é suporte do planeamento.” (p.27)

No entender de Fernandes (2005), “há quase uma relação de causa-efeito entre o que pensamos, ou que sabemos, acerca das formas como os alunos aprendem e as formas como avaliamos as suas aprendizagens”. (p.24)

A avaliação não serve para avaliar somente o aluno, mas também serve para avaliar o docente e a sua prática pedagógica. Esse processo de mudança implica necessariamente uma nova forma de encarar o ensino, sobretudo por parte dos docentes. Conforme defende Perrenoud (citado por Estanqueiro 2010), “é a avaliação que ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar.” (p.83)

É fundamental que se reflita sobre este assunto, de forma a existir um ensino com qualidade e não uma mera soma de quantidades que se resumem apenas a nota, aprovações ou reprovações. Como sustenta Pais e Monteiro (2002), “(...), não haverá avaliação eficaz, como não haverá ensino nem aprendizagem eficaz, se o professor não refletir sobre as suas práticas diárias, se não se avaliar diariamente.” (p.76)

Importa não esquecer que a aprendizagem, na sala de aula, não se dá de forma uniforme. Cada aluno tem o seu ritmo, as suas facilidades e dificuldades, o que dificulta bastante a ação do professor.

Roldão (2008), define avaliar como:

“É um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução. (...) é indispensável criar mecanismos de acompanhamento do processo para o ir entendendo, acertando e reorientando no sentido desejado.” (p.41)

Ainda para esta autora, e eu também concordo, cabe ao docente ajudar o aluno a “crescer” globalmente, não basta reduzir a avaliação a uma constatação do que o aluno é capaz e não é capaz de fazer, a avaliação deve ser encarada como um bússola orientadora de todo o processo de ensino/aprendizagem.

É preciso que a avaliação sirva para que todos possam ter experiências de sucesso, para orientar sobre as dificuldades, os pontos positivos e as necessidades de cada um. Não só para comparar os alunos entre si de acordo com um critério único ou básico, criando competição, inveja e frustração, mas para auxiliar cada um a evoluir em relação a si mesmo indo de encontro ao seu potencial.

Segundo Santos Guerra (1998) (citados por Roldão 2008), “a avaliação permite saber (com maior ou menor rigor) se foram atingidos os objectivos definidos.(...) No caso da avaliação dos alunos vê-se com clareza quando estes não conseguiram realizar as aprendizagens exigidas devido a algum problema seu.” (p.84)

A avaliação educativa é considerada, segundo a autora, como um dos mais importantes elementos para o sucesso educativo. Pois é através dela que o docente afere se os objetivos propostos por ele foram ou não atingidos.

Podemos ainda referir que o docente deve refletir sobre as intenções educativas de forma a adequá-las aos interesses e experiências do grupo.

Como afirma Abreu (citado por Fernandes 2005), faz parte da avaliação:

“Os testes de avaliação ou os exames devem ser vistos como instrumentos do processo de ensino – aprendizagem e não propriamente como fins estancas da aprendizagem. A avaliação de um aluno deve ter em conta todos os elementos que estão envolvidos no processo educativo, como a “ eficácia dos professores e dos programas e currículos, estratégias e métodos de ensino, organização da classe, rendimento escolar, etc.” (p.138).

Os autores referidos anteriormente ainda referem que para além de todos os elementos que constituem o processo educativo, também se revela pertinente que os alunos façam auto e hetero-avaliação de forma a tomar mais consciência de si e assim como dos docentes que os rodeiam. Não esquecendo no entanto que todo este processo não deve só “ incidir” nos conhecimentos demonstrados mas sim em toda a globalidade do processo.

Importa ainda realçar, que conforme Fernandes (2005), “todas as actividades que se realizam em ordem, a obter informações que permitam decisões ou pontuações correctas no final da acção educativa, constituem a avaliação.” (p.139) Ou seja, não basta avaliar os resultados é fundamental avaliar o processo a eles associados, como tal a avaliação do aluno é mais do que a atribuição de uma simples nota. Passa sim por detectar os problemas/dificuldades de aprendizagem, ajudando os alunos nesse sentido, potenciando as suas possibilidades.

Para concluirmos o conceito de avaliação, segundo o autor Oliveira e Oliveira (1996), “quanto mais parâmetros houver para a avaliação, menos injusta ela será, porque há sempre qualquer injustiça nesta avaliação, pois é impossível controlar totalmente o esforço, a capacidade, a motivação pessoal e familiar, a disciplina e outras variáveis que facilitam ou dificultam a aprendizagem.” (p.143)

Nas OCPPE (ME, 2009) o processo educativo de qualquer docente passa pelas seguintes etapas: a observação, o planejar, depois o agir seguindo-se a avaliação e comunicar à turma, para finalizar é necessário também articular. Para a concretização da avaliação é muito importante ter em conta o aspeto da observação, pois é a partir dela que é planeada a avaliação que vai fazer parte do processo educativo.

Com base nas OCEPE (ME, 2009), avaliar é:

“ o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo à sua evolução.” “A avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilitando-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento.” (p.27)

Cabe por isso ao docente planejar situações de aprendizagem desafiadoras, interessantes e que estimulem cada criança.

O conceito de avaliação segundo o Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico (ME, 2006) centra-se “ na evolução dos percursos escolares através da tomada de consciência partilhada entre o professor e o aluno, das múltiplas competências, potencialidades e motivações manifestadas e desenvolvidas, diariamente, nas diferentes áreas que o currículo integra.” (p. 25)

Ribeiro e Ribeiro (1990), definem que a função de avaliar: “corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objetivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.” (p.337)

A classificação é rigorosa nas correções de provas e trabalhos, pois é classificado aquilo que está feito na circunstância. Esta irá proporcionar uma informação que permite ao docente comparar e seriar os resultados entre alunos.

Podemos então concluir que a avaliação é um tema bastante abrangente onde a classificação se insere. Logo as duas formas têm de co-existir equilibradamente, ou seja, o docente deve avaliar todo o processo educativo, permitindo-lhe tomar consciência da

evolução dos seus alunos e não simplesmente classificar com o único objetivo de atribuir uma mera nota.

A avaliação para o educador é um elemento integrante que vai permitir uma recolha sistemática de informação, que depois de analisada e interpretada, sustenta a tomada de decisões adequadas e promove a qualidade das aprendizagens. A avaliação segundo a Circular n.º4 recentemente publicada, aponta como finalidades:

“Contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a actividade educativa, tomar decisões, planear a acção; Reflectir sobre os efeitos da acção educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens; Recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual (PEI); Promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento das suas competências e desempenhos, de modo a contribuir para o desenvolvimento de todas e de cada uma; Envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita, enquanto protagonista da sua aprendizagem, tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando; Conhecer a criança e o seu contexto, numa perspectiva holística, o que implica desenvolver processos de reflexão, partilha de informação e aferição entre os vários intervenientes – pais, equipa e outros profissionais – tendo em vista a adequação do processo educativo.” (p.3)

Ainda com base na Circular n.º4 é importante definir para a Educação Pré-Escolar os seguintes princípios:

“O carácter holístico e contextualizado do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança; Coerência entre os processos de avaliação e os princípios subjacentes à organização e gestão do currículo definidos nas OCEPE; Utilização de técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados; Carácter formativo; Valorização dos progressos da criança; Promoção da igualdade de oportunidades e equidade.” (p.3)

Na Educação Pré-Escolar o educador tem dois tipos de avaliação para cumprir. A avaliação diagnóstica realizada no início do ano letivo, que é centrada na caracterização do grupo e de cada criança. Com esta avaliação pretende-se conhecer o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer, as suas necessidades e interesses e o seu meio familiar. A avaliação diagnóstica pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa. A avaliação formativa tem uma função pedagógica que permite regular e facilitar a aprendizagem, centrada nos processos e nas atividades acompanhadas do aluno, está ligada ao que ensinam e o que fica aprendido.

Afigura-se oportuno fazer referência, a partir das leituras realizadas ao longo da nossa formação e para a elaboração deste relatório, de que a avaliação está muito

relacionada com as concepções que cada criança tem, de educação, de ensino e de aprendizagem, que é uma área de muita importância e muito complexa, apesar de também ser apaixonante e desafiadora. Em relação à experiência nesta área, pode-se considerar nula, pois até agora, só eu tenho sido avaliada de diferentes formas por diversos professores, resta-me agora preparar-me para quando chegar a minha vez de avaliar alguém.

Esta questão para mim é preocupante, porque daqui a pouco tempo serei eu a fazer este “juízo” às crianças, devemos aqui fazer uma avaliação de forma reflexiva e crítica, fazendo também uma procura constante de informação e de apoio a profissionais mais experientes ao longo da nossa prática profissional, de forma, a que possamos promover o sucesso escolar, pessoal e emocional nas nossas crianças.

3.3 Dispositivos de Avaliação do Ensino Pré-Escolar

1.^a Secção – Dispositivo de avaliação da área de Domínio da Iniciação à Matemática

Durante o período de estágio que realizei com o Bibe Azul, procedi à realização de uma proposta de trabalho na área do Domínio da Iniciação à Matemática.

Esta atividade foi realizada no dia 2 de novembro de 2010, com todos os alunos presentes no contexto sala de aula e teve a duração de 20 minutos.

Inicialmente apresentei um placard, que representava uma quinta com vários animais, onde trabalhei o cálculo mental e o raciocínio lógico. Seguidamente apresentei a proposta de trabalho, onde era proposto a crianças identificarem os objetos (neste caso animais) e fizessem a contagem de todos eles.

Por fim, que as crianças associassem o número de objetos à quantidade, fazendo assim a correspondência do número a cada objeto (Figura 28).

yardim - Escola João de Deus de Albarraque
Ficha de Matemática

Nome: _____

1. Observa a imagem.
2. Os animais da quinta do senhor Manuel pularam a cerca e misturaram-se uns com os outros. Ajuda o senhor Manuel a contar os animais.
3. Depois de contar os animais, coloca o número correspondente a cada animal dentro do quadrado.
4. Pinta os animais.

Albarraque, 2 de Novembro de 2010

Figura 28 – Proposta de trabalho na área do Domínio da Iniciação à Matemática

3.3.1 Descrição da escala de avaliação, parâmetros e critérios

Seguidamente, apresento o quadro 22 com a escala de avaliação utilizada (tipo Likert) para a avaliação desta atividade.

Quadro 22 – Escala de avaliação utilizada

Avaliação quantitativa	Avaliação qualitativa
Entre 9 e 10 valores	Muito Bom (MB)
Entre 7 e 8,9 valores	Bom (B)
Entre 5 e 6,9 valores	Suficiente (S)
Entre 3 e 4,9 valores	Insuficiente (I)
Entre 0 e 2,9 valores	Fraco (F)

O quadro 22 mostra o valor qualitativo e quantitativo, que o aluno irá obter, consoante a cotação atribuída. Desta forma se a cotação for menor que 2,9 valores, o aluno, na execução da atividade, terá avaliação de Fraco. Se a cotação estiver compreendida entre os 3 e os 4,9 valores, a cotação da execução da atividade será de Insuficiente. Todavia, se a sua cotação for superior a 5 e inferior a 6,9 valores será avaliado qualitativamente como Suficiente no seu desempenho. A classificação de Bom está compreendida entre os 7 e os 8,9 valores. E, como nota máxima, se o aluno se situar entre os 9 e 10 valores, o seu valor qualitativo é de Muito Bom.

Esta escala de avaliação foi utilizada nos seis dispositivos de avaliação que apresento neste capítulo.

No quadro 23 apresento os parâmetros, critérios e cotações que serviram de base a esta atividade. Por forma a ser mais fácil a sua organização entendemos que a cotação fosse de 10 valores.

Quadro 23 - Critérios de avaliação para a atividade de Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios	Cotação	
Reconhecimento dos animais	Identificou as vacas	1	5 valores
	Identificou as ovelhas	1	
	Identificou os porcos	1	
	Identificou as galinhas	1	
	Identificou os pintos	1	
	Não identificou nenhum animal	0	
Contagem	Contou e escreveu corretamente	3	5 valores
	Contou alguns e escreveu corretamente	2	
	Não contou e não escreveu corretamente	0	
Total:		10 valores	

Grelha de Avaliação

De seguida, apresento o quadro 24 alusivo à grelha de avaliação de atividade da presente área curricular.

Quadro 24 - Grelha de avaliação da atividade do Domínio da Matemática

Número de Alunos	Identificou					Contar e escrever			Total	Classificação
	Vacas	Ovelhas	Porcos	Galinhas	Pintos	Contou e escreveu	Contou e escreveu alguns	Não contou nem escreveu		
1	0	0	0	0	0			0	0	F
2	1	1	1	1	1	5			10	MB
3	1	1	1	1	1		2		7	B
4	1	1	1	1	1	5			10	MB
5	1	0	1	0	0		2		4	I
6	1	1	1	1	1	5			10	MB
7	0	1	0	1	0		2		4	I
8	1	1	0	1	1		2		6	S
9	1	1	0	1	1		2		6	S
10	0	0	0	0	0			0	0	F
11	1	1	1	1	1	5			10	MB
12	1	1	1	1	1	5			10	MB
13	1	1	1	1	1	5			10	MB
14	1	0	1	1	1		2		6	S
15	0	0	0	1	1		2		4	I
16	1	1	1	1	0		2		6	S
17	0	0	0	0	0			0	0	F
18	1	1	0	0				0	4	I
19	1	1	0	0	0			0	4	I
20	1	1	1	1	1	5			10	MB
21	1	1	1	1	1	5			10	MB
22	1	1	1	1	1	5			10	MB
23	1	1	1	1	1	5			10	MB
24	1	1	1	1	0		2		6	S

Análise da grelha de avaliação

Esta grelha representada no quadro 24, foi elaborada para vinte e quatro crianças. No primeiro parâmetro verifiquei:

- Três crianças (1,10 e 17) não conseguiram identificar os animais nem contá-los e escrevê-los;
- Dez crianças (2, 4, 6, 11, 12, 13, 20, 21, 22 e 23) identificaram todos os animais;
- Dois alunos (7 e 15) não identificaram as vacas; três crianças (5,14 e 15) não identificaram as ovelhas; seis crianças não identificaram os porcos (7, 8, 9 15, 18 e 19); três crianças não identificaram as galinhas (5, 18 e 19); cinco crianças não identificaram os pintos (5, 7, 16, 19 e 24).

No segundo parâmetro verifiquei:

- Dez crianças contaram e escreveram corretamente (2, 4, 6, 11, 12, 13, 20, 21, 22 e 23);
- Três crianças (1, 10 e 17) não contaram nem escreveram;
- As restantes crianças contaram e escreveram corretamente.

Relativamente às crianças que identificaram, contaram e escreveram, não tiveram nenhuma dúvida a realizar a tarefa.

De seguida, apresento o gráfico (Figura 29) com as cotações globais.

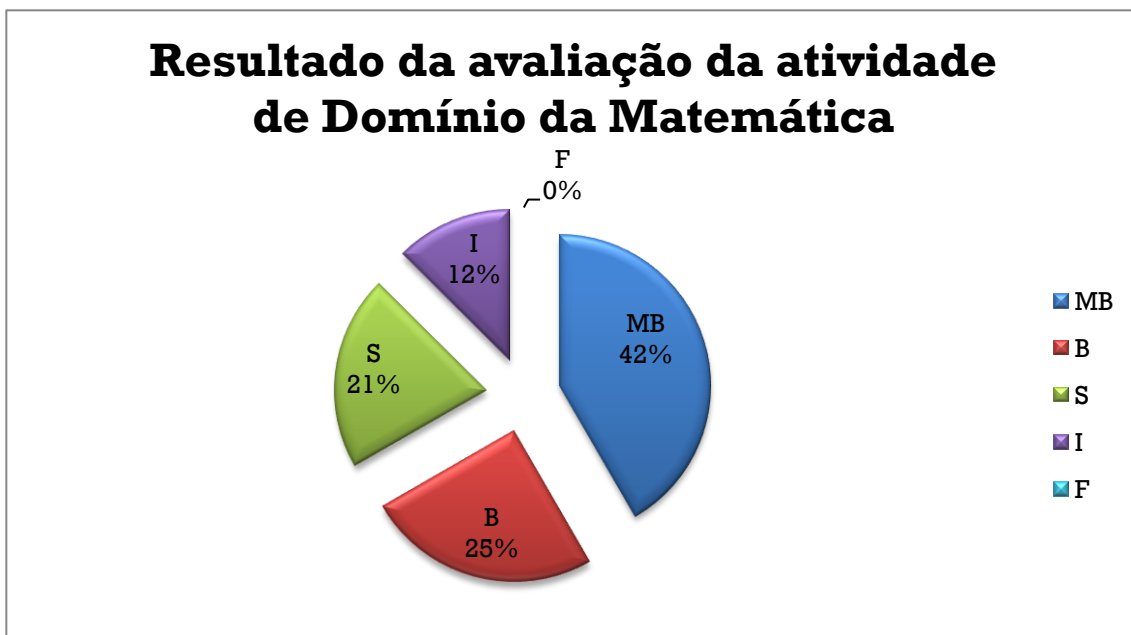


Figura 29 - Gráfico de resultados da avaliação da atividade de domínio da matemática

Análise do Gráfico

Houve dez crianças (42%) que acertaram todos os exercícios, o que representa a cotação máxima, correspondente a Muito Bom. Seis crianças (25%) estiveram perto da cotação máxima, pois obtiveram oito valores, que corresponde a Bom; houve cinco crianças (21%) que tiveram Suficiente e três crianças (12%) que tiveram Insuficiente.

Nesta atividade não houve registo de classificação de fraco.

É necessário treinar mais exercícios semelhantes para que as crianças que obtiveram cotações mais baixas, ultrapassem as suas dificuldades.

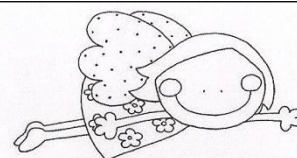
Gostaria de lembrar que esta proposta foi realizada no início do ano letivo, e que com certeza a educadora terá desenvolvido com estes alunos em particular, e com a turma em geral estas competências.

2.^a Secção – Dispositivo de avaliação na área de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Os registos obtidos para a avaliação nesta área foram realizados na sala do Bibe Azul, no dia 9 de novembro de 2010. Esta proposta de trabalho foi realizada na sequência da lição da Cartilha Maternal seguindo com a proposta de trabalho, que constituiu o elemento de avaliação para esta área. A proposta foi realizada por 17 crianças, 7 crianças da turma estavam a faltar, durante 30 minutos.

Na lição de Cartilha Maternal realizei a leitura com cada criança.

Cada criança tinha uma folha A4 na horizontal com imagens de palavras que estavam na lição anteriormente dada e um envelope com letras móveis. As crianças tinham de formar as palavras com as letras móveis e colá-las nos respetivos espaços (Figura 30).



Nome: _____

1. Lê as palavras.
2. Procura nas letras móveis, as letras correspondentes às palavras.
3. Forma a palavra e cola as letras na linha.

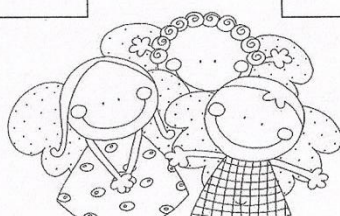
viveu _____

ou _____

fui _____

uva _____

fava _____



Albarraque, 9 de Novembro de 2010
Estagiária Diana Grilo nº8 MPE1C

Figura 30 - Proposta de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Critérios de Avaliação

No quadro 25, apresento os parâmetros da leitura e da escrita com os respetivos critérios e cotações.

Quadro 25 - Critérios de avaliação para a atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios	Cotação	
Leitura	Fluente	3	3 valores
	Solettra	1,5	
	Não Lê	0	
Compreensão Escrita (Formar Palavras)	Formou todas as palavras	7	7 valores
	Formou 4 palavras	4	
	Formou 3 palavras	3	
	Formou 2 palavras	2	
	Formou 1 palavra	1	
	Não Formou	0	
Total		10 valores	

Grelha de Avaliação

No quadro 26, encontra-se a grelha de avaliação que realizei para a avaliação desta atividade.

Quadro 26 - Grelha da avaliação da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Número de Alunos	Leitura			Escrita					Cotação	Classificação	
	Fluente	Soletra	Não Lê	Formou todas as palavras	4	3	2	1			0
1	x			x						10	MB
2	x			x						10	MB
3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	x			x						10	MB
5		x		x						8,5	B
6		x			x					5,5	S
7	x			x						10	MB
8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9		x		x						8,5	B
10		x			x					5,5	S
11	x			x						10	MB
12	x			x						10	MB
13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
14		x			x					5,5	S
15		x				x				4,5	I
16	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
17			x					x		1	F
18	x			x						10	MB
19	x			x						10	MB
20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
21		x			x					5,5	S
22	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
23	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
24	x			x						10	MB

Análise da grelha de avaliação

A grelha representada no quadro 26, foi elaborada para vinte e quatro crianças. No entanto sete delas não estavam presentes no dia em que realizei a atividade (3, 8, 13, 16, 20, 22 e 23). Da análise realizada da grelha de avaliação constatei que:

- Das dezassete que a realizaram, houve nove crianças (1, 2, 4, 7, 11, 12, 18 e 19) que tanto na leitura como na escrita conseguiram realizar tudo correto;
- Duas das crianças (5 e 9) na leitura soletravam, no entanto na escrita obtiveram as palavras todas corretas. Quatro crianças (6, 10, 14 e 21) na leitura soletram e escreveram corretamente quatro palavras. Uma das crianças (15) soletra na leitura e escreveu três palavras corretamente.

Um caso excepcional, apenas uma criança (17) ainda não lê e só conseguiu formar uma palavra.

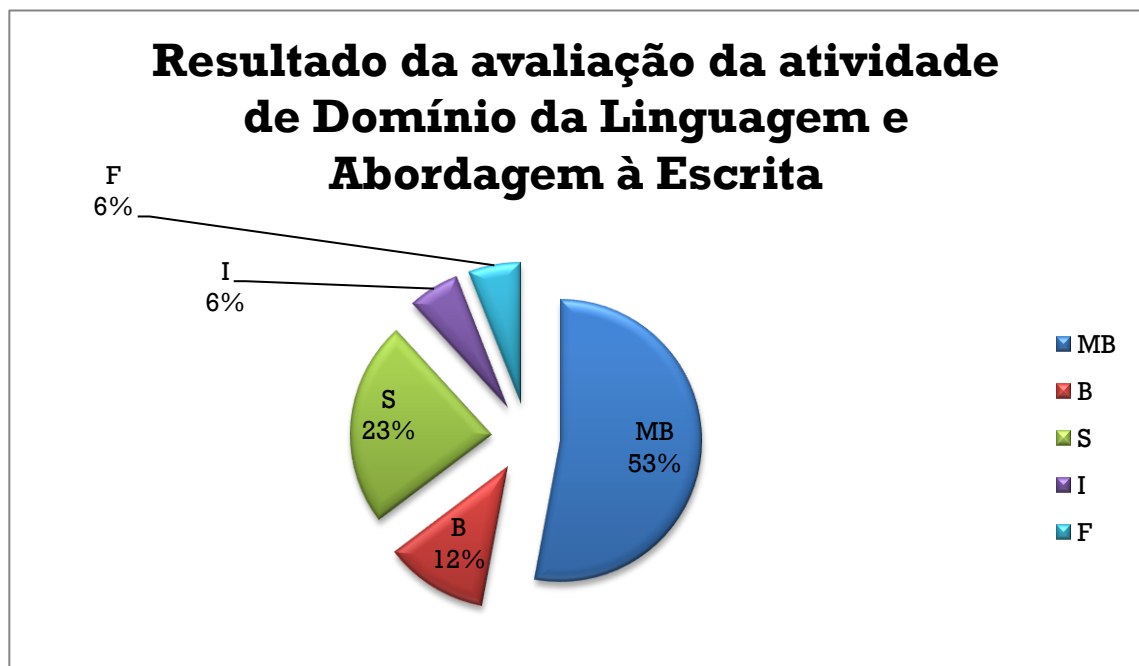


Figura 31- Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Domínio da Linguagem e Abordagem à escrita

Análise do Gráfico

Observando o gráfico (Figura 31) posso concluir que 53% da turma apresenta uma classificação de Muito Bom, 12% obteve classificação de Bom, 23% de Suficiente, 6% de insuficiente e 6% de Fraco. Estes resultados levam-nos a concluir que a proposta de trabalho estava de acordo com nível de aprendizagem das crianças. No entanto houve duas crianças da turma que não obtiveram bons resultados, mas tal como mencionam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, nem todas as crianças se encontram em igual modo de desenvolvimento, como se pode então observar na avaliação do gráfico circular da proposta de trabalho de domínio da linguagem e abordagem à escrita.

3.^a Secção – Dispositivo de avaliação na área de Domínio do Conhecimento do Mundo

A grelha de avaliação apresentada no quadro 27, refere-se a uma atividade de Conhecimento do Mundo que realizei no Bibe Encarnado com vinte e seis crianças, no dia 15 de fevereiro de 2011, com duração de 30 minutos.

Com esta atividade era desejado primeiramente que as crianças compreendessem o que lhes era pedido e em seguida realizassem a proposta. Ou seja, distribui por cada criança um envelope com um puzzle previamente recortado que correspondia a um desenho de uma planta e respetivas legendas / etiquetas. As crianças tinham que o montar corretamente associando as etiquetas aos constituintes, e posteriormente pintá-los de cores diferentes (Figura 32).

A proposta foi explicada em voz alta e eu fui circulando pela sala de aula.

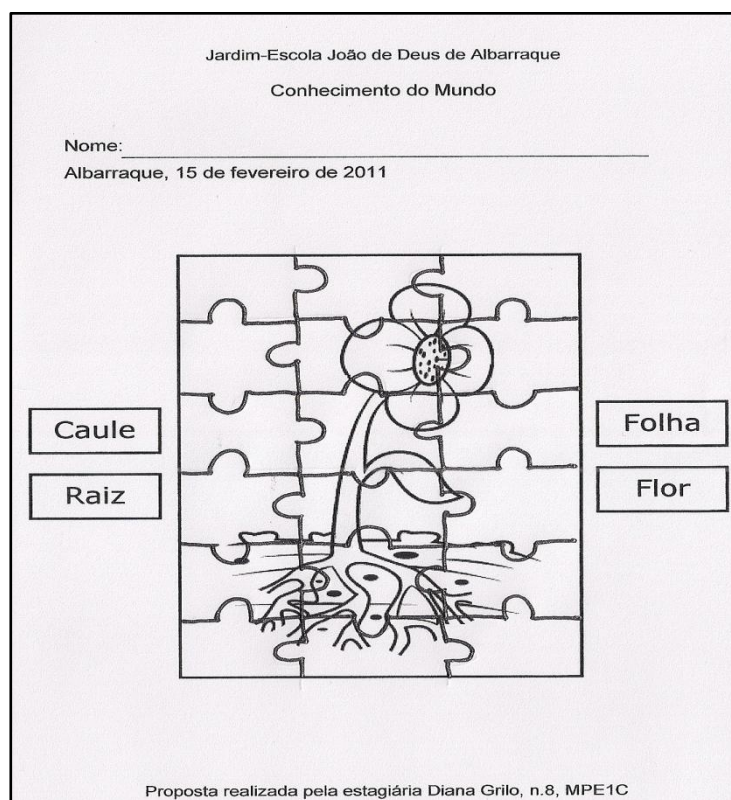


Figura 32 - Proposta de trabalho na área de Domínio do Conhecimento do Mundo

Critérios de Avaliação

No quadro 27, apresento os parâmetros de avaliação da proposta de Conhecimento do Mundo com os respetivos critérios e cotações.

Quadro 27- Critérios de avaliação para a atividade de Domínio do Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Critérios	Cotação	
Compreensão do Tema	Construiu o puzzle	3,5	3,5 valores
	Não construiu	0	
Pintou os constituintes da planta	Pintou os 4 constituintes da planta	6,5	6,5 valores
	Pintou 3 constituintes da planta	4	
	Pintou 2 constituintes da planta	3	
	Pintou 1 constituinte da planta	1	
	Não pintou constituintes da planta	0	
Total		10 valores	

Grelha de Avaliação

No quadro 28, encontra-se a grelha de avaliação que realizei para a avaliação desta atividade.

Quadro 28 - Grelha da avaliação da atividade de Domínio do Conhecimento do Mundo

Número de Alunos	Compreensão do tema		Pintou os constituintes da planta					Total	Classificação
	Construiu	Não construiu	Pintou todas	Pintou 3	Pintou 2	Pintou 1	Não pintou nenhuma		
1	X		X					10	MB
2	X		X					10	MB
3	X			X				7,5	B
4	X				X			6,5	S
5		X					X	0	F
6	X		X					10	MB
7	X					X		4,5	I
8	X				X			6,5	S
9	X			X				7,5	B
10	X			X				7,5	B
11	X		X					10	MB
12	X					X		4,5	I
13	X			X				7,5	B
14	X			X				7,5	B
15	X				X			6,5	S
16	X		X					10	MB
17	X		X					10	MB
18	X				X			6,5	S
19	X			X				7,5	B
20	X		X					10	MB
21	X				X			6,5	S
22	X		X					10	MB
23	X			X				7,5	B
24	X					X		4,5	I
25	X		X					10	MB
26	X		X					10	MB

Análise da grelha de avaliação

Esta grelha foi elaborada para vinte e seis crianças (Quadro 28).

Verifiquei que apenas uma criança (5) não conseguiu compreender nem realizar o que era pedido.

Três crianças (7, 12 e 24) construíram o puzzle e associaram as etiquetas mas apenas pintaram corretamente 1 resposta.

As crianças (4, 8, 15, 18 e 21), ou seja cinco crianças compreenderam o que era pedido e pintaram corretamente duas respostas. Sete crianças (3, 9, 10, 13, 14, 19 e 23) compreenderam o que era pedido e pintaram três respostas corretas.

Das vinte e seis que a realizaram a proposta, houve dez crianças (1, 2, 6, 11, 16, 17, 20, 22, 25 e 26) que tanto na compreensão do tema como na pintura correta das respostas conseguiram alcançar sem dificuldades os objetivos.

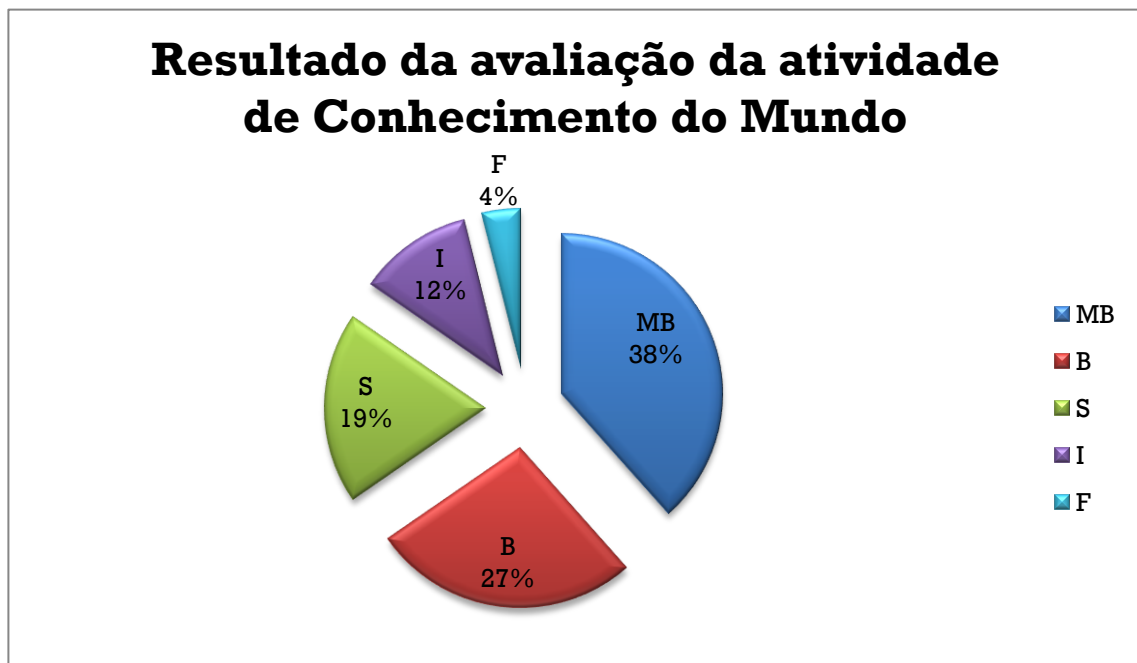


Figura 33 - Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Domínio do Conhecimento do Mundo

Análise do gráfico

Tendo em conta a gráfico acima representado (Figura 33), podemos certificar que apenas uma criança 4% obteve a classificação de Fraco, três crianças 12% atingiram a classificação de Insuficiente, cinco crianças 19% atingiram a classificação de Suficiente, sete crianças 27% obtiveram a classificação de Bom.

Para finalizar, considero que esta atividade foi do interesse das crianças e os dez alunos (que corresponde à percentagem de 38%), atingiram a classificação de Muito Bom, tendo realizado a mesma num curto espaço de tempo.

Concluo que a atividade estava adequada às crianças em questão. Deverei no entanto, promover a elaboração de puzzles junto do aluno (5) por forma a trabalhar a concentração. As três crianças que revelaram ter mais dificuldade na pintura dos constituintes são por norma crianças que não gostam de estar quietas a realizar trabalhos que exijam minúcia.

2.º Momento referente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico

4.ª Secção – Dispositivo de avaliação na área da Matemática

Esta grelha (Quadro 29) foi construída para avaliar a aula de matemática no Bibe Castanho 1.º ano, que se realizou no dia 24 de janeiro de 2012, para vinte e nove alunos, dos quais três faltaram nesse dia.

A atividade foi realizada em contexto de sala de aula e teve a duração de 50 minutos.

Nesta manhã de aulas, abordei o pictograma, distribuí pelos alunos uma proposta de trabalho, que era composta por três folhas, a primeira folhas era onde estavam as indicações para a construção do pictograma, a segunda onde estava o pictograma para eles completarem através das indicações e a última folha que com as perguntas sobre o mesmo.




Distribuí também, por todos os alunos, um envelope que continha flores autocolantes para com elas os alunos construíssem o pictograma através das indicações, e colavam na folha do pictograma, de modo a formá-lo (Figuras 34, 35 e 36).

Jardim-Escola João de Deus - Estrela
Matemática

Nome: _____


Lisboa, 24 de janeiro de 2012

Nesta casa, há um enorme jardim.



A proprietária da casa, a dona Alice, todos dias trata do seu jardim com muito carinho.

A dona Alice gostava de saber quantas flores tem de cada cor no seu jardim, ajuda a dona Alice a representá-las no pictograma.

Cada  representa 10 flores.


No jardim da dona Alice há:

- Duas dezenas de flores amarelas;
- O dobro de flores azuis do que tem amarelas;
- Metade de uma centena de flores cor-de-rosa;
- Cinco dúzias de flores encarnadas;
- O triplo de uma dezena de flores cor-de-laranja.

Proposta elaborada pela estagiária Diana Grilo, n.º8 MPE1C PL

Figura 34 - Proposta de trabalho na área da Matemática 1

1. Constrói o Pictograma com os símbolos que contém no envelope.

 = 10 flores

Flores amarelas
Flores azuis
Flores cor-de-rosa
Flores encarnadas
Flores Cor-de-laranja

Proposta elaborada pela estagiária Diana Grilo, n.º8 MPE1C PL

Figura 35 - Proposta de trabalho na área da Matemática 2

1.1 Qual a cor das flores mais predominante no jardim?

1.2 Qual a cor das flores menos predominante no jardim?

1.3 Qual a segunda cor de flores mais predominante no jardim?

1.3.1 Quantas flores há a menos que a mais predominante?

1.4 Quantas flores têm a dona Alice ao todo no seu quintal?

1.4.1 Explica como contaste as flores.

2. Quantas cores diferentes de flores existem no jardim da dona Alice?

3. Surgiu uma fuga de água no sistema de rega da dona Alice, houve 3 quarteirões de flores que morreram, com quantas flores ficou a dona Alice no seu jardim?

Proposta elaborada pela estagiária Diana Grilo, n.º8 MPE1C PL

Figura 36 - Proposta de trabalho na área da Matemática 3

Critérios de Avaliação

No quadro 29, podemos verificar de uma forma rápida e clara os parâmetros, critérios e cotações que foram propostos para a avaliação de vinte e seis alunos presentes, pois neste dia faltaram três alunos.

Quadro 29 - Critérios de avaliação para a atividade de Matemática

Parâmetros	Critérios	Cotação	
Compreensão da situação problemática da aula sobre as flores	Completo o pictograma corretamente na totalidade	5	5 valores
	Completo apenas 4 barras do pictograma	4	
	Completo apenas 3 barras do pictograma	3	
	Completo apenas 2 barras do pictograma	2	
	Completo apenas 1 barra do pictograma	1	
	Não completo o pictograma	0	
Interpretação	Respondeu corretamente a todas as perguntas sem erros ortográficos	5	5 valores
	Respondeu corretamente a todas as perguntas com erros ortográficos	3,5	
	Respondeu incompleto a todas as perguntas sem erros ortográficos	1	
	Respondeu incompleto a todas as perguntas com erros ortográficos	0,5	
	Não respondeu corretamente a nenhuma pergunta	0	
Total		10 valores	

Grelha de Avaliação

No quadro 30, encontra-se a grelha de avaliação que realizei para a avaliação desta atividade.

Quadro 30 - Grelha da avaliação da atividade de Matemática

Número de Alunos	Compreensão da situação problemática da aula sobre as flores						Interpretação					Total	Classificação
	Completou todas as barras	Completou 4 barras	Completou 3 barras	Completou 2 barras	Completou 1 barra	Não completou	Respondeu a todas sem erros	Respondeu a todas com erros	Respondeu incompleto sem erros	Respondeu incompleto com erros	Não respondeu a nenhuma		
1		X						X				7,5	B
2	X							X				8,5	B
3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	X						X					10	MB
5		X					X					9	MB
6	X							X				8,5	B
7	X							X				8,5	B
8		X						X				7,5	B
9	X							X				8,5	B
10		X						X				7,5	B
11		X					X					9	MB
12			X				X					8	B
13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
14	X						X					10	MB
15	X							X				8,5	B
16	X							X				8,5	B
17	X							X				8,5	B
18		X						X				7,5	B
19			X					X				6,5	S
20		X						X				7,5	B
21	X							X				8,5	B
22	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
23	X							X				8,5	B
24	X							X				8,5	B
25	X						X					10	MB
26		X						X				7,5	B
27		X						X				7,5	B
28		X						X				7,5	B
29		X						X				7,5	B

Análise da grelha de avaliação

Esta grelha, representada no quadro 30, foi elaborada para vinte e nove crianças, mas três crianças (3, 13 e 22) estavam a faltar.

Nesta turma, três crianças (4, 14 e 25) completaram todas as barras e responderam corretamente a todas as perguntas e sem erros ortográficos.

Onze crianças (2, 6, 7, 9, 15, 16, 17, 21, 23, 24 e 26) completaram as barras e responderam corretamente às perguntas, mas com erros ortográficos.

Duas crianças (5 e 11) completaram quatro barras do pictograma e responderam a todas as perguntas completas e sem erros ortográficos.

Nove alunos (1, 4, 10, 18, 20, 26, 27, 28 e 29) obtiveram idêntico desempenho ao anterior mas com erros ortográficos.

Um aluno (12) completou três barras e respondeu às perguntas completas sem erros ortográficos.

Apenas um aluno (19) completou três barras do pictograma corretas e respondeu às perguntas completas mas com erros ortográficos.

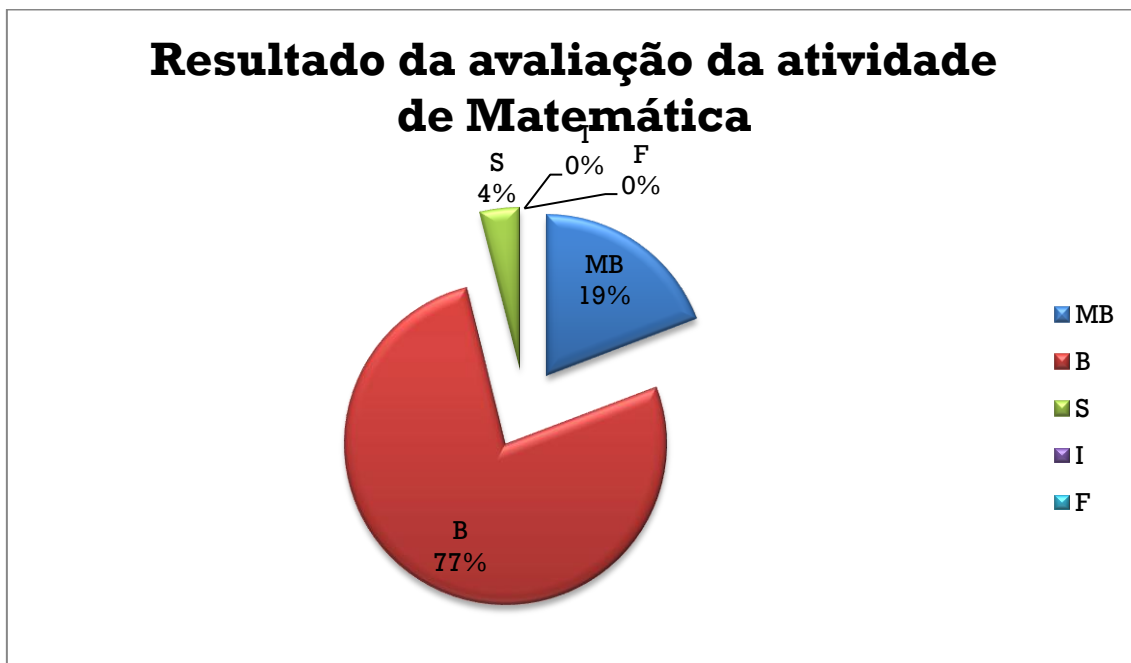


Figura 37 - Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Matemática

Análise do gráfico

Da leitura do gráfico (Figura 37) concluímos que um aluno, 4% obteve a classificação de Suficiente, 77 % que corresponde a vinte alunos obtiveram a classificação de Bom e por último 19%, cinco alunos obtiveram a classificação de Muito Bom como resultado do seu desempenho.

Nesta atividade não houve registos de classificação Insuficiente ou Fraco, como nos mostra a figura acima representada.

Os resultados desta proposta foram muito bons, e fiquei surpreendida pela avaliação, pois foi muito positiva, fico contente por ter chegado ao objetivo e os alunos terem realizado a proposta sem dificuldade, na maioria.

Em relação ao aluno com maior dificuldade é necessária uma maior atenção e um apoio mais direcionado para que, de futuro, este aluno possa progredir e atingir um nível mais satisfatório de desempenho.

Não posso deixar de referir que no final da aula, apresentei no quadro um pictograma em tamanho grande para os alunos verificarem o resultado final depois de ter recolhido as fichas.

No geral a turma gostou muito de realizar esta atividade, pois sentiram-na como um desafio. Para além disso esta turma gosta muito das aulas que sejam acompanhadas com material estruturado o que foi o caso.

5.ª Secção – Dispositivo de avaliação na área de Língua Portuguesa

Durante o período de estágio que realizei com o 1.º ano, procedi à realização de uma proposta de trabalho na área de Língua Portuguesa.

Esta atividade foi realizada no dia 2 de maio de 2011, com todos os alunos presentes (29) e teve duração de 20 minutos.

Inicialmente, apresentei o tema que iríamos falar num pequeno *powerpoint*, sobre adjetivos e como classificá-los. Questionei-os aproveitando para recordar o que a professora da sala já tinha abordado.

A atividade que propus decorreu do seguinte modo, entreguei a cada aluno uma proposta de trabalho. Em seguida, coloquei no quadro duas frases em cartolina, expliquei-lhes o que era pretendido. Terminado a tempo estipulado para a realização desta proposta chamei dois alunos ao quadro para identificarem os adjetivos na frase e circundarem-nos.

No exercício seguinte, tinham que selecionar através da pintura as palavras que pertenciam à classe dos adjetivos (Figura 38).

Jardim-Escola João de Deus Estrela
Língua Portuguesa

Nome: _____

Lisboa, 02 de maio de 2011

Ficha Formativa
Adjetivos

Exercícios

1. Circunda os adjetivos que se encontram nas seguintes frases:

a) O Pedro é alto e moreno. É um rapaz inteligente e feliz.

b) A irmã dele é pequena e loira. Vivem naquela casa branca.

2. Selecciona através da pintura as palavras que pertencem à classe dos adjetivos.

menino brilhante

cadeira vaidoso gato

mau mesa pequena

lápiz lindo

Proposta elaborada pela estagiária Diana Grilo, n.º8 MPE1C

Figura 38 - Proposta de trabalho na área da Língua Portuguesa

Critérios de Avaliação

No quadro 31, podemos verificar de uma forma rápida e clara os parâmetros, critérios e cotações que foram propostos para a avaliação de vinte e nove alunos presentes.

Quadro 31 - Critérios de avaliação para a atividade de Língua Portuguesa

Parâmetros	Critérios	Cotações		
Identificar os adjetivos	Frase A	Circundou todos os adjetivos	2,5	4 valores
		Circundou 3 adjetivos	1,5	
		Circundou 2 adjetivos	1	
		Circundou 1 adjetivo	0,5	
	Frase B	Não circundou nenhum adjetivo	0	
		Circundou todos os adjetivos	1,5	
		Circundou 2 adjetivos	1	
		Circundou 1 adjetivo	0,5	
Diferenciou os adjetivos		Não circundou nenhum adjetivo	0	
		Selecionou todos os adjetivos	6	
		Selecionou 4 adjetivos	4,5	
		Selecionou 3 adjetivos	3,5	
		Selecionou 2 Adjetivos	2,5	
		Selecionou 1 adjetivo	1,5	
Total		10 valores		

Grelha de Avaliação

No quadro 32, encontra-se a grelha de avaliação que realizei para a avaliação desta atividade.

Quadro 32 - Grelha da avaliação da atividade de Língua Portuguesa

Número de Alunos	Diferenciou os adjetivos									Classificou os adjetivos						Total	Classificação
	Frase A					Frase B				Selecionou todos	Selecionou 4	Selecionou 3	Selecionou 2	Selecionou 1	Não Selecionou nenhum		
	Circundou todos	Circundou 3	Circundou 2	Circundou 1	Não circundou nenhum	Circundou todos	Circundou 2	Circundou 1	Não circundou nenhum								
1	X					X				X						10	MB
2	X					X				X						10	MB
3	X					X				X						10	MB
4	X					X				X						10	MB
5		X					X				X					7	B
6	X					X				X						10	MB
7	X					X				X						10	MB
8		X				X					X					7,5	B
9		X					X					X				6	S
10	X						X			X						9,5	MB
11	X						X			X						9,5	MB
12		X					X					X				6	S
13	X						X			X						9,5	MB
14	X					X				X						10	MB
15	X					X				X						10	MB
16		X				X					X					7,5	B
17	X					X				X						10	MB
18	X					X				X						10	MB
19	X					X				X						10	MB
20	X					X				X						10	MB
21	X					X				X						10	MB
22	X					X				X						10	MB
23	X					X				X						10	MB
24	X					X				X						10	MB
25	X					X				X						10	MB
26	X					X				X						10	MB
27		X					X				X					7	B
28		X					X					X				6	S
29		X					X					X				6	S

Análise da grelha de Avaliação

Esta grelha foi elaborada para vinte e nove crianças (Quadro 32).

Na turma, dezoito alunos (1, 2, 3, 4, 6, 7, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26) circundaram todos os adjetivos tanto na frase A como na frase B e distinguiram todos os adjetivos.

Dos vinte e nove alunos que a realizaram a proposta, houve dois alunos (5 e 27) que circundaram três adjetivos na frase A, dois adjetivos na frase B e distinguiram quatro adjetivos.

Dois alunos (8 e 16) circundaram três adjetivos na frase A, circundaram todos os adjetivos na frase B e distinguiram quatro adjetivos.

Quatro alunos (9, 12, 28 e 29) circundaram três adjetivos na frase A, circundaram dois adjetivos na frase B e distinguiram três adjetivos no quadro.

Por último, três alunos (10, 11 e 13) circundaram todos os adjetivos na frase A, na frase B circundaram dois adjetivos e distinguiram todos os adjetivos do quadro.

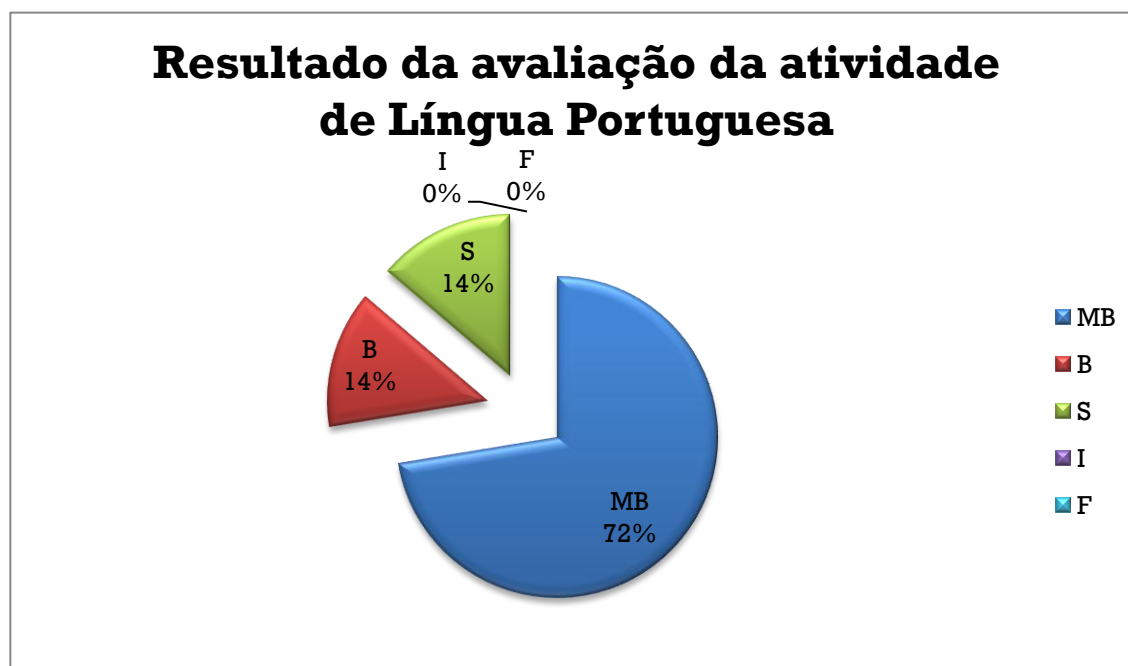


Figura 39 - Gráfico dos resultados da avaliação da atividade de Língua Portuguesa

Análise do gráfico

Na figura 39, correspondente à análise dos resultados do dispositivo de avaliação da área de Língua Portuguesa, podemos verificar que 72 % (21 alunos) atingiram a classificação de Muito Bom, 14 % (4 alunos) atingiram a classificação de Bom e por último, 14% (4 alunos) atingiram a classificação de Suficiente.

Não se registaram nesta atividade, classificações de Insuficiente e Fraco.

Posso concluir que uma maioria significativa dos alunos 72% (21 alunos) obtiveram a classificação positiva e mostraram ter conhecimentos suficientes para realizar este tipo de exercícios.

Antes da hora do almoço, e aproveitando o tema dos adjetivos, e o interesse das crianças ainda fizemos a adjetivação de um objeto presente na sala de aula, à escolha deles. Desta forma, continuamos a trabalhar a classe dos adjetivos de uma forma lúdica.

Em virtude de conhecer esta turma, em termos de conhecimentos e desempenho, posso referir que esta análise não me surpreende e que o grau de dificuldade poderia ter sido maior.

Em jeito de conclusão, para além do que ficou nos registos escritos destas avaliações, posso afirmar que estes alunos em geral possuem muitos conhecimentos e são instruídos para terem ainda mais conhecimentos.

Assim sendo, os dispositivos de avaliação que apresentei neste capítulo assentaram em estratégias criativas onde o material utilizado permitisse uma efetiva descoberta por parte dos alunos. Considero que foi uma experiência muito trabalhosa mas muito gratificante e compensadora.

Passar de avaliada a avaliadora, depois de um longo percurso de vida académica, não foi uma tarefa fácil mas foi bastante enriquecedora e sinto que ainda tenho um longo caminho a percorrer por forma a tornar-me uma profissional consciente e responsável.

Este capítulo, para mim, não foi fácil de realizar, mas espero ter feito o meu melhor. Espero também no futuro conseguir avaliar com justiça, com rigor por forma a ajudar os que revelam ter mais dificuldades a conseguir superá-las.

Ao ter um conhecimento completo dos alunos, poderei planificar melhor as atividades que quero desenvolver e conseguir que os alunos tenham sucesso escolar.

REFLEXÃO FINAL

Este capítulo resume em jeito de balanço final, a experiência adquirida do estágio que realizei no período de outubro de 2010 a fevereiro 2012.

Neste, pretendo exprimir não só a minha reflexão final, como também alguns obstáculos sentidos nesta fase do meu percurso formativo e compromissos que assumirei após o término desta etapa no meu percurso profissional e formativo.

Considerações finais

Em hora de balanço, procura-se contemplar o percurso desenvolvido ao longo dos períodos de estágio, quer ao nível do ensino Pré-Escolar quer ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico e tenta-se perceber o que resultou, ou seja, o que se aprendeu.

Paulo Freire (1997), também acredita que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática.” (p.43) Isto porque “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (p.43)

Assim sendo, nada melhor que ser «juiz em causa própria». Desta forma, estas experiências vivenciadas no estágio, permitiram conseguir encontrar um equilíbrio entre os conhecimentos teóricos e o que é possível realizar na prática. Nesse sentido, o estágio apareceu como um momento não só de prática, mas principalmente como uma articulação e mobilização de diversos saberes teóricos construídos ao longo do curso. Olho para trás e tenho o sentimento de “missão cumprida”.

Foi um longo mas enriquecedor caminho, aquele que me trouxe hoje a esta reflexão final. Na bagagem levo para toda a minha vida enquanto profissional de educação um conjunto infinito de aprendizagens. Algumas aprendidas, outras vividas, mas todas têm em comum o resultado de me terem tornado numa pessoa diferente do início deste percurso.

Hoje tenho consciência que tenho uma perspetiva diferente da realidade, quer a nível pessoal ou profissional, falo em termos do que são os afetos, as vivências, os obstáculos e como os contornar, os sentidos, a importância da aprendizagem contínua, que vou tentar nunca esquecer.

Cresci a nível pessoal, sentindo-me hoje mais segura e confiante com o trabalho a desenvolver, uma vez que tive oportunidade de ter grupos heterogéneos e curiosos o que motivou ainda mais na aplicação de técnicas e estratégias no sentido de consubstanciar as suas aprendizagens, permitiu fortalecer o conceito de responsabilidade e postura flexível.

Paralelamente, e sobretudo, também contribuiu para o meu crescimento a nível profissional, em aspetos como as competências que foram adquiridas ao longo do estágio, a forma como se educa de modo a que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se, a ser aceite e respeitada pelos outros.

Para tal, em tudo contribuíram as profissionais com quem tive o prazer de me cruzar neste longo caminho percorrido. Desde as professoras da equipa de Supervisão Pedagógica às Educadoras dos diversos bibes e professoras do 1.º Ciclo, a quem reitero o agradecimento de toda a cooperação, sempre com o intuito de aprimorar as minhas aprendizagens, métodos de ensino, a postura perante o grupo de crianças/alunos, estratégias de superação nas limitações encontradas no sentido de aprender mais e melhor e de me transformar na melhor profissional de educação.

Não poderei afirmar que não houve momentos de alguma frustração. Saber lidar com a crítica, aceitando e integrando-a como construtiva e parte fundamental nesta fase em que nem sempre tomamos as escolhas mais acertadas. Faz parte, a experiência ditar-nos-á que por vezes temos de parar e refletir nas opções antes de tomar as decisões, fazer escolhas ou por simplesmente em prática uma ou outra ideia.

No decorrer dos dois estágios foi-me possibilitado refletir sobre as práticas pedagógicas executadas e questionar-me sobre quais as modalidades de trabalho que melhor se ajustariam aos grupos de crianças que encontrei. No entanto, mesmo sabendo quais as melhores formas de se trabalhar com as crianças e como implementar diferentes metodologias, nem sempre me foi possível executá-las como desejaria.

Apesar de existir apreensão e ansiedade no início deste processo devido há pouca experiência e à responsabilidade de realizar um bom trabalho, a integração com os educadores/professores e principalmente com as crianças/os alunos possibilitou o bom desenvolvimento deste estágio.

Inicialmente, nos dois estágios predominava o sentimento de medo, o medo de não conseguir, o medo de falhar, o medo de não saber fazer. Contudo esses medos foram superados com a ajuda de várias pessoas que me acompanharam nesta caminhada.

E por mais que os medos existam é a enfrentá-los que conseguimos desprender-nos deles. Penso que, em ambos os estágios, todos os objetivos que estipulei para mim própria foram atingidos e as dificuldades foram superadas.

Ao longo do Estágio Profissional tomei uma maior consciência de vários aspetos onde a comunicação foi primordial. Esta é um fator preponderante tanto na relação pedagógica entre professor/aluno, como entre alunos, como entre colegas e professores cooperantes e da Equipa de Supervisão, pois sem ela não se consegue promover o ato educativo.

Ainda Barbosa (2000) afirma que o acto educativo:

“É caracterizado por ser consequência de uma nítida intenção de formar alguém, ou seja, de influenciar o seu futuro. O acto educativo encontra a sua essência no processo de ensino/aprendizagem. Este é montado habitualmente pelo educador, pressupondo no entanto adesão, aceitação, ainda que temporária, por parte do influenciado. O acto educativo só faz sentido se existir a intenção de o perpetuar no tempo, facto que só acontece se aquele que o monta provocar o outro interesse pela pesquisa e surgimento de atitude crítica.” (p.46)

Como adulto e docente este deve ter a preocupação de ser crítico e reflexivo na sua prática educativa e de planear as suas atividades tendo em conta a seleção dos materiais que também devem ser apropriados às crianças em questão. Assim como promover um bom ambiente que as estimule a realizar escolhas e a tomar decisões.

A escola é identificada como o local onde se desenrola o processo de construção de uma sociedade mais justa; como um espaço em que a prática pedagógica é entendida como uma prática de vida, de todos e com todos, na perspectiva de formar cidadãos que integrem e contribuam para a sua comunidade. Hoje em dia pretende-se, pois, uma escola democrática, competente e comprometida com a aprendizagem significativa do aluno, procurando transformar informações em saberes necessários à vida dos alunos.

O estágio, como experiência, foi uma oportunidade de aprofundar os conhecimentos e a capacidade criativa na resolução dos impasses encontrados durante este período. Desta forma, durante todo este processo, e até mesmo no desenvolvimento deste relatório escrito foi possível construir um conhecimento novo, resultante da análise das informações obtidas pela observação, pela teoria e pela experiência vivenciada no estágio.

Dentro desta perspectiva, procurei dinamizar as propostas de aulas e atividades trazendo recursos que pudessem tornar o trabalho mais atrativo e estimulante para os alunos, criando meios para que todos interagissem de forma ativa.

Este período, permitiu-me constatar também que a prática docente é repleta de desafios na qual urge necessário um embasamento de conhecimentos associados à pesquisa constante e reflexão como forma de tentar superar as dificuldades encontradas. Nesse sentido, procurei refletir sobre a minha prática tentando descobrir novos caminhos para que o meu trabalho pudesse ser desenvolvido da melhor forma, e acima de tudo propiciando condições de aprendizagem significativa para a turma.

Acredito que as possíveis mudanças relacionadas à prática docente só acontecem mediante a ação reflexiva e reflexão da ação no sentido de um trabalho “resignificado” e reavaliado através dessa reflexão. Aprendi ao longo desta rica experiência de estágio que ter longos anos de experiência como docente não se resume em ser um bom professor. É preciso que o trabalho passe por um processo de reciclagem diária no qual o profissional se reinvente e se possa colocar também como um aprendiz constante das suas próprias ações, aprendendo a aprender.

A valorização da troca é indispensável neste contexto, assim como o respeito do outro e principalmente o olhar do professor que confia no desenvolvimento das potencialidades dos seus alunos estimulando a autonomia, a visão crítica e favorecendo as relações de ensino e aprendizagem no qual o aluno se possa perceber enquanto sujeito construtor e transformador da sua própria história.

No final desta reflexão, pode-se dizer que o educador em formação segue a caminhada com muitas dúvidas, mas também algumas certezas: a de que educar não é uma tarefa fácil, e que com o seu trabalho focado no compromisso com a educação será possível mudar alguns padrões escolares ultrapassados, que não conseguem mais obter bons resultados.

"Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais." (Alves, 1994, p. 4)

Certa de que ao educador/professor cabe a missão de estar em constante atualização de conhecimento, continuarei a investir no desenvolvimento das minhas competências, pois como refere o é imprescindível a atualização do saber, aprendizagem de novos métodos de ensino e estratégias que melhor se adequem a realidade educativa.

Conciliar a minha vida profissional com a vida de aluna/estudante trabalhadora foi por certo uma limitação em virtude de ter pouco tempo para me deslocar às

bibliotecas, para poder ler e pesquisar os vários autores que ajudaram ao suporte teórico deste trabalho.

Termino referindo que me sinto orgulhosa por tudo o que consegui alcançar!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: Editores Asa.
- Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância - actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa letras (trabalho original em espanhol publicado em 2006).
- Alarcão, I., & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão. Um contexto e desenvolvimento profissional dos professores*. PT: Edições Pedagogo.
- Alarcão, M. (1995). *Motivar para e leitura*. Lisboa: Texto Editora.
- Alegria, M. F., Loureiro, M., Marques, M. A., & A.Martinho. (2001). *A prática pedagógica na formação inicial dos professores*. Obtido em 5 de Fevereiro de 2011, de <http://www.meioclique.com/CRUP/Documentos%20PDF/praticapedagformainicialprof s.pdf>.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo - concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alonso, L., & Roldão, M. C. (2005). *Ser Professor do 1.º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra: Edições Almedina.
- Alves, R. (1994). *A alegria de ensinar*. São Paulo: Poetica Editora.
- Aranão, I. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. São Paulo: Papyrus.
- Arends, I. R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw - Hill de Portugal Lda.
- Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares - sugestões para a estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.
- Barbosa, L. M. (2000). *Da Relação Educativa à Relação Pedagógica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Bell, J. (2010). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Borras, L. (2002). *Manual da educação infantil*. Setúbal: Marina Editores.
- Brickman, N. A., Taylor, L. S., & Rocha, E. F. (1996). *Aprendizagem Activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Cardoso, C., & Valsassina, M. M. (1988). *Arte infantil linguagem plástica*. Lisboa: Editorial Presença, Lda.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castro, J. P. (2008). *Sentido de número e organização de dados - textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação - Direcção - Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Claude, R. (Dezembro de 2000). *A educação popular para os direitos humanos. Comunicação apresentada no Encontro Internacional sobre a Educação para os Direitos Humanos*. Obtido em 12 de Janeiro de 2011, de <http://www.iie.min-edu.pt/rec/dudh/encontro/index.htm>.
- Coelho, M. H. (2001). *Relação Aluno/Professor*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Cortesão, L. (1993). *Avaliação formativa - Que desafios?* Lisboa: Asa.
- Craidy, C., & Kaercher, G. (2001). *Educação infantil - para que te quero?* Porto Alegre: Artmed Editora.
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes - como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Pergaminho.
- Custódio, L. (2003). *Adivinhas no jardim de infância*. Porto: AMBAR.
- Deshaies, B. (1992). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Deus, J. (2004). *Cartilha Maternal*. Lisboa: Associação Jardins-Escolas João de Deus.
- Deus, M. L. (1997). *Guia Prático da Cartilha Maternal*. Lisboa: Associação Jardins-Escola João de Deus.
- Duarte, J. A. (2009). *O Jogo e a Criança*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Educação, M. d. (2006). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1º Ciclo*. Mem Martins: Departamento da Educação Básica.
- Educação, M. (2009). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Educação, M. (2002). *Reorganização curricular do ensino básico - avaliação das aprendizagens. Das concepções à prática*. Lisboa: Departamento da educação básica.

Elkonin, B. D. (1998). *Psicologia do Jogo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação*. Lisboa: Editorial Presença.

Fernandes, D. (2005). *Avaliação das Aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.

Ferreira, T. (2002). *Em defesa da criança: teoria e prática psicanalista da infância*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Figueiredo, M. A. (2004). *Projecto curricular no jardim de infância*. Lisboa: Bola de Neve.

Flores, M. A., & Simão, A. M. (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde: Edições Pedagogo.

Fonseca, A., Silva, A., Guimarães, A., Novo, C., Rocha, D., Cardona, M., et al. (2008). *Aprender e ensinar no jardim-de-infância e na escola*. Chamusca: Edições Cosmos.

Formosinho, J. O. (2002). *A supervisão na formação de professores I Da sala à escola*. Porto: Porto Editora.

Formosinho, J. O. (2002). *A supervisão na formação de professores II Da organização à pessoa*. Porto: Porto Editora.

Freire, P. (1997). *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e terra.

García, M., Roces, C., & González, P. (2002). *Nuevas tecnologías y educación*. In González-Pienda et al. (coords). *Manual de Psicología de la Educación*. Pirámide.

Gomes, J. A. (2000). *Da nascente à voz - Contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho.

Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M., Banet, B., & Weikart, D. P. (1984). *A criança em acção*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

I. Martins, M. V. (2007 c)). *Dissolução em líquidos. Guião didáctico para professores*. Lisboa: ME, Colecção Ensino Experimental das Ciências.

Korthagen, F. (2009). A prática, a teoria e a pessoa na aprendizagem profissional ao longo da vida. In M. A. Flores, & A. M. Simão (org.), *Aprendizagem e*

desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas. Mangualde: Edições Pedagogo.

Lei n.º 46/86. (14 de Outubro). *Lei de Bases do Sistema Educativo* .

Marques, R. (1986). *Ensinar a ler, aprender a ler*. Lisboa: Texto Editores.

Marques, T. P. (2011). *Clínica da infância - conselhos práticos de psicologia infantil*. Alfragide: Oficina do Livro.

Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., et al. (2009). *Despertar para a ciência*. Lisboa: Ministério da Educação.

Mata, L. (2006). *Literacia familiar - Ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora.

Matos, J. M., & Serrazina, M. L. (1996). *Didáctica da matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Mendes, F. M., & Delgado, C. C. (2008). *Geometria - textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação - Direcção - Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Moreira, D., & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim-de-infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Moreira, D., & Oliveira, I. (2004). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Morgado, J. (1997). *A Relação Pedagógica: Diferenciação e Inclusão*. Lisboa: Editoria Presença.

Nabais, J. A. (1961). *À Descoberta da matemática com os cubos-barras de cor*. Rio de Mouro: Educa.

Neto, C. (2003). *Jogo & Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana Edições.

Neves, S. (1996). *Influência do professor sobre os alunos*. Porto: Edições ASA.

Not, L. (1991). *Ensinar e fazer aprender* (1.ª ed.). Rio Tinto: Edições Asa.

Oliveira, J. B., & Oliveira, A. B. (1996). *Psicologia da Educação Escolar II professor - Ensino*. Coimbra: Livraria Almedina.

Pais, A., & Monteiro, M. (2002). *Avaliação uma Prática Diária*. Lisboa: Editorial Presença.

- Parente, C. (2002). Observação: um percurso de formação, prática e reflexão. In J. O. Formosinho (org.), *A supervisão na formação de professores I*. Porto: Porto Editora.
- Pérez, M. R. (2001). *Diseños curriculares de aula. un modelo de planificación como aprendizaje - enseñanza*. Buenos Aires: Ediciones Novedades Educativas.
- Peterson, R., & Felton-Collins, V. (1998). *Manual de Piaget para professores e pais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Pires, E. L., Fernandes, A., & Formosinho, J. (1991). *A Construção Social da Educação Escolar*. Porto: Edições Asa.
- Ponte, M. L., & Serrazina, J. P. (2000). *Didática da Matemática do 1.º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Postic, M. (2008). *A Relação Pedagógica*. Lisboa: Padrões Culturais Editora.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reis, M. P. (2008). *Dissertação de Doutoramento: A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Universidade de Málaga: Facultad de Ciencias de la Education.
- Ribeiro, A. C., & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e Avaliação do Ensino - Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rodrigues, D. D. (2002). *A infância da arte, a arte da infância*. Porto: Asa.
- Roldão, M. d. (2008). *Gestão do currículo e avaliação de competências - As questões dos professores*. Barcarena: Editorial Presença.
- Román, M., & López, E. D. (2001). *Diseños curriculares de aula - un modelo de planificación como aprendizaje-enseñanza*. Argentina: Novedades Educativas.
- Ruivo, I. M. (2009). Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus. *Dissertação de Doutoramento*. Universidad de Málaga: Facultad de Ciências de la Education.
- Serrazina, L. (2002). *A formação para o ensino da matemática na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora.
- Severino, M. A. (2007). *Supervisão em educação de infância: supervisores e estilos de supervisão*. Évora: Editorial Novembro.
- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Sim-Sim, I., Silva, A. C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação - música e artes plástica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Spodek, B. (2010). *Manual de Investigação em Educação de Infância, 2.^a Edição* (2^a Edição ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Spodek, B., & Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Teberosky, A., & Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever - uma proposta construtiva*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Telmo, I. C. (2000). *O património e a escola. Do passado ao futuro*. Lisboa: Texto Editora.
- Vayer, P., & Trudelle, D. (1999). *Como aprende a criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Veloso, R. M. (2001). *Literatura infantil e práticas pedagógicas*. Lisboa: Malasartes, cadernos de literatura para a infância e a juventude, nº6 (22-24).
- Viana, F. L., & Teixeira, M. M. (2002). *Aprender a Ler - Da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições Asa.
- Vieira, F., Moreira, M. A., Barbosa, I., Paiva, M., & Fernandes, I. S. (2009). *No catedroscópio da supervisão: imagens da formação e da pedagogia*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Wassermann, S. (1990). *Brincadeira séria na escola primária*. Lisboa: Instituto Piaget (trabalho original em Inglês publicado em 1990).
- Wiertsema, H. (1991). *100 jogos de movimento*. Rio Tinto: Edições ASA.
- Zabalza, M. A. (1987). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Lisboa: Edições ASA.
- Zabalza, M. A. (2001). *Didáctica da educação infantil*. Porto: Edições ASA.
- Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.